



Universidade Federal
de Campina Grande



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**DOS ALTO-FALANTES ÀS EMISSORAS DE RÁDIO: A HISTÓRIA
DO RÁDIO EM CAJAZEIRAS.**

MARIA APARECIDA GOMES DE SOUSA

**CAJAZEIRAS-PB
2013**

MARIA APARECIDA GOMES DE SOUSA

**DOS ALTO-FALANTES ÀS EMISSORAS DE RÁDIO: A HISTÓRIA
DO RÁDIO EM CAJAZEIRAS.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Rita Uhle.

CAJAZEIRAS – PB

2013

MARIA APARECIDA GOMES DE SOUSA

**DOS ALTO-FALANTES ÀS EMISSORAS DE RÁDIO: A HISTÓRIA
DO RÁDIO EM CAJAZEIRAS.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, como parte dos requisitos para a obtenção do título de graduada em História.

Cajazeiras – PB

2013

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S725d Sousa, Maria Aparecida Gomes de
Dos alto-falantes às emissoras de rádio: a história
do rádio em Cajazeiras./Maria Aparecida Gomes de
Sousa. Cajazeiras, 2013.
102f.: il.

Orientadora: Ana Rita Uhle
Monografia (Graduação) – UFCG/CFP

1.Rádio-história-Cajazeiras-Paraíba.2.Emissoras de
rádio. 3. Rádiodifusão. I. Uhle, Ana Rita II. Título.

UFCG/CFP/BS

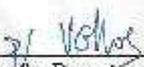
CDU - 654.195(091)(813.3)

MARIA APARECIDA GOMES DE SOUSA

DOS ALTO-FALANTES ÀS EMISSORAS DE RÁDIO: A HISTÓRIA DO
RÁDIO EM CAJAZEIRAS

Monografia aprovada em: 11 / 09 / 2013

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Ana Rita Uhe – UFCG – Orientadora



Profa. Ms. Rosilene Alves de Melo – UFCG – Examinadora



Prof. Esp. Rubismar Marques Galvão – UFCG – Examinador

Profa. Dra. Maria Lucinete Fortunato – UFCG – Suplente

Profa. Ms. Rosemere Olimpio Santana – UFCG – Suplente

Oração do radialista

Senhor, faça deste microfone um condutor da verdade
Mantenha-me firme e sereno para equilibrar o meu senso de justiça.
Direcione o meu conhecimento para produzir faíscas de esperança.
Não permita que me perca pelos caminhos distantes da razão.
Jamais deixe algum sentimento distorcer a essência do que precisa ser dito.
Senhor, ilumine as minhas palavras para que elas carreguem alento.
Conceda-me sabedoria para falar e bastante paciência para saber ouvir.
Inspira-me com bons pensamentos e que eu defenda apenas o que acredito.
Senhor, mantenha-me seguro todos os dias na sinuosa pista da humildade.
Que a minha voz se faça ouvir sem frieza nem sensacionalismo.
Livra-me da arrogância, do medo, da vaidade e da indiferença.
Evite que usem indevidamente a minha voz para prejudicar alguém.
Faça de mim porta voz da cidadania, da credibilidade e da isenção.
Senhor, impeça que eu induza a pré-julgamentos ou a condenações.
Corrija o meu excesso de individualidade e me torne mais flexível.
Dá-me firmeza para eu não escorregar nas armadilhas da palavra.
Senhor, proteja minhas cordas vocais, ferramenta do meu ganha pão.
Proteja, Senhor, a todos os meus ouvintes, razão do meu trabalho.

Autoria: Léo Saballa¹.

¹ Disponível em <http://www.carosouvintes.org.br/blog/?p=6629>

DEDICATÓRIA

A **Francisco Eugênio Paccelli Gurgel** (em memória). Foi a forma como você transmitia seus conhecimentos que despertou minha paixão pela História. Obrigada pelos ensinamentos!

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, meu Pai, que além de me dar o dom da vida vem me agraciando diariamente com seus cuidados, obrigada Senhor, pelo conforto e pelo ânimo dado, sempre que foi pedido, tão fundamentais para a realização deste trabalho.

A minha Família, minha mãe Rosa Gomes de Sousa, mulher guerreira e determinada em quem me espelho diariamente, a minha Irmã, Janaína Gomes de Sousa, um presente que Deus enviou a nossa família, a pessoa mais linda e generosa que conheço, a meu irmão, Rodrigo Gomes de Sousa, pelos atos de carinho e pela confiança que me deposita diariamente, a meu pai, Janduhy Ribeiro de Sousa, que mesmo distante torce por minha vitória, a vocês família, dedico todas as conquistas.

Os meus sinceros agradecimentos a minha orientadora, Dr^a Ana Rita Uhle, pelo tempo e dedicação que foram dados a esta pesquisa desde os passos iniciais e por, mesmo durante sua gestação, continuar me acompanhando, uma mulher que além de intelectual é humana, sem seu apoio eu não teria conseguido.

A Viviane Gomes de Ceballos, por todo apoio dado na etapa final da realização deste trabalho, muito obrigada pela prontificação e pela confiança que a me foi passada no momento de defesa, seu apoio foi fundamental.

Agradeço a banca examinadora por ter aceito o convite e pelas colaborações que, tenho certeza, enriquecerão esta pesquisa.

Aos professores da graduação, que tanto contribuíram para minha formação acadêmica. A lista é longa, mas gostaria de agradecer em especial a Maria Lucinete Fortunato, pelos ensinamentos quando foram dados os primeiros passos nas cadeiras de Projeto de Pesquisa, a José Antônio de Albuquerque e Mariana Moreira Neto, por toda ajuda e disponibilidade no decorrer da pesquisa.

Aos entrevistados, Antônio Wilson Lacerda, José Gunegunes de Aquino Silva, José Antônio de Albuquerque e Mariana Moreira Neto, que através dos seus depoimentos me possibilitaram a realização deste trabalho.

A meus queridos colegas de curso, pelos cinco anos de convívio, pessoas com quem compartilhei risos, conhecimento, angústias e incertezas, de vocês guardarei boas lembranças e muitas saudades. Em especial agradeço a Nadja Claudinale, Girlene Terto,

Gerlândia Nascimento, mas que amigas, irmãs, que sempre me apoiaram e me deram a mão nos momentos difíceis, vocês terão para sempre meu respeito e minha admiração.

Aos amigos, pessoas que vivenciaram comigo as angustias dos momentos de incerteza e que vibraram a cada conquista, foram muitos, mais em especial gostaria de agradecer a vocês, Josefa Emiliany Barros de Sousa e Charles Leandro Holanda Izaquiel, mais que amigos, anjos. Obrigada por me fazerem sentir capaz, pelas horas de desabafo, pelo carinho e atenção, eu amo muito vocês!

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade refletir sobre os discursos acerca da implantação de emissoras de rádio no Brasil e no estado da Paraíba, objetivando analisar, mais especificamente, as singularidades da instalação de emissoras de rádio na cidade de Cajazeiras, no interior paraibano, através das memórias de radialistas. Assim, buscamos analisar o processo de radiodifusão em Cajazeiras, iniciado na década de 1930, focando principalmente o momento de instalação e de desenvolvimento das duas primeiras emissoras, a Difusora Rádio Cajazeiras e Rádio Alto Piranhas, até os dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Radiodifusão, memória, História.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – MÍDIA SONORA E CULTURA DE MASSA NO BRASIL.....	14
CAPÍTULO II – RÁDIO NA PARAÍBA: DA PRIMEIRA TRANSMISSÃO ÀS PRIMEIRAS EMISSORAS.....	33
CAPÍTULO III – MEMÓRIAS DO RÁDIO: O CASO DE CAJAZEIRAS.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS.....	73
ANEXOS.....	78
Anexo 1: Histórico da Difusora Rádio Cajazeiras.....	78
Anexo 2: Contrato social da Rádio Alto Piranhas.....	79
Anexo 3: Entrevista realizada com José Gunegunes de Aquino Silva.....	83
Anexo 4: Entrevista realizada com Antônio Wilson Lacerda.....	85
Anexo 5: Entrevista realizada com Mariana Moreira Neto.....	89
Anexo 6: Entrevista realizada com José Antônio de Albuquerque.....	96

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, intitulada “Dos alto-falantes às emissoras de rádio: a história do rádio em Cajazeiras”, objetiva analisar as singularidades do processo de radiodifusão na cidade de Cajazeiras-PB, através do depoimento de alguns radialistas da região, no intuito de colher dados que possibilitem uma interpretação, criando, assim, uma ponte entre o passado e o presente, através das experiências individuais dos entrevistados.

Nossa pesquisa tem início na década de 1930 quando são instalados os serviços de alto-falantes. No entanto, priorizaremos a análise das duas primeiras emissoras - a Difusora Rádio Cajazeiras e a Rádio Alto Piranhas - do momento de sua fundação até os dias atuais, esse recorte temporal se deu muito em função da fala dos depoentes, que nos fornecem informações das rádios do momento de sua fundação a contemporaneidade.

Visamos analisar o processo de radiodifusão em Cajazeiras, tendo como embasamento teóricos que versem sobre o tema em questão, além da realização de pesquisa em acervos documentais², ainda nos remeteremos à história oral procurando “fazer com que o depoimento não desloque nem substitua a pesquisa e a consequente análise histórica (...)” (LOZANO, 1996, p.17), mas fazendo com que elas se integrem. Segundo Tincani (2010, p. 28) “nos dias de hoje, os estudos que envolvem o resgate da memória midiática têm sido tema de diversas pesquisas acadêmicas”, nesse sentido a nossa vem integrar esse quadro.

O presente trabalho está dividido em três capítulos que abrangem a história do rádio no Brasil, na Paraíba e em Cajazeiras, entendendo a necessidade de se contextualizar o processo de radiodifusão no Brasil e na Paraíba antes de adentrarmos em uma análise do contexto regional.

No primeiro capítulo, “Mídia sonora e cultura de massa no Brasil”, analisamos o processo de instalação de emissoras de rádio no Brasil e seu uso como difusor da cultura de massa. As primeiras transmissões de rádio no Brasil se deram na década de 1920, no Rio de Janeiro, impulsionados, sobretudo, por um novo dinamismo econômico e pelo desenvolvimento técnico industrial no país, fruto do que seria a Segunda Revolução Industrial, e que resultaria em uma drástica transformação do *modus vivendi* da sociedade, principalmente nos centros urbanos. Assim, o rádio surge, no Brasil, como

² Histórico da Difusora Rádio Cajazeiras e Contrato social da Rádio Alto Piranhas, ver em anexo.

resultado do desenvolvimento das relações capitalistas e do desenvolvimento técnico industrial e como propagador da cultura e da educação, característica idealizada por Edgar Roquete Pinto. Esta característica prevaleceu até 1932 quando a publicidade foi regulamentada através do Decreto n. 21.111, quando o rádio trilharia novos caminhos, despertando para o lucro e galgando espaços em meio aos ouvintes, passando a funcionar como o meio de comunicação de massa que hoje conhecemos.

O segundo capítulo “Rádio na Paraíba: da primeira transmissão às primeiras emissoras”, damos início a uma análise regional, enfocando personagens e programas que marcaram a história do rádio no Estado. Na Paraíba, a primeira emissora de rádio surge como clube e com espaços voltados para a educação, funcionando através da contribuição de seus sócios. No entanto, já havia sido percebida a importância econômica e social do rádio, tendo em vista o fato de que a Rádio Clube da Paraíba surgiu como uma forma de reagir a presença e a influência que a Rádio Clube de Pernambuco tinha no Estado, nesse sentido a Rádio Clube da Paraíba marca o início de uma história promissora do rádio na região.

O terceiro e último capítulo, “Memórias do rádio: o caso de Cajazeiras” visa a construção da história do rádio em Cajazeiras através da oralidade, pensando sobre o papel atribuído ao rádio no cotidiano local, também sobre os programas e personagens que marcaram época nos anos iniciais e sobre as transformações pelas quais esse veículo de comunicação passou ao longo dos anos. O foco neste capítulo se voltará para as duas primeiras emissoras da cidade, a Difusora Rádio Cajazeiras e a Rádio Alto Piranhas, refletindo sobre o lugar social ocupado por elas na cidade.

“Estudar então configurações midiáticas que presentificam aspectos de uma memória radiofônica construída com o passar dos anos é buscar refletir sobre o que foi vivido, mas não uma vivência guardada no passado, e sim a experiência que ainda hoje está presente, pois configura a trajetória do indivíduo com as mídias”. (BIANCHI, 2010, p. 15).

Neste sentido analisaremos, através do uso da história oral, a trajetória e a relação dos indivíduos com o rádio em Cajazeiras.

Assim, pensar o panorama de inserção e desenvolvimento de emissoras de rádio no Brasil, na Paraíba e na cidade de Cajazeiras, bem como pensar os personagens que fizeram parte dessa história, é sem dúvida uma atividade muito prazerosa, tendo em

vista o reconhecimento do lugar de importância que este veículo de comunicação ocupa na sociedade.

Por fim a postura assumida neste trabalho será crítica, tendo em vista o entendimento de que na pesquisa histórica a realidade e a totalidade dos fatos não se dão objetivamente, pois, “não obstante, a evidência oral também exige e deve ter a mesma receptividade e os mesmos controles críticos que se aplicam aos artigos de jornal, a um relatório político ou a um documento lavrado em cartório” (LOZANO, 1996, p. 24).

CAPÍTULO 1

Mídia sonora e cultura de massa no Brasil

A implantação do sistema de rádio se constitui em uma conquista de relevante importância, se pensarmos a partir das constatações de Makovics (2003, p. 4), de que “Poucas realizações humanas tiveram sucesso tão rápido e êxito quanto a radiodifusão. De um país a outro, seu desenvolvimento variou em alguns aspectos, mas em todo mundo o novo invento foi recebido com entusiasmo”. Diante de tal afirmação, neste capítulo, faremos um exercício de reflexão sobre o papel e a importância deste veículo de comunicação, como também o lugar que o mesmo ocupa na sociedade. Para tal feito, devemos antes pensar as circunstâncias em que se deu a difusão do rádio como meio de comunicação no Brasil.

O desenvolvimento das relações capitalistas e o desenvolvimento técnico industrial, cada vez mais acelerado, levou ao surgimento de uma nova sociedade condicionada pelos meios de comunicação e com novas exigências culturais, atingindo-se no Brasil uma “etapa de desenvolvimento capitalista em que os produtos da cultura se transformam em mercadorias” (SODRÉ, 1999, p.64/65).

Este período, segundo Edgar Morin (2002), corresponderia aos tempos de uma segunda industrialização iniciada no começo do século XX quando já se tem instaurado o poderio industrial, seriam tempos da industrialização do espírito onde a colonização não seria mais da África ou Ásia, seria da alma, os sonhos e fantasias passaram a ser fabricados e vendidos comercialmente.

Desta forma fica fácil compreender o que Nicolau Sevcenko tenta nos dizer quando afirma que “nenhuma impressão marcou mais fortemente as gerações que viveram entre o final do século XIX e o início do século XX do que a mudança vertiginosa dos cenários e dos comportamentos, sobretudo no âmbito das grandes cidades.” (1998, pag.514)

Diferente dos que já se adaptaram e até já perderam a capacidade de reagir às modificações do mundo moderno - o que Simell chama de “fenômeno anímico”- os que foram atingidos por essa onda de novos recursos técnicos, ou melhor, os que segundo Sevcenko viveram “entre a última década do século XIX e as primeiras do século XX”

foram envolvidos em um período de transformações em que tudo era novo e desconhecido, sendo este o período definidor de uma nova identidade. Assim sendo

“Estimuladas sobretudo por um novo dinamismo no contexto da economia internacional, essas mudanças irão afetar desde a ordem e as hierarquias sociais até as noções de tempo e espaço das pessoas, seus modos de perceber os objetos ao seu redor, de reagir aos estímulos luminosos, a maneira de organizar suas afeições e de sentir a proximidade ou o alheamento de outros seres humanos. De fato nunca em nenhum outro período anterior tantas pessoas forma envolvidas de modo tão completo e tão rápido num processo dramático de transformação de seus hábitos cotidianos, suas convicções, seus modos de percepção e até seus reflexos instintivos”. (SEVCENKO, 1998 pag. 8/9)

A raiz de todas estas mudanças pode ser encontrada em fins do século XVIII com a Revolução Industrial que dinamizou a economia gerando mudanças significativas no meio social, principalmente nas grandes cidades que, segundo Simell (2005), “sempre formam o lugar da economia monetária”. Com a industrialização “era necessário transformar o modo de vida das sociedades tradicionais, de modo a instilar-lhes os hábitos e práticas de produção e consumo conformes ao novo padrão da economia de base científico- tecnológica.” (SEVCENKO,1998, pag.12/13)

O que Sevcenko (1998) chama de “Revolução Científico-Tecnológica” diz respeito ao segundo momento da Revolução Industrial que teria seu pleno desenvolvimento em 1870. Desta forma a primeira Revolução Industrial teria dado origem as unidades básicas produtivas: o carvão, o ferro e as máquinas a vapor, enquanto este segundo momento seria o “resultado da aplicação das mais recentes descobertas científicas aos processos produtivos” o que daria o impulso necessário para a “consolidação da unidade global do mercado capitalista”.

“No curso de seus desdobramentos surgirão, apenas para se ter uma breve idéia, os veículos automotores, os transatlânticos, os aviões, o telégrafo, o telefone, a iluminação elétrica e a ampla gama de utensílios eletrodomésticos, a fotografia, o cinema, a radiodifusão, a televisão, os arranha-céus e seus elevadores, as escadas rolantes e os sistemas metroviários [...]” (SEVCENKO,1998, p.9)

Compreende-se então, a existência de uma visível transformação dos hábitos dos moradores dos grandes centros urbanos instigados, em certa medida, pelos avanços tecnológicos e pela Revolução Industrial, confirmando o fato de “que a

moderna sociedade de massas só se tornou possível, operacionável, graças aos recursos das novas tecnologias” (SEVCENKO, 1998, p 582).

Estes novos recursos tenderão a instigar uma padronização dos comportamentos através, sobretudo, dos meios de comunicação que funcionam como um forte instrumento de manipulação ideológica. Dentre os quais podemos citar o rádio³, que mostra-se no Brasil a partir da década de 20 um importante meio de comunicação entre as massas, segundo Rodrigues (2003) “até meados dos anos 50, ele foi o meio de comunicação privilegiado, um vendedor de produtos, de opinião e de ilusões”.

Diante de tantas transformações surge também uma nova cultura. Em sua análise, Morin entende a cultura de massa como sendo mais uma das modalidades de cultura existentes. Pois uma das características da sociedade moderna é o variado número de culturas (nacional, humanista, religiosa) e a estas se acrescenta outra, uma cultura procedente da imprensa, do rádio, da televisão, do cinema, “é no amanhã da Segunda Guerra Mundial que a sociologia americana, reconhece a Terceira Cultura e a domina: *mass culture*.” (2002, p.14).

Sendo esta uma cultura industrial, pois está pautada no lucro, acaba transformando as criações artísticas em mercadoria havendo mesmo uma profissionalização do que antes era feito para divertimento por amadores. Desta forma a cultura é transformada em produto, industrialmente fabricada, visando satisfazer uma gama variada de gostos para obter consumo do maior número de pessoas possível e, conseqüentemente, aumentar seu lucro. Desta forma:

“A cultura de massa é o produto de um diálogo entre uma produção e um consumo. Esse diálogo é desigual. *A priori*, é um diálogo entre um prolixo e um mundo. A produção (o jornal, o filme, o programa de rádio) desenvolve as narrações, as histórias, expressa-se através de uma linguagem. O consumidor - o espectador- não responde, a não ser por sinais pavlovianos; o sim ou o não, o sucesso ou o fracasso”. (MORIN, 2002, p. 46)

No entanto esta cultura é negada pelos intelectuais existindo uma divisão entre a cultura dos eruditos e a cultura da massa, havendo, pois, uma diferenciação entre o que é criação intelectual e o que é produção industrial, entre qualidade e quantidade. Mesmo

³ Usaremos o termo “o rádio” todas as vezes que nos referimos ao rádio como veículo de comunicação massiva, como uma mídia. Utilizaremos o termo “a rádio” todas as vezes que nos referimos especificamente a uma emissora de transmissão de som através de ondas eletromagnéticas.

que se tente negar, o universo da cultura de massa permeia todas as classes sociais, até os que tentam e/ou criticam estes meios de comunicação como alienantes acabam o fazendo por meio deles mesmo, através dos jornais, das rádios, etc.

Segundo Nunes (1973, p.23) “só o avanço irreprimível dos meios de comunicação veio precipitar os acontecimentos, forçando a ‘nobreza’ da cultura a descer à várzea popular, deixando-se também por ela penetrar-se”. Com isso, segundo o autor, com a massificação da cultura, possibilitada pelo desenvolvimento técnico industrial, esta não seria mais, apenas, privilégio dos tidos como intelectuais, eruditos e cultos, sua produção se daria de uma maneira que pudesse alcançar a todos os segmentos da sociedade.

Nascida nos Estados Unidos, a cultura de massa tem como características a padronização e a homogeneização dos gostos e dos costumes. Tem um caráter coletivo e cria através dos recursos de comunicação uma consciência de grupo facilitada por sua penetração no cotidiano da sociedade, objetiva-se diminuir as diferenças nacionais através de uma tendência cosmopolita e abrange um público cada vez maior com seu sincretismo/ecletismo. Desta forma “(...) a cultura industrial é o único grande terreno de comunicação entre as classes sociais: o operário e o patrão controlarão Piaf ou Dalida, (...) terão (quase no mesmo instante) visto o mesmo filme”. (MORIN, 2002, p. 41).

Resta então nos perguntar: que tipo de cultura é irradiada através destes meios de comunicação tão eficazes e abrangentes? Sodré (1999) nos diz que esta é uma preocupação dos estudiosos desde a popularização do rádio, segundo ele “além de seu baixíssimo nível e de seu teor desumanizante, tende cada vez mais, à desnacionalização, ao esmagamento da nossa herança cultural”. A internacionalização seria uma das características da cultura de massa, pois na busca por um grande público, com teor cosmopolita, as culturas nacionais estariam fadadas ao desaparecimento. Diante desta padronização exagerada podem ser percebidos anseios pela individualização, Nunes (1973, p.20) nos diz que é deste cenário que surgem “as manifestações ‘hippies’, as modas extravagantes, a reversão às antiguidades, as manifestações artísticas e decorações excêntricas, as músicas caprichosas, etc.” em uma aspiração a diferenciação em meio a tanta uniformização.

Segundo Sodré (1999) dentre estes meios de comunicação que tem como características a padronização dos gostos e a homogeneização, o rádio só veio a se difundir entre nós, com estas características, a partir de 1930, depois de um período de infância nos anos 20 por não ter ainda despertado para os fins lucrativos. No entanto o cinema foi o primeiro meio de comunicação de massa a se expandir no Brasil, tendo em vista que a imprensa, por exigir a alfabetização, não se difundiu de maneira progressiva.

Mas nenhum desses dois instrumentos de comunicação conseguiu superar o rádio como difusor da cultura de massa, pois “o que a princípio era um privilégio de um grupo fechado que se reunia em torno do rádio para produzi-lo e para ouvi-lo, acabou explodindo no que viria a ser o mais poderoso de todos os veículos de comunicação” (CARVALHO, apud, Campelo, 2009, p.78). Sua capacidade de penetrar nos mais variados ambientes passando pois a atingir um público grande e homogêneo, lhe dá a inclinação à abolir as distâncias e a se popularizar.

Uma de suas características é a praticidade, pois, por não exigir um grande nível de concentração para a compreensão de suas mensagens (tendo em vista que um de seus objetivos é proporcionar ao ouvinte o entretenimento) pode ser ouvido no desenvolver de outras atividades, passando a ser, por exemplo, um grande companheiro dos agricultores em sua lida no campo, das donas de casa nos afazeres domésticos, no ambiente de trabalho, etc. Segundo Makovics (2003, p.13) este “é o veículo mais dinâmico devido a facilidade de nos acompanhar e de transmitir de qualquer parte do mundo.”

Antes de o rádio se transformar neste potente meio de comunicação houve um longo processo tecnológico, iniciado em 1753, quando “(...) Benjamin Franklin propôs o que depois serviria como princípio para o desenvolvimento do telégrafo e do telefone: a possibilidade de usar a eletricidade para a transmissão de mensagens a distância.” (LOPEZ, 2009, p.465). O autor ainda ressalta que no século seguinte foram desenvolvidos estudos que levariam a radiotelegrafia, na Europa e no Brasil, por Guglielmo Marconi (1896) e Padre Landell de Moura (1893-1894) objetivando-se a transmissão de sons sem fios e a distância. A este respeito Almeida (2011) nos diz que embora a transmissão de sons sem fios seja oficialmente atribuída a Guglielmo Marconi, o verdadeiro idealizador de tal feito é padre brasileiro Landell:

“Esse erro histórico precisa ser retificado em todos os níveis de ensino e nos livros de história, até porque Marconi inventou o telégrafo sem fios, um aparelho que transmitia sinais em código Morse, enquanto a engenhoca do brasileiro emitia e recebia a voz humana. Como, naquele tempo, se dizia que Marconi inventou a radiotelegrafia, estendeu-se, equivocadamente (ou propositalmente) a glória da invenção do rádio ao italiano. É fato, contudo, que Landell inventou a radiofonia que nada mais é do que, reitero, o rádio tal como o conhecemos”. (2011, p. 10).

Ainda a respeito da invenção de Roberto Landell Moura, Prado (2012, p. 35) nos diz que suas primeiras experiências foram feitas entre 1892 e 1893 em Campinas e São Paulo, mas mesmo diante de seu esforço “o cientista não conseguiu recursos financeiros para suas experiências, não contou com o apoio do governo e só teve reconhecimento após sua morte”, um exemplo desse reconhecimento pós-morte é o selo que foi criado em 2011 pela Empresa Brasileira de Correios em comemoração aos 150 anos de seu nascimento⁴.

Ilustração 1:



Após a experiência da radiotelegrafia é que surge a ideia de se utilizar de tal feito para a difusão da comunicação em massa. Segundo Makovics, no ano de 1916 David Sarnoff propôs a seus superiores da empresa Marconi Company a construção de

⁴ “O desenho foi composto utilizando uma imagem do Padre Landell (busto) e do aparelho (...) ao fundo são reproduzidas a patente obtida em 1904, nos Estados Unidos, e a planta do aparelho”. Disponível em: <http://www.correios.com.br/selos/selos_postais/selos_2011/selos2011_03.cfm>. Acessado em 24 de julho de 2013.

aparelhos radiorreceptores “mas nessa época, a Marconi Company interessava-se unicamente em comunicações comerciais, e a proposta não foi levada em consideração” (2003, p.4). A este respeito Lopez nos diz que:

“(…) O rádio, como meio de comunicação, foi constituído somente em 1916, quando David Sarnoff, que trabalhava na Marconi Company, previu esta configuração. Quatro anos depois, a Westinghouse Electric and Manufacturing Company criou a KDKA, primeira emissora de rádio oficialmente constituída.” (2009, p. 466).

No Brasil, segundo dados da ABERT (Associação Brasileira de Rádio e Televisão) “O Rádio foi oficialmente inaugurado em sete de setembro de 1922, na cidade do Rio de Janeiro. O primeiro programa foi o discurso do Presidente Epitácio Pessoa” (2010, p. 47). A transmissão deste acontecimento foi feita através de alto-falantes instalados nas ruas e com o transmissor instalado no alto do Corcovado. Após a transmissão do discurso do presidente foram feitas outras comunicações durante as festividades do evento, os cem anos da Independência. No entanto, existem controvérsias quanto à esta data pois segundo Ortriwano (1985) existiram experiências radiofônicas feita por amadores de Recife que antecederam a do Rio de Janeiro, sendo “no dia 6 de abril de 1919, quando, com um transmissor importado da França, foi inaugurada a Rádio Clube de Pernambuco por Oscar Moreira Pinto, que depois se associou a Augusto Pereira e João Cardoso Ayres”. A autora reconhece que historicamente a inauguração do rádio no Brasil é datado de 7 de setembro de 1922 com o Centenário da Independência, mas considera como marco o ano de 1923.

Desta forma tudo começa mesmo no ano de 1923 com Roquette Pinto, considerado o pai do rádio brasileiro. Um “pai” que tinha o sonho de fazer do rádio um instrumento que levasse cultura às massas e que, com isso, diminuísse o analfabetismo. Santos (2009, p.22) nos diz que “Foi ele quem fundou em 1923, juntamente com o amigo e também professor Henry Morize, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, reconhecida como a primeira emissora de rádio brasileira”, com ideais educativos. Ainda “em novembro do mesmo ano é criada a segunda rádio no Brasil, a Sociedade Rádio Educadora Paulista” (ABERT, 2010, p.47).

No que diz respeito a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, esta era vista como um modelo a ser seguido no, tocante a difusão de cultura e educação. Ribeiro (2009, p.205) nos diz que, apesar do amadorismo existente no momento, “seus programas procuravam

levar aos lares o melhor da produção científica, intelectual e artística que circulava no Rio de Janeiro”. Segundo o autor, no ano de 1925, a ABE (Associação Brasileira de Educação) elabora um plano que visa a utilização do cinematógrafo e da radiotelefonía como propagadores da educação. Neste período a educação era uma das preocupações centrais para o desenvolvimento do país, ao lado da saúde.

Segundo Zuculoto (2009, p.370) a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi doada por Roquette ao governo federal no ano de 1936 para impedir que ela se desviasse de seu objetivo primeiro que era a missão educativa e passasse a depender da publicidade “por isso, a doação foi feita ao então Ministério da Educação e Saúde, mediante a condição de que continuasse voltada à educação e à cultura”. A rádio foi denominada pelo governo de Getúlio Vargas, como Rádio Ministério da Educação (MEC- Rio).

No entanto, neste período, o rádio vivia seus tempos de glória, com uma programação voltada mais para as massas, onde as transmissões funcionavam como espetáculos e eram pautadas no lucro, havendo, pois, certa influência deste panorama nas programações da MEC- Rio. Desta forma, segundo Zuculoto (2009, p.374-375), “além de prosseguir com programações eruditas, passou a transmitir MPB, samba, músicas regionais, música internacional, incluindo jazz (...)”.

Ainda motivado por essa paixão, que seria a difusão do ensino através do rádio, Roquete Pinto funda em 1934 uma estação de rádio voltada para as escolas do município do Rio de Janeiro, a Rádio-Escola Municipal (PRD5), a emissora “recebeu de Roquette o lema ‘Ensinar para educar; educar para servir à Pátria’”. (RIBEIRO, 2009, p.201). Mais tarde, em 1937, a rádio passaria para a direção de Francisco Gomes Maciel Pinheiro, um professor de física e segundo Ribeiro (2009) um discípulo de Roquette Pinto. O autor ainda nos diz que a emissora herda de seu fundador a preferência das ciências físicas em detrimento das humanas, e que a dinâmica da apresentação dos programas era a apresentação dos assuntos através de diálogos, com perguntas e respostas. Mas a utilização do rádio não para por aí. Desta forma:

“Nos primeiros anos da década de 30 o rádio brasileiro funcionava num total improvisado, as primeiras emissoras nasceram como clubes e associações, depois as designações de Rádio Clube e Rádio Sociedade em todos os Estados do Brasil. As emissoras não sobreviviam da publicidade, proibida pela legislação da época, mas da contribuição de doações dos associados e entidades privadas. O rádio ainda não era um ‘negócio’, não tinha estrutura empresarial. Em 1932, com a

autorização pela legislação a receber pagamentos por veiculação de publicidade comercial, o rádio passa para uma nova fase, deixa de servir uma elite e passa a ser realmente um veículo de comunicação de massa, época em que o Brasil vive momentos de mudanças significativas.” (MAKOVICS, 2003, p.7).

Afirmando o que foi supracitado, Ortriwano (1985, p.14), nos diz que o rádio no Brasil “nasceu como um empreendimento de intelectuais e cientistas e suas finalidades eram basicamente culturais, educativas e altruísticas”, tinha características elitistas, sendo controlado por quem dispusesse de poder aquisitivo (após a regulamentação da publicidade o quadro não mudou muito), além de uma programação elitizada e de difícil acesso para a maioria da população tendo em vista o alto preço dos receptores, o que deixava a margem uma parte da população e que era privilégio de um grupo específico. Segundo Campelo (2009, p.77) “no início, a programação assumiu um sentido educacional marcante e, paulatinamente, foi se configurando no cotidiano das pessoas”, com uma programação que contemplava, por exemplo, música erudita e declamação de poesias, seus colaboradores poderiam também trazer os discos que seriam tocados, estes em sua maioria de música clássica.

Foi um período em que as transmissões ocupavam um curto espaço de tempo e o que era mais difundido, eram as músicas, não havendo uma preocupação com o diálogo com o público ou com a divulgação de notícias, por exemplo. Lopez (2009, p. 468) nos diz que “a primeira aparição do jornalismo no rádio brasileiro aconteceu na PRA-2, Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Edgar Roquette-Pinto, considerado o pai do veículo no país, apresentava o *Jornal da Manhã*, de segunda a sexta-feira”. Ainda a respeito da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro Prado (2012, p. 58) nos diz que a mesma “(...) tinha diversos programas com aulas de português, história e geografia, além de palestras”.

As rádios clube ou rádio sociedade, como eram conhecidas, por funcionarem como clubes ou associações, mantinham-se através de colaborações financeiras de seus membros, pois a lei que permitiria a publicidade só viria a ser promulgada em 1932, no governo de Getúlio Vargas. Desta forma, segundo Ortriwano (1985, p.14) “o rádio se mantinha com mensalidades pagas pelos que possuíam aparelhos receptores, por doações eventuais de entidades privadas ou públicas e, muito raramente, com a inserção de anúncios pagos, que a rigor eram proibidos (...)”. Antes disto, ainda em 1931, “Getúlio Vargas promulgou o primeiro estatuto da radiodifusão brasileira. De acordo

com o Decreto n. 20.047, a radiodifusão foi definida como um ‘serviço de interesse nacional e de finalidade educativa’”. (RODRIGUES e SILVA, 2009, p. 106).

Essa característica pautada no viés educativo e no interesse da nação prevaleceu até 1932 quando a publicidade foi regulamentada através do Decreto n. 21.111, no dia primeiro de março. A partir deste momento o rádio passou a inserir em sua programação a publicidade no intuito de obter lucro, assumindo um caráter eminentemente comercial e uma estrutura empresarial. Os reclames comerciais começaram a ser inseridos na programação voltada para a população. Uma população composta de consumidores dos produtos industriais que agora se encontram no mercado.

“Dessa maneira, a proporção do tempo destinado à veiculação publicitária foi-se expandindo dos 10% iniciais para 20% e depois para 25%, índice permitido pela legislação atual. De qualquer forma, este último limite foi alcançado na tentativa de se coibir os abusos das emissoras que, na ânsia de faturar, já incomodavam ouvintes e até anunciantes com tantas interrupções.” (MAKOVICS, 2003, p.7).

O perfil do rádio transformou-se, no intuito de conquistar um número maior de ouvintes e assim garantir o interesse dos anunciantes em suas emissoras. Passou a haver uma popularização cada vez maior das programações, com isso, segundo Ortriwano (1985, p. 16), “os empresários começaram a perceber que o rádio é muito mais eficiente para divulgar seus produtos do que os veículos impressos, inclusive, devido o grande número de analfabetos”. Makovics (2003, p.9) ainda nos diz que, no ano de 1942, segundo dados da Imprensa Brasileira do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), existiam 75 emissoras no Brasil, e estas 75 emissoras lutavam entre si por patrocínios e por lucro.

No que diz respeito ao sistema de concessões para funcionamento das emissoras e a forma como ele é feito pelo Estado, segundo artigo publicado pela Intervozes em 2007 na revista Gazeta⁵, entende-se que o mesmo se dá de maneira que acaba privilegiando alguns segmentos da sociedade em detrimento de outros. Existindo uma relação de promiscuidade onde se sobressaem os interesses particulares de empresários e políticos, que pode ser vista desde a difusão da mídia no país e acentuada à partir da década de 50. As emissoras de rádio e TV, segundo a Intervozes, operam através de

⁵Disponível em http://www.intervozes.org.br/publicacoes/revistas-cartilhas-e-manuais/revista_concessoes_web.pdf. Acessado em 05 de junho de 2013.

concessões públicas emitidas pelo Estado, sendo, pois, um bem público, mesmo assim são utilizadas para benefícios lucrativos e individuais. Desta forma

“Ao se debruçar sobre o atual modelo de outorgas – concessões, permissões e autorizações – de rádio e TV no Brasil, o que se encontra é um quadro pior do que a pessoa mais pessimista poderia esperar. Os empresários e políticos representantes das elites reinam sozinhos, ditam as regras e não cumprem nem o pouco que a lei prevê. Não há participação da sociedade no debate sobre a concessão e renovação das outorgas, que acontece sem responder a nenhum critério público (...) também não há fiscalização por parte do poder público, o que permite que haja emissoras em funcionamento com outorgas que já venceram há quase 20 anos. Deputados e senadores continuam controlando emissoras, embora a Constituição proíba” (2007, p.3).

Corroborando com essa ideia Conceição e Ferreira (2011, p.173), nos dizem que “hoje, no Brasil, empresários, políticos e religiosos disputam o campo das comunicações a partir de um lugar privilegiado”. Este lugar seria o comando das concessões de RTV, e com isso “tendem a monopolizar não apenas os meios de comunicação, mas também os conteúdos e os regimes de verdade”. Desta forma, por exemplo, instituições religiosas acabam fadando suas programações no proselitismo religioso abordando temas apenas de seu interesse sendo que muitas vezes “a programação não chega nem a garantir a representatividade das diferentes correntes religiosas que compõem a igreja beneficiária da concessão” (2011, p.161). Os autores ainda nos falam no caso dos políticos que “em nome de promover a educação e a cultura, organizam fundações para obter concessões e usá-las a favor dos seus mandatos” (2011, p.157), dois desses grupos de mídia que tem grande abrangência e que são de propriedade de políticos são o Sistema Mirante de Comunicação e o Sistema Difusora de Comunicação.

Enriquecendo o debate, Gaspar (2010, p. 16) ainda nos fala da ocultação e/ou da censura midiática da população negra nos meios de comunicação que seria resultado da falta de democracia com que se dá o sistema de concessões no Brasil, desta forma, em seu entendimento, a democracia no Brasil “deixa de se realizar integralmente e assim, perde a sua principal função, a de assegurar iguais direitos e oportunidades a todos, para, desfigurada, se transformar em mantedora de privilégios exclusivamente dos descendentes europeus”.

No entanto, segundo a Intervezes (2007) o quadro não é irreversível, mas, depende da vontade dos órgãos competentes, especialmente do Ministério das

Comunicações e da Anatel e de mudanças legais. As concessões não são feitas com transparência, o que dificulta a participação da população no processo, o que seria aceitável tendo em vista que este é um bem público. Um bem público que, devido ao mau uso, passa a se transformar em capitania hereditária, em oligopólio e/ou monopólio, privilégio de um grupo específico, devido ao longo tempo de uso dado aos concessionários (no caso da televisão 15 anos e do rádio 10 anos), e também a forma como se dá a renovação da concessão. Estas são feitas sem haver abertura para a concorrência ou uma avaliação para a renovação da outorga, existindo ainda casos em que a licença para transmissão está vencida o dobro do tempo permitido e mesmo assim as emissoras tendem a funcionar.

Desta forma, com a publicidade, perde-se a característica erudita e vê-se nascer a produção de uma cultura voltada para as massas, com a diminuição dos espaços voltados para a educação e cultura e com o aumento das práticas voltadas para o lazer e a diversão, as óperas, conferências científicas e as músicas eruditas foram substituídas pelas radionovelas, músicas populares, pelas estrelas do rádio, etc. A partir de então passa a existir marcadamente um afastamento dos ideais do “pai” do rádio no Brasil, Roquette Pinto, que considerava o rádio a escola dos que não tem escola e se inicia uma popularização do rádio.

Os anos de 1930 a 1940 ficaram historicamente conhecidos como a fase áurea do rádio, neste sentido:

“No final da década de 30, início dos anos 40, a radiofonia brasileira, então já consolidando seu sistema comercial, começa um tempo que passou para a história geral do veículo como a sua *fase de ouro*. Foi a era do rádio espetáculo, das grandes produções radiofônicas – de radionovelas aos programas de auditório e musicais, das orquestras próprias, cantores e conjuntos exclusivos das estações. As emissoras deixaram de ser clubes, tornaram-se empresas, funcionando no padrão *broadcasting* como as rádios norte-americanas.” (ZUCULOTO, 2009, p.369)

No entanto este período também foi caracterizado por uma forte intervenção do Estado na vida pública. Toda a década de 30 é marcada pela crise mundial capitalista de 1929⁶, que culminou em uma reestruturação das ações do Estado (maior ou menor intervenção do Estado na economia), um posicionamento que iria contra os princípios

⁶ A este respeito ver: BRENER, Jaime. **1929: a crise que mudou o mundo**.- São Paulo, Editora Ática, 1996.

do liberalismo clássico, desta forma “o novo estado é forte, propõe-se a intervir na economia e a organizar e controlar o mercado”. (JAMBEIRO e SANTOS et al, 2003, p. 125). O novo Estado também iria regular e/ou controlar os serviços de telecomunicações. Desta forma, segundo Ortriwano “o decênio de 30 foi importante para que o rádio se definisse em seus caminhos e encontrasse o seu rumo na fase seguinte, acompanhando e auxiliando o desenvolvimento nacional como um todo” (1985, p. 19).

Este momento compreendido como Estado Novo, iniciado com o golpe de 1937, é marcado por uma forte repressão à liberdade de expressão e de pensamento, momento em que o rádio já havia se firmado no Brasil. O órgão responsável pelo controle e regulamentação dos meios de comunicação de massa, foi o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), criado em 1939 no governo de Getúlio Vargas, sob o decreto de lei 1.915, com características políticas de controle e censura, e incumbido de promover a imagem pública de Vargas. No entanto antes disso

“Logo após a Revolução de 30, havia sido criado o Departamento Oficial de Propaganda- DOP, encarregado de uma seção de rádio que antecedeu a ‘Hora do Brasil’. Em 1934, o DOP foi transformado em Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, surgindo então a ‘Voz do Brasil’. Posteriormente, o Decreto n.º 1.915, de 27 de dezembro de 1939, criava o Departamento de Imprensa e Propaganda (...)”. (ORTRIWANO, 1985, p.17).

Segundo Souza (2006, p. 28) Vargas usou como ninguém o Rádio como equipamento de manipulação ideológica. Suas falas emocionavam os ouvintes, que o sentiam presente em seu cotidiano. Desta forma, “o rádio era o meio de comunicação por excelência dos políticos, fossem eles bem intencionados ou não”. Ortriwano ainda nos diz que “Getúlio Vargas foi o primeiro governante brasileiro a ver no rádio grande importância política”. (1985, p.17).

A partir disto, tanto a produção, quanto a difusão do que era feito no rádio, por exemplo, passaram a ser rigorosamente fiscalizados pelo Estado. Desta forma “o controle da radiodifusão pelo Estado Novo ocorria de duas formas principais: a) através da concessão de emissoras de rádio; e b) a censura pelo DIP”. (JAMBEIRO e SANTOS et al, 2003, p. 124).

Segundo Velloso, o período compreendido como Estado Novo nos forneceria subsídios para uma boa análise da relação entre os intelectuais e o Estado, sendo estes

os responsáveis por difundir os ideais do regime, através do DIP, dirigido por Lourival Fontes, para as diversas camadas sociais através do controle dos meios de comunicação. Assim,

“A homogeneidade no campo cultural é vista como forma de assegurar a organização no regime, que busca invalidar as demais manifestações da cultura como prejudiciais ao interesse nacional. Assim, o rádio deveria aperfeiçoar as relações entre as camadas cultas e populares, sendo o portador do ‘bom exemplo, do certo e do direito’”. (2011, p. 161)

Desta forma, segundo Avancini, (1996, p. 8) “(...) a indústria cultural induz os indivíduos a introjetarem valores e a aspirarem a modos de vida que não são seus”. No entanto ressalvas devem ser feitas, pois o público alvo, segundo nos diz Avancini (1996, p. 10), também pode interferir no processo de comunicação e desta forma no tipo de cultura que lhes é transmitido, pois sendo esta entendida como um produto, o consumidor (público) tem o poder de rejeitar ou aceitar a mercadoria, desta forma “a esfera de recepção aparece, em suma, como ativa dentro do processo de comunicação”. Não se nega a característica alienante da cultura de massa, mas a relativiza.

Percebe-se então neste momento a forte presença do rádio na vida cotidiana, e que o Estado soube fazer uso deste equipamento voltado agora, em seus tempos de glória, às massas. Neste sentido Zuculoto (2009, p.370) nos diz que “(...) uma das maiores expressões desta era de ouro do rádio no Brasil foi uma emissora vinculada ao Estado, por estatização do governo Getúlio Vargas: a PRE 8 - Rádio Nacional do Rio de Janeiro”, um dos símbolos de penetração e de poder de mobilização e influência das massas.

Estrategicamente, a encampação da Rádio Nacional atendia ainda a certos objetivos políticos governamentais: o de levar a vários e longínquos pontos do país um conjunto de mensagens, influenciando, assim, a formação de uma identidade nacional. É isso, mais ou menos, o que explica o fato de que a emissora estatal procurou, desde logo, tornar-se um veículo de divulgação de autores nacionais e da música popular brasileira para dentro e para fora do país. (ZUCULOTO, apud AGUIAR, 2007, p. 22).

Segundo Zuculoto (2009, p.370) “a Nacional começou a transmitir como comercial em 1936, pertencente à empresa do jornal A Noite”. A PRE 8, foi encampada no ano de 1940, no entanto ainda mantinha a prática da publicidade, para se sustentar e sua programação priorizava o entretenimento, mesmo estando sobre o controle do

Estado. Foi ela ainda, “(...) que exibiu a primeira rádio-novela do país, em 12 de julho de 1941: *Em Busca da Felicidade*, que durou três anos e foi seguida por um dos maiores sucessos na dramaturgia de radiodifusão: *O Direito de Nascer*.” (JAMBEIRO e SANTOS et al, 2003, p. 141).

Foi a emissora de maior influência na era de ouro do rádio no Brasil, determinava gostos e influenciava todas as demais. Tudo o que era feito pela PRE 8 era copiado e tido como sucesso e nem as rádios educativas escaparam a sua influência. Sendo, pois, detentora de tal poder, foi ela quem ditou as regras a serem seguidas “e assim passou para a história como um paradoxo: era estatal, do campo público, mas deu o tom do modelo de rádio comercial no país, o sistema que hegemonizou a radiodifusão do Brasil.” (ZUCULOTO, 2009, p.375).

O apogeu do rádio, nas décadas de 30 e 40, é marcado pelos programas de auditório e pelas radionovelas, pela valorização da música popular, tendo uma programação que prioriza a diversão e o lazer. No que diz respeito as radionovelas, Prado (2012, p.135) nos diz que esta foi “responsável pela popularização da ficção seriada no Brasil- e pelo surgimento da novela televisionada, anos depois, exercendo considerável influência sobre suas primeiras tramas (...)”, mas se enganam os que pensam que o sucesso das radionovelas ficou no passado, pois, devido o baixo custo da produção em comparação com as novelas televisionadas “os patrocinadores viam nas radionovelas um meio fácil para se fazer propaganda, uma vez que se atingia um grande número de ouvintes e sem gastar muito” (PRADO, 2012 apud MEDEIROS, 2006, p.2).

Também é marcado pelo surgimento das estrelas do rádio que acaba dando um ar de valoração aos cantores, aos artistas “este processo intensifica-se durante a década de 40, quando os cantores passam a ser disputados pelas emissoras, adorados pelo público e conhecidos nacionalmente” (AVANCINI, 1996, p.3). Com a popularização das rádios começa a se sentir cada vez mais a concorrência e como foi dito começa a se investir em um certo dinamismo da programação no intuito de garantir um número cada vez maior de ouvintes para com isso atrair anunciantes e angariar lucros. No entanto nesta empreitada, segundo Ortriwano, “boa parte dessas programações então, mais do que ao popular, descem ao popularesco e ao baixo nível” (1985, p.19).

Ortriwano (1985) ainda nos diz que é nesta fase de disputa por audiência e lucros que as emissoras de rádio começam a se especializar em atividades específicas como a apresentação de radionovelas, (como já foi dito, sendo a primeira apresentada pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro), na transmissão de esportes, em programas de auditório, radiojornalismo, etc. Passando a se dirigir a um público alvo, previamente apontado.

Ainda corroborando com a autora e, no que diz respeito ao radiojornalismo o “Repórter Esso” ficou reconhecido nacionalmente, criado em 1941 com o objetivo de colocar seus ouvintes em sintonia com os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, a voz do locutor Heron Domingues popularizou-se com seu slogan de “testemunha ocular da história”. Símbolo de grande prestígio e respeito do público durante os 27 anos que esteve no ar, o “Repórter Esso” manteve seu público informado tendo conhecimento, em primeira mão, dos principais acontecimentos do Brasil e do mundo. Seu último programa foi exibido no dia 31 de dezembro de 1968, em um clima de saudade e muita emoção⁷. Já os programas de auditório, além de aproximar o público ao rádio, ao mundo da comunicação, também o aproximou dos seus ídolos, havendo mesmo uma exposição da vida destas estrelas do rádio, exposição intrínseca à sua popularização.

A história do rádio no Brasil também está ligada a música popular. Segundo Sodré (1999), a música popular, aliada ao futebol, deu impulso para que o rádio ocupasse esse lugar de hegemonia nas décadas de 30 e 40, passando a ser difundido e aceito nas camadas populares, universalizando gostos e paixões. No que diz respeito ao futebol, segundo Prado (2012, p.85), a profissionalização deste esporte, em 1933, se deu no mesmo momento em que o rádio melhorava as transmissões dos esportes, desta forma, “filhos da elite, futebol e rádio tornaram-se catalisadores de emoções e ídolos do povo”. Ao mesmo tempo o rádio também possibilitou a difusão e o boom da música popular, mesmo que estas já estivessem presentes nos discos, foi com o rádio que ela conseguiu alcançar um número maior de ouvintes e de adeptos ao seu estilo. Desta forma “a presença da música brasileira era intensa nas rádios de todo país”. (SOUZA, 2006, p.22).

⁷ Última transmissão radiofônica do célebre Repórter Esso: disponível em <http://www.videolog.tv/video.php?id=393380>. Acessado em 13 de junho de 2013.

Nas décadas de 30 e 40, até a década de 50, o rádio viveu seus anos mais prósperos, despertando a curiosidade e a paixão de muitos dos ouvintes, que viam nas radionovelas, nas grandes estrelas do rádio, na música, enfim, no mundo do rádio, um universo um tanto misterioso, ainda, para os ouvintes. No entanto segundo Prado (2012, p. 189) esse mundo de mistérios passa a ser mais acessível para os ouvintes quando em 1948 é criada a “Revista do Rádio” pelo escritor Anselmo Domingos, “a ideia era mostrar rostos, bastidores e fofocas das vozes que faziam parte do cotidiano brasileiro na época”. Essa revista tinha uma enorme popularidade e ainda segundo o autor, em uma pesquisa realizada pelo Ibope em janeiro de 1956, a “Revista do Rádio” perdia apenas para “O Cruzeiro”. O rádio e seus encantos foram durante alguns anos o único tema da revista, pois, “em virtude da expansão da TV, houve uma adaptação do nome do periódico: a partir de 1960, passou a ser conhecido como revista do rádio e TV”, numa clara alusão ao novo cenário que ganhava formas. O rádio teria agora um novo companheiro para disputar a atenção e a paixão dos espectadores.

Esta foi uma fase de grande dinamismo do rádio, em que foi deixado de lado seu caráter mais amador e viu-se nascer um período de profissionalização e de valorização do veículo. No entanto, segundo Neuberger (2012), esses anos dourados duraram pouco, ou ao menos até a década de 50, com o surgimento da *TV Tupi de São Paulo*, que provocaria o fim destes tempos de glória, tomando para si, devido o encantamento provocado, seus anunciantes e seu *cast* de artistas. Neste período, segundo Ortriwano, “o rádio aprendeu a trocar os astros e estrelas por discos e fitas gravadas, as novelas pelas notícias e as brincadeiras de auditório pelos serviços de utilidade pública” (1985, p. 21), buscando uma linguagem mais econômica. Desta forma, a autora nos mostra como o rádio teve que transformar sua estrutura para competir e conviver com a TV (radiodifusão de som e imagem).

A este respeito Sodré (1999, p.95) nos diz que “a história do rádio, no Brasil, pode bem ser dividida em dois períodos: antes e depois do advento da televisão”, antes da combinação de som e imagem o rádio reinava absoluto, depois teve que dividir a atenção e o faturamento com a televisão. No entanto, Sodré ainda nos diz que isso não implica o fim do rádio, ele teria sido realmente substituído, ou acrescentado, nas altas camadas da sociedade que dispunham de poder aquisitivo para adquirir este novo equipamento moderno, mas para os menos afortunados o rádio continuaria como principal veículo de comunicação. Desta forma, “o rádio continua a ser, apesar de suas

deformações o mesmo depois do advento da televisão, o veículo mais importante para a cultura de massa no país” (1999, p. 97). Segundo dados da Abert (2010) na década do surgimento da televisão, 1950, existiam no Brasil apenas 100 aparelhos receptores, enquanto o rádio por ser um serviço mais barato e possuir menor dependência da energia elétrica, possuía na década de 70, praticamente o dobro da taxa de penetração da televisão.

Segundo Prado (2012, p. 215- 216) uma outra forma que o rádio encontrou de reagir a crescente expansão da televisão teria sido a invenção do transistor, uma inovação tecnológica, que proporcionava maior mobilidade aos ouvintes livrando os aparelhos dos inúmeros fios e tomadas, permitindo que o aparelho o acompanhasse nos mais variados momentos “assim, a partir do transistor, o público pressuposto do rádio passou a ser um ouvinte móvel, o que não acontecia anteriormente quando as famílias se reuniam na sala ao redor de um garboso aparelho”.

Na década de 70 o rádio teve que aprender a lidar com outra mudança, só que desta vez uma mudança interna, que acabou gerando ainda mais opções para os ouvintes. Neste período as Rádios AM tiveram que dividir espaço com as FMs (Frequência Modulada). Segundo Prado (2012, p.260), “as primeiras transmissões de frequência modulada no Brasil foram realizadas com um atraso de 30 anos em relação à ‘invenção’ da FM”, a invenção é datada de 1933 pelo engenheiro americano Edwin Armstrong, mas é só na década de 60 que surge a FM no Brasil. No entanto, o autor ainda nos diz que “em 1955, a Rádio Imprensa, no Rio de Janeiro, realizou uma transmissão experimental em frequência modulada” (2012, p. 261). O grande diferencial da FM era a qualidade do som e a programação musical.

O rádio surge no Brasil em 1922, e de lá até aqui vem conseguindo se adaptar as transformações pelas quais nosso país vem passando (crise econômica, ditadura, democracia), e também pelas transformações na própria mídia como, por exemplo, a convergência digital⁸. Com tal dinamismo, continua presente no cotidiano dos brasileiros, se reinventando e conquistando novos espaços, hoje, com a tecnologia digital. A este respeito Lopez nos diz que

⁸ “A multimídia, ou convergência de mídias, consiste na união de todos os meios de comunicação em um único” (ALMEIDA e MAGNONI, 2010, p. 433).

“Os meios de comunicação, a cada dia mais, precisam se inserir em um contexto de convergência, adotem-na ou não. As mudanças geradas por este contexto refletem-se (...) nos conteúdos, formas e modos do rádio, isto é, na própria construção da narrativa radiofônica, mudando a configuração do papel dos meios de comunicação na sociedade contemporânea” (2010, p.404).

Com o avanço da tecnologia muitas rádios já passaram do sistema analógico para o digital e segundo dados da Abert (2010) desde a década de 90 houve uma grande diminuição da fabricação de aparelhos de rádio (equipamento de uso exclusivo para transmissão radiofônica) o que não significa dizer que as pessoas pararam de escutar rádio, ele continuaria crescendo, mas incluído em outros aparelhos eletrônicos, como o celular, nos aparelhos de som instalados em carros, na internet, etc. Desta forma, “com o advento da internet e da telefonia celular, esta última com mais intensidade, o rádio ficou mais ao alcance do indivíduo do que da família (...)” (ABERET, 2010, pag.40), o que difere do seu papel nos anos iniciais, quando era um serviço à serviço da família, também devido a sua falta de mobilidade.

São muitas as discussões feitas atualmente sobre a convergência digital. Neste sentido Almeida e Magnoni nos dizem que “(...) se o futuro da comunicação está baseado na convergência de mídias, o rádio terá que assumir a multimídia como um recurso indispensável para o processo de digitalização plena do veículo e como ferramenta necessária para a sua inserção definitiva no ciberespaço” (2010, p. 441). Segundo os autores as rádios virtuais não precisam de concessão oficial para funcionarem, além de terem uma relação mais direta com os ouvintes, que hoje preferem a internet para se manterem informados em detrimento do rádio, além do mais este tipo de programas precisam de poucos recursos financeiros para funcionarem, além de se beneficiarem com a criatividade e colaboração dos internautas, “o *chat* hoje é a extensão da interatividade do passado, que chegava por meio de cartas e, no final dos anos 90, pelos emails” (PRADO, 2012, p.21).

No entanto, “Devemos considerar que, apesar de todas as mudanças em curso trazidas pela digitalização dos meios de comunicação, o rádio continua sendo o grande depositário da ‘cultura do ouvir’.” (ALMEIDA e MAGNONI, 2010, p.444). E que estas transformações não implicam necessariamente no fim do rádio analógico, no entanto ele deverá mais uma vez se adaptar as transformações e sobreviver, o que fundamenta a afirmação de Prado (2012, p. 26) de que “o rádio é o veículo do tempo por excelência”.

CAPÍTULO 2

Rádio na Paraíba: da primeira transmissão às primeiras emissoras.

Neste capítulo iniciaremos o resgate de alguns aspectos da história da radiofonia paraibana, tendo em vista o fato de corroborarmos com o pensamento de Silva (2006) de que os estudos de mídia regional no Brasil ainda são escassos, assim, “a realidade da mídia regional necessita (...) de avaliação acadêmica”. Ao lançarmos nosso olhar para a mídia regional, nos propomos a fazer alguns apontamentos acerca dos programas e dos personagens que marcaram época nas primeiras emissoras de rádio no cenário paraibano, percebendo-o como parte do próprio contexto sociocultural da região⁹ - além de, ao iniciar uma análise regional, dar mais subsídios ao leitor para discussão do próximo capítulo¹⁰.

Segundo Nascimento (2003), o início da viagem no mundo radiofônico se deu em 1887. Entretanto, Lopez (2009) nos diz que a empreitada se iniciou bem antes, em 1753, com os estudos de Benjamin Franklin, quando o cientista Henrich Rudolf Hertz descobriu a existência das ondas radiofônicas (ondas eletromagnéticas que receberam o seu nome: ondas hertzianas). Depois disso Guglielmo Marconi e o padre Landell Moura, cada qual com seus méritos, deram sequência às descobertas com experimentos sobre a radiotelegrafia, que fazia ser emitida a voz humana através dessas ondas de rádio sem uso de fios. “A tal ‘milagre’ da ciência deu-se o nome de ‘transmissão radiofônica’ e ao aparelho receptor de suas mensagens o nome de ‘rádio’” (NASCIMENTO, 2003, p.10).

Na Paraíba, as primeiras transmissões de rádio são datadas de 1930- 1931, apresentando como pioneira a Rádio Clube da Paraíba. Segundo Sousa (2003) a Rádio Clube instalou-se na Avenida Gouveia Nóbrega, tendo seus programas irradiados por alto-falantes instalados no Centro da capital, sendo um destes alto-falantes instalado na Rua 13 de Maio em frente à casa de um dos diretores da estação, o Senhor Leonís Peixoto.

“Integravam o primitivo grupo de sócios da nova rádio os irmãos de José Monteiro (Manuel, João, Antônio e Pedro) e mais José Olinto, Rosil Pedrosa, Hortência Peixe, Pedro Jaime, Ismael Jorge, Leonís

⁹ Entendemos que o rádio passa a fazer parte do cotidiano da população, se integrando ao contexto social, econômico, cultural e político da cidade.

¹⁰ No terceiro capítulo iremos refletir sobre as especificidades da radiodifusão em Cajazeiras - PB.

Peixoto, Diógenes Caldas, Maurício Furtado, Olegário de Luna Freire (maestro), Cláudio Lemos, Ariel Farias (fotógrafo), Walfredo Rodriguez (escritor, fotógrafo e cineasta, criador do logotipo ou *escudo* da emissora), Cilaio Ribeiro e Orlando Vasconcelos.” (SOUSA, 2003).

Ainda segundo Sousa (2003) um dos motivos da fundação da Rádio Clube da Paraíba seria a grande penetração que a rádio do Estado vizinho a Rádio Clube de Pernambuco-PRA-8 possuía. Esta penetração acabava favorecendo o comércio recifense, sendo sua fundação uma maneira de reagir à hegemonia do Estado de Pernambuco na economia paraibana. Souza nos diz desta presença da Rádio pernambucana em nosso estado:

“Claro que em Campina Grande já se ouvia o rádio muito antes de 1949, quando duas ou três rádios locais foram inauguradas. Ouvia-se, por exemplo, a Rádio Clube de Pernambuco, que fora criada como um clube de ouvintes de rádio numa das salas do Diário de Pernambuco, em 1919. Esta foi uma das primeiras emissoras de rádio do Brasil”. (2006, p.25)

Em contraposição a esta presença da Rádio Clube de Pernambuco, a Paraíba começa a dar seus passos iniciais. Desta forma, “a primeira transmissão externa realizada na Paraíba e que a torna pioneira no Radiojornalismo local, foi feita pela Rádio Clube quando cobriu a visita do Presidente Getúlio Vargas ao Estado.” (SOUSA, 2003, p.2). Segundo Prado (2012, p. 91) “José Monteiro Gomes de Oliveira e Jaime Seixas foram os responsáveis por implantar a estação de rádio após a construção de um pequeno transmissor, pouco potente, de 10 watts”. Como as demais Rádios Clubes, esta funcionava pela contribuição dos seus membros sócios, tendo em vista que ainda não havia sido promulgada a lei que permitia a publicidade.

Em 1932 a Rádio Clube da Paraíba começa a transmitir aulas de inglês, sob iniciativa dos irmãos Oliver e Geraldo von Shosten, sendo a primeira aula dada em dezembro e a segunda em janeiro de 1933. Santos (2003, p.3) nos diz que, “a iniciativa foi pioneira na Radiodifusão nacional e por isso a Rádio Clube ocupa a vanguarda na experiência do ensino de línguas pelo Rádio”. Além deste espaço voltado para a educação, pois o rádio no Brasil surge marcado com características voltadas para a cultura e educação, a Rádio Clube também tinha um grande vínculo com o Jornal oficial da Paraíba. Segundo o jornal, a Rádio Clube era uma grande auxiliar do sistema educativo do Estado e despertava a atenção de uma elite que passava a ter o rádio como símbolo de status.

“O jornal oficial da Paraíba criou uma coluna para divulgar “*os acontecimentos lançados ao éter*” intitulada *Vida Radiofônica*, comprovando a integração da Rádio Clube à vida cultural de João Pessoa que tinha no irmão impresso um grande auxiliar para sua consolidação dentro da sociedade”. (SOUSA, 2003, p. 3).

Corroborando com o que Sousa afirma, Prado (2012, p. 91) nos diz que na década de 30 já havia uma integração real da Rádio Clube à vida cultural de João Pessoa. Essa integração se tornaria mais visível à partir de 1935 quando Francisco Sales Cavalcante, o primeiro diretor da rádio, é nomeado diretor da Imprensa Oficial e inicia algumas reformas na rádio, “uma dessas mudanças foi que o fácil domínio do interventor Argemiro de Figueiredo conseguiu fazer com que a emissora se tornasse a primeira empresa estatal de radiodifusão nordestina (a Rádio Difusora)”. Falando desse momento de transformação de Rádio Sociedade em Rádio Difusora, Nascimento (2003, p. 29) nos diz que “seu início foi realmente como emissora totalmente artesanal, tanto é que em 1936 ela desapareceria, em razão de um incêndio que destruiu parte de suas instalações, o que levou seus associados a fazer doação do que lhes restavam ao governo do Estado”. Daí a transformação em Difusora da Paraíba.

Surge, pois, em 25 de janeiro de 1937 a Rádio Difusora da Paraíba. A data de inauguração deve-se a comemoração do aniversário de dois anos de governo de Argemiro de Figueiredo. No entanto, Prado (2012, p. 91) ainda nos diz que “a ‘nova’ emissora não tinha instalações propícias nem aparato suficiente para que a recepção fosse excelente no início de sua transmissão”, mas entende-se a pressa para inauguração da “nova” rádio, afinal, era aniversário da gestão do interventor Argemiro de Figueiredo¹¹.

Com uma programação que prometia agradar o público, a Difusora ainda contava com o apoio do Jornal Oficial, pois, como nos diz Sousa (2003) “convém lembrar que a coluna *Vida Radiophonica*, do jornal oficial, divulgava diariamente a programação da Rádio Difusora.” (p.8). A pressa em inaugurar a rádio em homenagem à figura de Argemiro de Figueiredo, como já foi dito, resultou em uma instalação sem grande qualidade, havendo dificuldade dos ouvintes em sintonizar a emissora. Segundo Santos, após sua inauguração, a cidade só contava com 10 aparelhos receptores, quase todos de marca holandesa,

¹¹ “(...) Nome de grande importância na política paraibana, tendo ocupado o cargo de interventor, nomeado por Vargas, de 1935 a 1939” (BARBOSA, 2009, p.2).

“A dificuldade inicial do ouvinte era motivada pelo fato de haver poucos aparelhos receptores na cidade (...) a massa se comprimia nas calçadas dos ricos para ouvir, por obséquio, as transmissões de jogos ou noticiários da II Guerra Mundial, através da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, da Rádio Clube de Pernambuco e da Rádio Tabajara da Paraíba.” (SOUSA, 2003, p.12).

Ainda em 1937, no mês de maio, houve uma mudança no nome da emissora que passou a se chamar Radio Tabajaras da Parahyba, em homenagem aos primeiros habitantes da Paraíba, mais tarde ficando conhecida apenas com Rádio Tabajara AM.

Ilustração 2:



Edifício construído pelo Governador Argemiro de Figueiredo para abrigar exclusivamente a PRI-4, na Rua Rodrigues de Áquino, hoje, o Forum da Capital.(Foto 1940)

Fonte: Nascimento, 2003, p. 30.

Segundo Mello (2013, p. 197), a construção do edifício para a rádio pelo governador Argemiro de Figueiredo e seu funcionamento possibilitou que a mesma fosse utilizada como um meio de fazer valer a “predominância do Estado sobre a sociedade”, pois, “por meio dela o governador/interventor fazia chegar recomendações a todos os municípios, nas praças centrais de cujas sedes amplificadoras retransmitiam a palavra do chefe do governo, diariamente das 18: 45 às 19 h”. Nos dias atuais a Tabajara “busca superar o tempo, acelerando o processo de crescimento, implantando a modernização nos setores de sua administração, estúdios e, como não podia deixar de ser, na sua programação (...)” (NASCIMENTO, 2003, p.59).

Esta “reinou absoluta de 1937 a 1950 (...) em 1950, a Rádio Arapuan passa a ser legalmente a nova radiodifusora da Paraíba (...) no mesmo ano também foi inaugurada a Rádio Borborema, em Campina Grande, pertencente à rede dos Diários Associados” (PRADO, 2012, p. 92). A Arapuan AM funcionava através de alto falantes até o ano de 1950 - na verdade funcionava como uma agência de publicidades, denominada Agência de Publicidades Arapuan - quando através de um ato de ousadia foi transformada na Rádio Arapuan Ltda. Em 1950, ano de campanha eleitoral na Paraíba¹², no mês de agosto, Orlando Vasconcelos decide transmitir um comício que seria realizado por Pereira Lira - candidato ao senado -, segundo Nascimento (2003, p.73) “no dia em que ele aqui chegou, para fazer um comício em frente ao cinema Plaza, Orlando Vasconcelos (...) resolveu irradiá-lo correndo o risco de punições - já que não tinha licença do Estado para funcionar como Rádio-Difusora”.

Ao invés de punição, aquele ato de ousadia fez nascer a Rádio Arapuan FM (ZYC- 973), oficialmente inaugurado em 17 de agosto de 1950, pois um dia após a transmissão do comício “Orlando recebia a visita de um emissário do Ministro Pereira Lyra, propondo ao nosso saudoso radialista a transformação daquela Agência de Publicidade numa real emissora de Rádio” (NASCIMENTO, 2003, p.74). Segundo Nascimento (2003, p. 67), em 13 de setembro de 1999 é inaugurada a segunda emissora em Frequência Modulada, a Tabajara FM, pelo governo do Estado, com frequência de 105. 5 MHz, o evento “contou com a presença do Governador do Estado, destacados políticos, empresários e diversos convidados”.

As primeiras experiências com o rádio em Campina Grande se deram nos anos 30, mais especificamente à partir de 1936 com um serviço de auto falantes através de Jovelino Farias. Ele instalou na Rua Marques de Hervaluma uma escola de dança com um sistema de alto-falantes que a divulgava. “Segundo ele: ‘pouco a pouco a população campinense ia se acostumando com meu vozeirão de locutor (risos)’”. (SOUZA, 2006, p.29), o que até então era algo novo na cidade.

O sistema de alto-falantes passou a fazer parte do cotidiano da cidade. Como os aparelhos de rádio eram de difícil acesso, devido ao seu alto custo, o sistema de alto-falantes facilitava o acesso dos ouvintes à programação das Rádios. Com o tempo, estes

¹² “O Estado estava dividido em dois blocos distintos, uma espécie de bi-polarização, onde de um lado se encontrava José Américo e Ruy Carneiro, e do outro Argemiro de Figueiredo e José Pereira Lira” (BARBOSA, 2009, p.4).

espaços públicos foram sendo substituídos, passou a ser comum reuniões em salas para escutar o rádio. Geralmente era este o local onde os aparelhos de rádio eram colocados para ouvir as informações que o mesmo trazia do mundo - as músicas, o futebol, a política.

No entanto, o primeiro órgão efetivamente de comunicação da cidade só veio a funcionar na década de 1940, sendo ele a Difusora A Voz de Campina Grande, ainda através de um sistema de alto-falantes que marcaram forte presença até a década de 1950.

A Difusora estava sob o comando de José Jataí, localizada no edifício Esial, na Praça da Bandeira, que segundo Freitas era o ponto de encontro dos jovens campinenses. Desta forma, “A *Voz de Campina Grande*, por exemplo, todos os domingos à noite, da sacada do edifício Esial, apresentava seus calouros, para um público que superlotava a Praça da Bandeira, sob o comando dos locutores Hilton Mota e José Jataí.” (2006, p.129).

Ainda segundo o autor a vinda de José Jataí, que era de Fortaleza, foi uma conquista para a Paraíba e contou com o apoio do prefeito Vergniaud Wanderley, que espalhou pelas ruas de Campina Grande seus alto-falantes.

A importância da Difusora e de seus alto-falantes era inegável para Campina Grande. Segundo Oliveira (2006, p.76), foi através dela que a população da cidade e da região circunvizinha ficou sabendo, por exemplo, do fim da Segunda Guerra Mundial, lotando a Praça da Bandeira “para ouvir, através da *Voz de Campina Grande*, músicas patrióticas e comícios em comemoração ao fim da guerra”, numa clara alusão ao espaço de importância que o veículo informativo já ocupava na vida da população.

Mesmo exercendo tamanho fascínio, a Difusora não era a única a brilhar em Campina Grande. Ainda em 1940, outros serviços de alto-falantes foram surgindo na cidade e gradualmente ganhando ouvintes e conquistando o público. Mais ainda era forte o desejo de trazer uma emissora de rádio para Campina Grande e isto se deu em 13 de Maio de 1948 com a Rádio Carirí, considerada a pioneira na radiodifusão campinense. Foi instalada inicialmente no Bairro Bodocongó, tendo como proprietário Epitacinho Pessoa.

Entrando na era do rádio, já com certo atraso, Campina Grande ainda contava com um certo empecilho, a energia elétrica, pois “no primeiro ano de experiência da Rádio as transmissões só eram feitas à noite, pois na época Campina Grande só podia contar com energia elétrica a partir de 18 horas”. (SOUZA, 2006, p.37).

No início da década de 50, além da Rádio Cariri, a cidade já contava com mais duas rádios, a Borborema e a Caturité. Estes três nomes da radiofonia de Campina Grande estiveram presentes nos eventos mais importantes da cidade, passando a fazer parte do cotidiano da população.

Na década de 1960, a Cariri foi adquirida pelo grupo dos Diários Associados, tendo a frente Hilton Mota e sendo implantada uma programação exclusivamente musical, apenas com anúncios comerciais nos intervalos. E na década de 80, a Rádio Cariri passou a ser chamada de Rádio Sociedade.

A Rádio Borborema foi a segunda grande emissora de Campina Grande, instalada em fins dos anos de 1940, mais precisamente em 08 de Dezembro de 1949, sob o comando do jornalista Francisco de Assis Chateaubrind Bandeira de Melo. Nascimento (2003, p. 287) nos diz que, quando o jornalista decidiu aumentar seu complexo de comunicações, na época, Rádios e Jornais Associados, depois Diários Associados, “escolheu Campina Grande porque, naquela época, esta cidade vinha em franca ascensão, com o seu comércio algodoeiro para exportação, um comércio desenvolvido e promissor”.

Segundo Gorette Freitas (2006), os primeiros testes, ainda em caráter experimental, foram feitos no ar pelos locutores Hilton Mota e Gil Gonçalves, sob o fundo musical da melodia “Lili Laloó Bolero” interpretado por Bing Crosby. A inauguração oficial se deu com toda pompa e circunstância, contando com a presença de autoridades e da comunidade local. A inauguração foi anunciada pelo locutor Paulo Cabral, diretor do Ceará Clube.

“Desempenhando um papel importante para o desenvolvimento da cidade, a Rádio ditou normas e modificou padrões de comportamento da sociedade através de sua programação dinâmica e moderna que a princípio se caracterizava pelas rádio-novelas e programas de auditório.” (FREITAS, 2006, p. 135).

No que diz respeito às rádio-novelas, estas ditavam os padrões de comportamento dos campinenses, que passavam a imitar seus ídolos, que eram religiosamente acompanhados todas as noites, tendo em vista que o horário de apresentação das radio-novelas da Borborema se dava entre as 20 horas até as 21:30. A primeira novela apresentada pela Borborema foi “Aos Pés do Tirano” de Oduvaldo Vieira.

As rádio-novelas exerciam um fascínio tão grande sobre o público que muitos não conseguiam diferenciar ficção da realidade. O rádio além de vender produtos e ideias vendiam sonhos. Como exemplo, podemos citar o caso de Amaral Gurgel, este “(...) fazia o papel de um médico na primeira radio-novela de sucesso, “Em busca da felicidade”, que permaneceu por três anos na Rádio Nacional, e que era procurado diariamente na mesma emissora para dar consultas”. (SOUZA, p.48). Os locutores de rádio, com suas vozes impostadas despertavam paixões nas ouvintes, que mandavam cartas e se transformavam em fãs ardorosas dos programas de rádio.

Os programas de auditório também eram geralmente apresentados à noite, depois das rádio-novelas e eram lotados por pessoas que, entusiasmadas, prestigiavam seus ídolos, lotando os lugares de que dispunham os auditórios, passando a haver uma valorização das estrelas do rádio, consequência desta aproximação do público com seus ídolos. Souza (2006) nos diz que estes espaços também serviam para revelar novos talentos e para aproximar casais apaixonados, que em uma sociedade ainda tradicionalista, aproveitavam o escurinho dos auditórios para se declararem e trocarem juras de amor ao som de grandes artistas que se apresentaram na Borborema, como Cauby Peixoto e Ângela Maria.

Segundo Souza “durante toda a década de 50, e em grande parte dos anos 60, os programas de auditório da Borborema fizeram um sucesso estupendo”. (2006, p.38). Ainda segundo o autor, além destes programas, que contavam com a presença do público, outros - humorísticos e jornalísticos -, também conseguiam envolver o público e tinham muitos ouvintes. Dentre os que mais faziam sucesso na Borborema na década de 1950 podemos citar “O céu é o limite”, “Aquarela nordestina”, “A escolinha do professor Nicolau”, “Domingo alegre”, “O clube do Papai Noel”, “O forró de Zé lagoa” e “O encontro com o passado”, sendo que, estes programas eram geralmente apreciados pela elite e/ou alta sociedade de Campina Grande.

O programa “O céu é o Limite” é tido como o que exerceu maior sucesso. Apresentado por Hilton Mota era um quadro de perguntas e respostas onde, segundo Souza (2006, p. 41), “(...) um seleto grupo de intelectuais da cidade respondia a um certo número de questões, concorrendo a um prêmio que poderia chegar a 350.000,00 cruzeiros (moeda da época)”.

Nestes programas, o público tinha um nível de envolvimento muito grande, escolhendo seus participantes preferidos e torcendo por quem seria o ganhador do grande prêmio, essa interação acabava garantindo a audiência do programa e também, de certa forma, justificava o seu sucesso. No que diz respeito a esta relação do público com os programas, Souza nos diz que “mesmo indiretamente, os ouvintes exerciam algum poder sobre o que era transmitido pelo rádio e este, em via contrária, exercia uma forte sedução sobre os ouvintes”. (2006, p.48).

Com tamanha importância, Freitas (2006) nos diz que a Rádio Borborema poderia ser mesmo comparada com a Nacional do Rio de Janeiro e era considerada um exemplo de Rádio no Nordeste devido seu padrão de qualidade, contando com um excelente “cast” (elenco) de profissionais. Desta forma

“Em pleno apogeu ou ‘época de ouro do rádio’, já com uma programação de auto nível e bastante diversificada (jornalismo, radio-novelas, crônicas, programas de auditório) a Rádio Borborema destacava-se no meio radiofônico, competindo em pé de igualdade com outras grandes emissoras da região.” (p.148)

Este tipo de programação composta por programas de auditório e radio-novelas é característico de um momento em que se priorizava o lazer e a diversão. Era de interesse dos proprietários que o Rádio tivesse um número cada vez maior de ouvintes, o que aumentaria seu lucro, tendo em vista que as experiências radiofônicas, na Paraíba, se deram mais ou menos no momento que já se tinha despertado para suas vantagens comerciais¹³. Tal investimento resultou na popularização deste veículo de comunicação que caiu no gosto do público e conheceu um período de grande prestígio, os “anos dourados”.

No que diz respeito à escolha dos profissionais que integravam a Rádio, eles eram escolhidos através de testes de aptidão. No entanto, vale ressaltar que estes profissionais não eram muito bem remunerados e “segundo depoimento do radialista

¹³ A publicidade foi regulamentada através do Decreto n. 21.111, em 1932.

Humberto de Campos, havia pessoas que até se propunham a cantar de graça, por que sabiam que dali poderia estar abrindo um novo caminho para o sucesso.” (FREITAS, 2006, p.143). Percebe-se então que fazer parte de uma emissora de rádio neste momento era símbolo de status social, ingressava-se mais por anseio à fama e reconhecimento, nesse caso não era só o dinheiro que atraía os artistas, o que afirma o poder e o prestígio social do rádio para com a sociedade.

Buscava-se status social e fama, pois as emissoras de rádio também serviram para lançar e divulgar muitos talentos locais como é o caso, em Campina Grande, dos locutores José Jataí, Hilton Mota e Leonel Medeiros, dos cantores George França e Sônia Maria, da atriz Nair Belo, etc. A este respeito Nascimento (2003, p. 291) nos diz, sobre a Borborema, que esta “era uma verdadeira escola profissional, que exportou profissionais por ela formados até países estrangeiros, como foi o caso do locutor Flávio Vieira que, ainda em início de carreira, foi parar na BBC de Londres como um de seus principais apresentadores”.

Desta forma, Freitas (2006) nos diz que nos anos 60 a radiofonia paraibana vivia tempos áureos, contando com profissionais e com uma programação que o tornava um modelo, um “padrão regional” a ser seguido.

Um exemplo do sucesso da Borborema pode ser expresso através de um de seus programas da década de 70, apresentado por Joel Carlos. Apresentando “Peça o que quiser” o radialista atendia os ouvintes por telefone e estes poderiam pedir as músicas de sua preferência, estas seriam tocadas na sequência. Com o programa “ele recebia cerca de dez mil cartas mensais. Tal fato deu à Rádio Borborema a medalha de ouro por ter o melhor programa entre as outras emissoras”. (FREITAS, 2006, p.159).

Além do lugar de destaque que ocupava a Rádio Borborema, surge no cenário paraibano a Rádio Caturité. Segundo Nascimento (2003, p. 297), “o sonho da criação de uma ‘cadeia de emissoras paraibanas’, abrangendo todo o Estado da Paraíba, foi o pivô do nascimento da Rádio Caturité”. No entanto, Souza (2006, p. 36) nos diz que ela surgiu “com o objetivo de promover a candidatura do ministro Pereira Lira ao senado”, sendo oficialmente inaugurada no dia 7 de abril de 1951, tendo seu prestígio e ocupando seu lugar de honra na historiografia. Já Freitas fala que a Caturité surge em um

momento de abertura para a democracia e acaba servindo de inspiração, como um espaço democrático e aberto, para este momento. Desta forma

“Nasceu através de um grande sonho de comunicação que deveria abranger todo o Estado da Paraíba através de uma cadeia de emissoras paraibanas integradas pela Rádio Arapuan de João Pessoa, a Caturité de Campina Grande, a Rádio Espirinhas de Patos e, posteriormente, pela Rádio Alto Piranhas de Cajazeiras”. (2006, p.162).

Estas emissoras ficaram conhecidas como “Rede de Emissoras Paraibanas”, justamente pelo fato de trabalharem em conjunto, como uma rede, para promover a imagem do aspirante ao senado Pereira Lira. No entanto, como nos diz Nascimento (2003, p.301), “com o decorrer do tempo, a filosofia da administração da Empresa foi mudando lentamente, procurando priorizar os diversos valores humanos e cristãos nas suas atividades”, pois em 19 de fevereiro de 1965 a rádio foi vendida aos membros do clero de Campina Grande.

No que diz respeito a relação direta do rádio com a política, esta não se deu exclusivamente com a Caturité. Sendo um meio de comunicação de massa, o Rádio foi amplamente usado para fins político partidários, como, por exemplo, no Estado Novo para manutenção de uma imagem de ordem para o país. Neste período, especificamente, a Paraíba não ficou isenta dessa manipulação dos meios de comunicação pelo Estado. Segundo Mello (2013, p. 197), “tal se verificava porque a Paraíba acompanhava passo a passo a centralização político administrativa do país”. Nos meios de comunicação, por exemplo, ele complementa dizendo que em quanto no nível federal criou-se o DIP, “na Paraíba funcionou o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) dirigido por intelectuais mais ligados ao interventor do Estado que ao ditador do Brasil”.

No que diz respeito especificamente a Campina Grande, Oliveira (2006) nos diz que desde o sistema de alto-falantes, antes mesmo da instalação de uma estação de rádio propriamente dita, esta relação já existia. Isto se deu possivelmente pelo fato de em cidades menores haver uma maior inserção dos grupos dominantes, podendo mesmo os candidatos serem proprietários ou terem alguma ligação com proprietários de Rádio.

“Além disso, vários locutores naquela época se destacaram por sua popularidade junto à população e elegeram-se em cargos públicos, muitas vezes sem gastar nada para a campanha, só com o prestígio adquirido pela posição que ocupavam nas emissoras de rádio da cidade” (OLIVEIRA, 2006, p.111).

Trabalhar no rádio acabava criando uma relação direta com o público, o que acabava facilitando a candidatura e a vitória de alguns radialistas, devido ao prestígio público adquirido. A título de exemplo podemos citar locutores que conseguiram ser eleitos, tais como, Leonel Medeiros, locutor da Rádio Carirí, apresentando o programa “Bom dia Trabalhador” e Eraldo César apresentando, entre outros, “O clube do papai Noel”¹⁴. Referindo-se a Eraldo César, Oliveira nos diz que:

“O locutor afirmou que ser eleito vereador por causa de um programa de rádio sem gastar dinheiro não foi brincadeira, foi um aprova do poder que o rádio exercia na época e, principalmente, a Borborema responsável por ditar costumes e padrões da vida à sociedade campinense”. (2006, p 117).

Esta ligação, do rádio com a política, já era percebida desde o sistema de alto-falantes com “A voz de Campina Grande”, onde os candidatos usavam esse meio de comunicação para se dirigirem aos eleitores, “todavia, somente em 1947 é que o rádio teria efetiva participação nas campanhas da cidade, naquela que foi a primeira eleição após a redemocratização do país”. (OLIVEIRA, 2006, p.77).

Como já foi dito, o Rádio em Campina Grande surge em um momento de valorização comercial e as emissoras que lá se instalaram souberam tirar proveito deste fato. Um pouco diferente da Caturité, que foi criada no intuito de promover a imagem de um candidato específico, as demais emissoras optaram por tirar proveito de todos os lados, disponibilizando, para quem pudesse pagar o espaço nos programas para propaganda política, para transmitirem comícios, ou realizarem enquetes. Os horários que eram principalmente utilizados para fins políticos eram os nobres, os que tivessem maior audiência. Na parte da tarde, no horário de almoço e à noite.

Passaram, pois, a existir, em Campina Grande, os espaços em que os candidatos pagavam para disseminar suas ideologias. No entanto, “contrariando a afirmação de que as rádios mantinham-se neutras para transmitirem a programação e comícios de qualquer candidato, o memorialista Oliveiros Oliveira é enfático: ‘a Borborema apoiava mesmo sem rodeios José Américo’”. (OLIVEIRA, 2006, p. 89). José Américo de Almeida era candidato a governador do Estado, nas eleições de 1950, isso implica dizer que por mais que as emissoras de rádio abrissem espaço para mais de um partido

¹⁴ “O Clube do papai Noel” foi um dos programas de auditório mais famosos dos anos 50.

político, no intuito de aumentar seus lucros, isso não diminui nem abranda o fato de eles terem suas preferências e apoiarem um partido específico.

A influência e poder dos meios de comunicação de massa na vida política eram incontestáveis, isso poderia ser visto também nas enquetes políticas realizadas pelas rádios de Campina Grande, pois o que saía nos microfones da Borborema e da Caturité poderia ser decisivo para os pleitos eleitorais.

A este respeito, Oliveira (2006) nos diz que no ano de 1963 seriam realizadas eleições para prefeito de Campina Grande e nas pesquisas realizadas pelos rádios as intenções de votos davam preferência ao candidato Niwton Rique, em detrimento de Plínio Lemos, o que viria a evidenciar o poder de manipulação destas enquetes, pois, no dia 6 de julho do mesmo ano Plínio viria a desistir de sua candidatura, desanimado pelos resultados das pesquisas.

A Paraíba e suas emissoras de rádio também sofreram com a censura no período da Ditadura Militar. Nada poderia ser dito sem antes passar pelo crivo dos órgãos reguladores, sendo o principal deles o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), criado em 1939 para controle e censurar, e promover a imagem de Getúlio Vargas. Neste período só era divulgado no Rádio o que fosse permitido pela ditadura. Os meios de comunicação de massa deveriam promover a imagem do líder político e nenhum acontecimento que ferisse a ordem ou denegrísse a imagem do Estado deveria ser divulgado, sob pena de punição. Estas emissoras também tiveram grande importância para promover a imagem dos políticos locais.

Diante do exposto podemos perceber de que forma as primeiras emissoras paraibanas atuaram ao longo dos anos e a forma como elas se enquadraram ao cotidiano local, pois, entendemos que:

“O repertório cultural de um povo, especialmente de uma região, pode ser influenciado pelo que informam e tocam as ondas do rádio. Da mesma forma, a programação da emissora de rádio funciona como um espelho que reflete as peculiaridades culturais da região onde está inserida e traços de sua identidade cultural” (CERNEIRO e RADDATZ , 2011, p. 166).

Assim, as emissoras de rádio aqui citadas, refletiram e também são reflexo da cultura da região. Tendo em vista o fato de que o rádio ao fazer parte do cotidiano da população, pode exercer, com todas as ressalvas que são feitas, algum nível de

influência sobre o público - como, por exemplo, o fascínio pelas estrelas que brilharam no rádio, ou ainda o envolvimento nas rádio novelas, nos programas de auditório, as notícias que são veiculadas e até a influência na política - na mesma medida em que sua programação reflete as especificidades regionais, pois o público precisa se sentir parte da emissora e se encontrar na programação. “Desse modo, resgatar a memória do rádio é recuperar a trajetória dos povos e reconhecer a importância do veículo para a formação identitária” (CERNEIRO e RADDATZ, 2011, p. 169), residindo aí a importância de se enveredar sobre as singularidades da história da mídia regional.

CAPÍTULO 3

Memórias do rádio: o caso de Cajazeiras

Neste capítulo trataremos da história do rádio em Cajazeiras tendo como fundamento o depoimento de algumas testemunhas oculares do período de inserção do equipamento na cidade e outras que se engajaram no mundo radiofônico mais recentemente, quando a presença do rádio já havia se estabilizado como meio de comunicação de massa efetivo na comunidade. Assim, a oralidade será utilizada por nós como documento histórico, pois, segundo Voldman (1996, p.249) “a fonte oral, seja provocada por aquele que irá servir-se dela para sua pesquisa, seja utilizada por um outro historiador, tem *a priori* um *status* de fonte”.

A primeira experiência com rádio em Cajazeiras é datada de 1938, com serviço de alto-falantes, o que a distancia 16 anos da experiência do Rio de Janeiro, de 1922, oficialmente a primeira transmissão e 19 anos da de Pernambuco - de 1919. Mesmo com um certo atraso, se comparado as experiências iniciais, esta foi uma das primeiras cidades do sertão nordestino a implementar o serviço. A presença do rádio em Cajazeiras marca um momento em que a cidade estava sendo revestida de alguns símbolos da modernidade¹⁵, no caso serviços de utilidade pública (água encanada, energia elétrica, calçamento, saneamento básico), vindo complementar esse cenário de progresso. Assim, antes de enveredarmos pela história do rádio em Cajazeiras, consideramos pertinente ressaltar alguns apontamentos a cerca desse período de progresso pelo qual a cidade passou e ao qual nos referimos.

Cajazeiras, uma cidade localizada no alto sertão da Paraíba, tem sua história oficialmente ligada a educação¹⁶ e ao nome do Padre Inácio de Sousa Rolim o que lhe rendeu o título de “cidade que ensinou a Paraíba a ler”¹⁷. Segundo Silva Filho (1999, p. 301) “em 1863 foi criado o município de Cajazeiras, cuja sede foi elevada a Vila, desmembrando-se de Sousa. Em 1876 a Vila é transformada em Cidade e ganha o seu desenvolvimento a partir de feiras e do comércio do algodão”, neste sentido para o

¹⁵ Entendemos “símbolos de modernidade” como equipamentos que foram sendo implantados na cidade e que teriam alguma utilidade pública.

¹⁶ Segundo a historiografia oficial Cajazeiras teria nascido a beira de um colégio fundado pelo Padre Rolim, este teria sido o fator primordial do seu nascimento e futuramente da sua consolidação enquanto cidade.

¹⁷ “Frase erigida por Alcides Carneiro em reconhecimento aos méritos do Padre Inácio de Sousa Rolim e a Primazia de Cajazeiras na educação da Paraíba” (ROLIM, 2010, p.64).

autor, o comércio do algodão se apresenta como um dos principais fatores que teria impulsionado o desenvolvimento e o progresso em Cajazeiras.

O algodão era o provedor de grande entrada de recursos financeiros na Paraíba e Cajazeiras, principalmente nos anos 20 e 30, acabou se beneficiando com a comercialização deste produto que chegou a ficar conhecido como “a flor da cidade”, influenciando de forma favorável na economia cajazeirense favorecendo com isso o poder público pode dar início a um processo de melhoramento do espaço físico da cidade. Corroborando com essa ideia, Rolim (2010, p. 55) nos diz que “os serviços de iluminação pública o saneamento básico, o abastecimento de água e os transportes coletivos seriam assim, os grandes beneficiados desses recursos”, além de outras conquistas como a chegada do trem, do telégrafo, dos jornais e posteriormente do rádio e da televisão.

A conquista desses equipamentos colocava Cajazeiras no rol das cidades que se engajavam nos novos tempos, tempos da modernidade, feitas as devidas ressalvas, tendo em vista que como em outras cidades, o engajamento de Cajazeiras na modernidade se deu mais através de reformas urbanas e da conquista de equipamentos que ficaram conhecidos como símbolos da modernidade.

Sobre essas conquistas Rolim (2010) nos conta que ainda em 1911 a cidade foi beneficiada com a instalação de fios telegráficos o que seria um grande avanço para a comunicação à longa distância. Quanto a iluminação na década de vinte ela ainda era feita à base de querosene e lampiões, mesmo sendo reconhecida a importância e necessidade da iluminação elétrica pelo prefeito local. A respeito da chegada do trem e da ferrovia, Silva Filho (1999, p. 294/295) nos diz que esse “dinamizara o cotidiano da cidade, uma vez que fora através dele que os habitantes passaram a receber a influência de pessoas, de ideias, e das novidades das capitais mais próximas”, teria sido desse momento também a compra dos primeiros automóveis da cidade, provenientes da renda do algodão.

Ainda segundo o mesmo autor, as obras do IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra Secas) em 1921 viriam somar a Cajazeiras esta onda de progresso, pois, a chegada da firma americana “Dwight P. Robinson”, para construção dos açudes de Boqueirão e Pilões, traria para a cidade novos hábitos, “dessa forma, ao dinheiro das

safras favoráveis de algodão, somava-se o dinheiro da Inspetoria e dos americanos, trazendo ares modernos à cidade, movimentando as casas comerciais” (FILHO, 1999, p. 294).

Nesse sentido, a mentalidade e os costumes dos cajazeirenses também se transformaram. Segundo Chagas (2010, p. 40) “os habitantes não só ‘vestiram’ as cidades de modernidade, mas se ‘vestiram’ também com características que os tornaram urbanos e modernos”. As pessoas passaram a desejar tudo que os aproximasse desse novo modo de vida, no que diz respeito aos hábitos, ao vestuário, moradia, etc. havendo um estímulo das práticas de consumo o que beneficiou o comércio. Neste sentido, o autor ainda nos diz que sair pra rua era entrar em contato direto com as novidades tanto no que diz respeito a paisagem quanto ao consumo, “assim, os proprietários de lojas fizeram maior uso da publicidade para propagandear os seus estabelecimentos comerciais (...)” (CHAGAS, 2010, p. 42), como pode ser visto nos anúncios a seguir publicados pelo jornal “O Sport” que circulava em Cajazeiras no período, entre outros, anunciando o que de mais moderno existisse na cidade:

Ilustração 3:

O SPORT

Novidades em seda

Recebidas pela **CASA TEIXEIRA**

CREPE «2164» ultima novidade para	—	15\$000
Sêda lavavel, dez côres para	—	9\$000
Tecido inglez «2086», cinco côres para	—	4\$500

Artigos de moda. Em côres de gosto
NOVIDADES!!! NOVIDADES!!!...
RUA VIDAL DE NEGREIROS—CAJASEIRAS.

Publicado no Jornal O Sport- Orgam Independente, Literário e Noticioso, n°

113, 7 out. 1928.

Ilustração 4:

«O SPORT» Cajazeiras, 25—3—1928

Movelaria Moderna

RUA 7 DE SETEMBRO, NO PRÉDIO ONDE FUNCIONOU A REDACÇÃO D'«O REBATE».

Se, V. S. necessitar de uma mobília perfeita, ou se quiser fazer aquisição de um mobiliário moderno e chic, não é mais necessário arredar-se de Cajazeiras, basta procurar os senhores

Eduardo Costa & Cia.

e fazer suas encomendas. Os trabalhos são garantidos. Dispõe de catálogos onde o freguez escolherá a vontade.

PAU SETIM, PAU MULATO, CUMARU' E CEDRO
tudo V. S. en-
contrará na **Movelaria Moderna**

OUTROSIM—Prepara-se ataúdes de todos os typos e
feitos

Cajazeiras — — — Parahyba.

Publicado no Jornal O Sport- Organ Independente, Literário e Noticioso, nº 85,
25 de mar. 1928.

O consumo e a apropriação dessa modernidade seu deu de diversas maneiras, melhor dizendo individualmente, pois nem todos os cidadãos tinham condições financeiras de adquirir estas novidades, no entanto, o próprio ato de estar em volta as novidades já lhes faziam parte da modernidade. A modernidade se dava também pela quantidade de informações, quanto mais informado fosse a pessoa mais moderna ela seria. Dessa forma os jornais impressos passaram também a divulgar bens de consumo. Assim, conforme Chagas (2010, p. 43) “a leitura de jornais também passou a ser um hábito comum aos habitantes melhor afortunados da cidade, consumidores em potencial, fazendo com que neles os proprietários de lojas, magazines e butiques divulgassem seus artigos”,

No que concerne especificamente à comunicação é sabido da importância dos jornais para a comunidade, por isso vale à pena salientar que “em Cajazeiras, por exemplo, entre as décadas de 1920 e 1930 eram publicados: *O Pátria jornal*, *O Rebate*,

O Sport, O Rio do Peixe, o Estado Novo e a revista Flor de Liz” (SOUZA apud ROLIM, 2010, p.56), órgãos noticiosos que prestaram grandes serviços a Cajazeiras funcionando como o primeiro suporte¹⁸ informativo da cidade, sendo depois acrescido a este quadro as rádios. No entanto, como Chagas nos disse acima, a leitura dos jornais era um hábito dos mais afortunados, até por exigir a alfabetização.

A presença e importância dos jornais na cidade pode ser vista na fala de duas senhoras em entrevista cedida à Silva Filho, no entanto sobre vertentes diferentes, pois, cada uma fala do seu lugar social. A primeira, Dona Marilda Sobreira, nos diz que “aquele povo se entusiasmou muito pelo jornal. Aliás, Cajazeiras foi uma cidade onde o povo sempre gostou muito de ler”. (FILHO, 1999, p. 311), já para Dona Maria Simplício “os jornais não eram para todo mundo não. Só pras pessoas que faziam aquele contato com ele”. (FILHO, 1999, p. 311). O fato é que era real a presença e força que os jornais impressos tinham em Cajazeiras, devemos ressaltar também que esse lugar de importância até então ocupado viria a ser disputado posteriormente pelas emissoras de rádio.

Já que nos referimos à memória, vale ressaltar que falar de memória ou construir uma história através da memória requer alguns cuidados metodológicos, no caso acima não podemos dizer, por exemplo, que qualquer uma das falas estejam erradas, mesmo elas sendo divergentes, pois, segundo Filho (1999, p. 318), “ a memória é um trabalho de recordação, recordação esta, que é uma construção, fornecida pela vivência em um quadro espaço - temporal”, sendo esta uma construção, uma revelação do imaginário pautada nas individualidades da consciência, devemos ter o cuidado de “(...) não tornar a memória - pela oralidade - um dado oral sobre a realidade, um dado pronto e acabado, fornecido pela fala do depoente” (1991, p.314).

Sobre a memória Maurice Halbwachs nos diz que nossa memória, nossas lembranças individuais, estão submetidas a um outro quadro, a memória coletiva, “portanto, qualquer recordação de uma série de lembranças que se refere ao mundo exterior é explicada pelas leis da percepção coletiva”, neste sentido nossas memórias individuais seriam sempre inspiradas pelo grupo ao qual pertencemos, logo, uma

¹⁸“Pode- se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto” (MARCUSCHI, 2006, p. 174).

memória coletiva. No entanto, o autor reconhece a existência de dois tipos de memória. Assim

“Admitamos, contudo, que as lembranças pudessem se organizar de duas maneiras: tanto se agrupado em torno de uma determinada pessoa, que as vê do seu ponto de vista, como se distribuindo dentro de uma sociedade grande ou pequena, da qual são imagens parciais” (2006, p. 62).

Existindo, pois, memórias individuais e memórias coletivas nas quais o indivíduo teria participação, desta forma, “(...) a memória coletiva não explica todas as lembranças e talvez não explique por si só a evocação de qualquer lembrança” (HALBWACHS, 2006, p. 42). Nesse sentido, Michael Pollak nos diz que em trabalhos mais atuais já se reconhece o caráter problemático dessa memória coletiva, pois na perspectiva construtivista não se vê mais os fatos sociais como “coisa”, ao contrário, tenta-se analisar este processo de coisificação, tenta-se perceber por quem esses fatos são cristalizados e solidificados. Isso tudo aplicado à memória coletiva resultaria em um processo de análise dos atores responsáveis pela elaboração dessa memória e privilegiaria a análise da memória da minoria, dos excluídos, opondo-se, pois, a memória oficial, assim, “ao contrário de Maurice Halbwachs, ela acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional” (POLLAK, 1989, p.5).

Diante do exposto, tentaremos analisar, através de depoimentos de alguns radialistas, a memória que os mesmos tem sobre a implantação do rádio em Cajazeiras, no entanto, reconhecendo que os depoentes falam a partir de um lugar social e que essa nossa escolha seria apenas uma dentre as várias possibilidades de análise, seria apenas um dos vários olhares que poderiam ser lançados sobre este veículo de comunicação. Não pretendendo esgotar o leque de probabilidades que nos é oferecido, primando ainda pela análise dos discursos sobre os pioneiros da radiodifusão local. Assim, através desse conjunto de memórias, tentaremos construir a memória coletiva - de um grupo específico - do rádio em Cajazeiras. Pensar alguns de seus aspectos, como também programas e personagens que fizeram parte dessa história, tendo sempre o cuidado, de não tomar as falas dos depoentes como verdades absolutas, prontas e/ou acabadas.

O rádio em Cajazeiras, segundo Vilar (1997) não surge com uma emissora de rádio, a empreitada inicial se dá com um sistema de alto-falantes denominado Difusora

Rádio Cajazeiras, no final dos anos 30, isso se deu através de caixas que iam sendo fixadas nos postes de iluminação pública na Avenida Presidente João Pessoa, ainda em pequena quantidade. A este respeito uma das testemunhas oculares¹⁹ do período nos diz:

“O primeiro serviço de Auto- Falante foi denominado de Difusora Radio Cajazeiras, por volta de 1938, de propriedade da firma Carvalho & Dutra, dona da primeira loja especializada em eletrodomésticos instalados no comércio cajazeirense. A coqueluche pegou a cidade e em pouco tempo era instalado mais um serviço de Auto- falante, agorabatizado de Difusora Rio do Peixe. A programação continha músicas e notícias, captadas das emissoras dos Estados vizinhos. A audiência era muito boa, pois as pessoas ficavam nas calçadas, ouvindo atentamente aqueles projetores de som espalhados pela cidade” (NASCIMENTO, 2003, p. 155).

Sendo acrescentado a estas duas uma terceira, denominada de “A voz do Sertão”. Sobre a chegada do rádio em Cajazeiras José Antônio²⁰ comenta “o rádio foi tão forte que Cajazeiras antes da chegada do rádio tinha muitos jornais, houve uma década aqui que nós tínhamos sete jornais impressos e com a chegada do rádio esses jornais praticamente morreram”. Desse modo, percebemos que o rádio levou o jornal impresso ao ostracismo, então as notícias e as propagandas veiculadas nos jornais encontraram êxito ao serem transpostas para o rádio. Sobre o motivo da criação dos sistemas de alto-falantes José Antônio ainda nos diz que:

“O sistema de alto falante naquela época surgiram por questões políticas, o camarada queria mandar seu recado mandava pela emissora do poste, o pessoal parava pra ouvir, né. Mas mesmo assim a população aceitou, é tanto que das que existiram no passado a mais importante delas depois se tornou emissora, a Difusora Rádio Cajazeiras...”.

Neste sentido, segundo Vilar (1997, p. 44) “o período em que os SAFs alcançavam grande audiência, acirrando a concorrência, era justamente em ano eleitoral”. Outros de nossos entrevistados também ressaltam a importância e a influência que a política sempre teve na cidade, assim como, a ligação que a mesma tem com algumas emissoras de rádio local. Tentaremos deixar esse posicionamento mais claro ao longo do texto.

¹⁹ Referimo-nos a José Gonçalves, um dos locutores da Difusora Rádio Cajazeiras. Os dados acima citados foram cedidos em entrevista a Pereira Nascimento, no ano de 2003, e retirados da obra “história da radiodifusão na Paraíba”.

²⁰ Professor da Universidade federal de Campina Grande (campos de Cajazeiras) e atual diretor-executivo da Rádio Alto Piranhas.

Sejam quais tenham sido os motivos que levaram a implantação do sistema de alto-falantes em Cajazeiras, o fato é que eles existiram e deram início a uma longa e promissora caminhada. É fato também que os SAFs prepararam os cidadãos para receber mais tarde uma emissora de rádio na cidade, o que para José Antônio não seria mais nenhuma novidade, o que teria acontecido, em suas palavras, é que “nós apenas deixamos de ouvir a rádio do poste pra passarmos a ouvir a rádio do Rádio, no receptor”. Corroborando com este pensamento Vilar (1997, p. 45) nos diz que nos seus 20 anos de existência exclusiva “os SAFs foram, de forma paulatina, entranhando-se no cotidiano de Cajazeiras, de maneira que a relação das pessoas com os mesmos foi tornando-se cada vez mais íntima”. Desta forma, segundo o autor, esse sistema teria criado as condições para implantação de uma emissora, dando experiência técnica aos radialistas e a comunidade uma consciência radiofônica, preparando-os para colaborar e receber a pioneira.

O pioneirismo da radiodifusão cajazeirense é atribuído a Rádio Difusora Cajazeiras, no entanto, existiram experiências e tentativas por parte de outras emissoras antes que a pioneira fosse ao ar. Segundo Nascimento (2003, p. 157) “a primeira emissora cajazeirense surgiu em 1963, durante as eleições, em forma de ‘rádio pirata’, a rádio Patamuté, criada pelo técnico em eletrônica Pedro do Rádio que a colocou no ar clandestinamente”. Mesmo não tendo licença do governo para funcionar e tendo sido criada por interesses políticos, a “rádio pirata” teve uma grande aceitabilidade e teria sido a partir desse momento que os cidadãos passaram a sentir a necessidade de uma emissora de rádio na cidade. Segundo Vilar (1997, p. 45), numa alusão a esta aceitabilidade, “embora o número de rádio ainda fosse pequeno, todos corriam para as casas de alguém que possuía o aparelho quando se sabia, de antemão que a ‘Patamuté’ ia ao ar clandestinamente”.

Acrescida a esta experiência, a Rádio Alto Piranhas também tentou conquistar o posto de pioneira ao conseguir, antes da Difusora, em 1961, a carta de concessão pra funcionamento, com “finalidades educacionais, cívicas e patrióticas, bem como a exploração de propagandas comerciais e atividades correlatas” ²¹, no entanto, a diocese não conseguiu colocar a emissora no ar ficando o título de pioneira para a Rádio Difusora de Cajazeiras.

²¹Ver documento (Contrato Social Primitivo) na íntegra em anexo.

A Difusora Rádio Cajazeiras funcionou como serviço de alto-falantes de 1938 a 1964, quando foi transformada em uma emissora de rádio, oficialmente a primeira de Cajazeiras. Conforme Nascimento (2003, p. 158) ela teria iniciado “suas atividades em 19 de março de 1964, em fase experimental, e em 31 de maio do mesmo ano, oficialmente normalizada”, no que concerne a mensagem inicial irradiada pela rádio, teriam sido proferidas as seguintes palavras, acompanhadas pelo Hino Nacional²²:

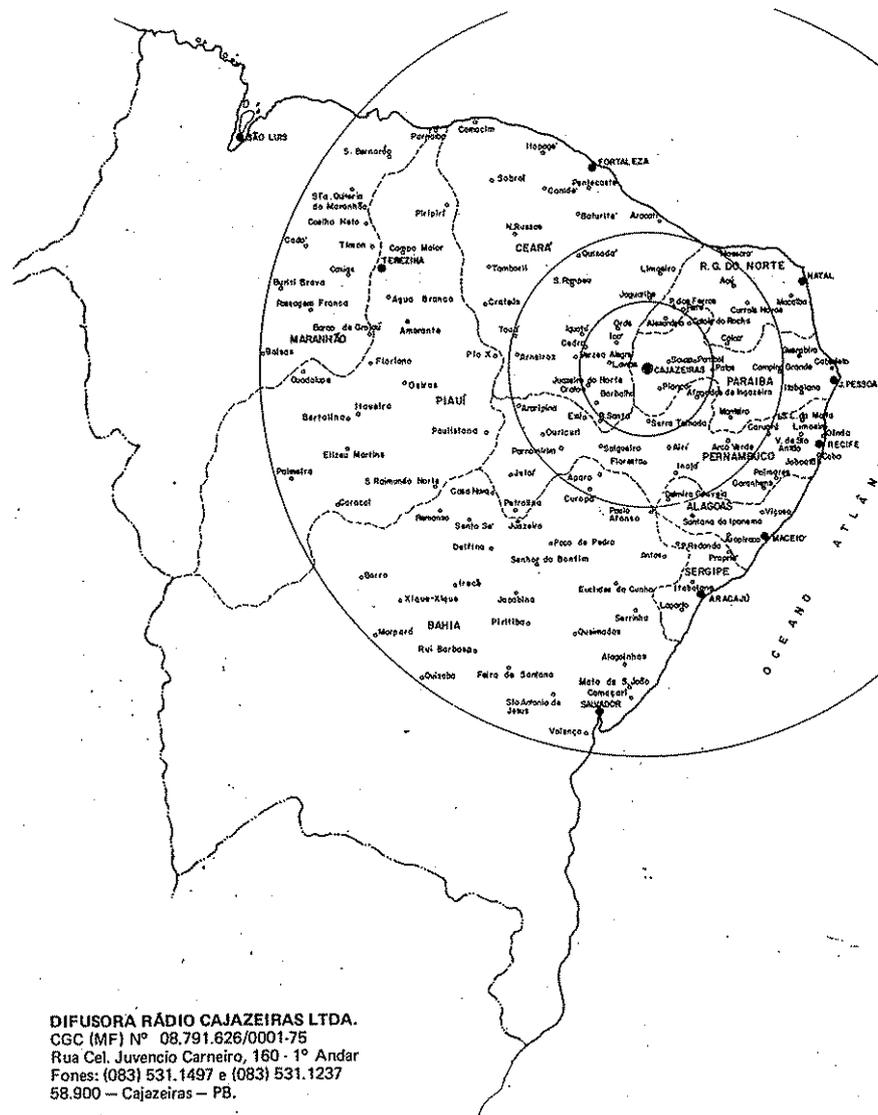
“Ao som deste prefixo musical que identifica para o público ouvinte a mais querida emissora do público paraibano, está no ar neste momento a estação de onda média da Difusora Rádio Cajazeiras CYJ22, frequência de 1.540 KHZ, iniciando sua programação traçada pra o dia de hoje, que as nossas primeiras palavras sejam votos de bem estar e harmonia para os que escutam durante o período de nossas atividades. Os nossos cumprimentos a Cajazeiras, a Paraíba e ao Nordeste.”

A partir deste momento Cajazeiras passaria a contar, além dos serviços de alto-falantes, com uma emissora fixa, sob iniciativa do senhor Mozart de Souza Assis. Em alusão ao progresso conquistado pela rádio, José Gunegunes Bastos²³, nos conta que a emissora “começou com transmissor de 250 watts, depois passou para 1 000 watts, de 10 000 watts e agora 20 000 watts, e agora 25 000 watts, isso é uma prova que a cidade tem exigido muito da comunicação dessa emissora”. Esta exigência por parte dos ouvintes, acompanhada do seu crescimento, a levaria a ser conhecida por toda região.

Ilustração 5:

²²Esta mensagem estava contida em um documento sonoro de Josicélia Brito de Aquino (Filha de um dos entrevistados: o senhor José Gunegunes Bastos). O referido documento faz parte do trabalho de conclusão de curso da habilitação em radialismo do curso de comunicação social, da Universidade Federal da Paraíba.

²³Radialista da Difusora, tendo iniciado seus trabalhos na emissora no ano de 1973 como sonoplasta.



Fonte: Vilar, 1997, p. 49.

Como podemos ver a penetração do rádio na região era grande, e com o tempo aumentou-se a cobertura e o número de aparelhos na cidade, assim, “deve-se observar que em 1964 o número de domicílios com aparelhos de rádio já era bem mais substancial do que na década anterior” (VILAR, 1997, p. 53), quando a cidade contava apenas com os SAFs. Neste sentido José Antônio Albuquerque, referindo-se ao primeiro contato do Distrito de Boqueirão com o rádio, nos diz

“Me lembro que em 1954, no Distrito de Boqueirão, quando chegou lá o primeiro rádio, eu morava lá, foi uma novidade muito grande e o pessoal se reunia a noite pra ouvir a rádio Tupi do Rio do Rio de

Janeiro, a Rádio nacional e o pessoal sempre gostou de rádio, foi sempre fascinado, quando chegou aqui pra nós não era mais novidade, nós agora íamos ter não as notícias do Brasil, mas as notícias da região, da cidade, né”.

Este é um fator relevante, Cajazeiras agora teria a oportunidade de ouvir no rádio notícias de sua cidade, o rádio dessa maneira passaria a ser um lugar de identificação social, além de outras funções que ele assumiria. Referindo-se ao momento de fundação da rádio Difusora - 1964 - Vilar (1997, p. 47) nos diz que “neste ano, Cajazeiras insere-se no contexto das poucas cidades nordestinas a dispor de uma emissora de rádio. Embora a cidade de Patos, no interior da Paraíba, já tivesse uma emissora (...)”, em sintonia com este pensamento Mariana Moreira²⁴ nos conta que:

“Cajazeiras foi, a nível de interior da região, uma das primeiras a ter emissoras de rádio, então, pelo menos eu lembro ainda muito da minha infância, adolescência, muitos dos comerciais veiculados na emissoras de rádio não eram só inclusive de Cajazeiras, mas eram de vários municípios da região: Sousa, Pombal, que não tinham emissoras de rádio próximas, só ia ter em Patos. Veiculava mensagens comerciais nas emissoras de rádio de Cajazeiras, cidades do Ceará: Iguatú, Icó, Lavras da Mangabeira, Ipaumirim, veiculavam mensagens comerciais nas emissoras de rádio de Cajazeiras, então tinha toda essa importância não só para a própria cidade mais para a própria região, então era um espaço bastante interessante de divulgação de propaganda de comércio na região”.

Levando em consideração tais posicionamentos, percebemos que o rádio modificou a dinâmica social e econômica não só de Cajazeiras, mas de toda região circunvizinha, tendo em vista que muitas cidades ainda não dispunham do serviço e se utilizavam das emissoras de Cajazeiras para veicularem seus comerciais ou para manterem-se informadas sobre os acontecimentos a nível regional.

No que concerne à programação e a forma como o rádio era feito, nos chama atenção a fala do fundador da Difusora, Mozart de Assis²⁵, segundo ele

“Nós nos espelhamos muito nos Diários Associados, muito mesmo, copiamos muita coisa da Tupy, naquele tempo em 1964 a Tupy era padrão, não existia Globo. O padrão era Tupy e naturalmente que era forte essa influência. Também em termos de Paraíba, ouvíamos muito Campina Grande, a Rádio Borborema era uma rádio realmente nova, mas agente admira porque tinha Assis Chateaubriand, que foi um cara que começou do nada e fez muita coisa” (VILAR, 1997, p. 51).

²⁴Graduada em comunicação social, começou a trabalhar no rádio em 1982, atualmente é professora na Universidade Feral de Campina Grande (campos Cajazeiras).

²⁵ Os dados citados foram cedidos em entrevista a Lucio Vilar para seu trabalho de mestrado que acabou transformando-se no livro “janelas da sedução cotidiana”, publicado em 1997.

Da fala de Mozart podemos perceber a influência que as emissoras mais renomadas exerciam sobre a programação do rádio local, por que mesmo reconhecendo que os SAFs tenham dado subsídios e preparado melhor os radialistas, os mesmos ainda não teriam atingido maturidade suficiente para conseguirem, sem ter o apoio - voluntário ou não - de outras emissoras, colocar no ar uma emissora com programação de qualidade. Assim, fez-se “necessário” copiar o modelo, a forma de fazer rádio de outras emissoras, no entanto se reconhece que “o rádio possibilita o tratamento de problemas regionais e locais, mesmo que algumas emissoras ainda seguissem o conteúdo das grandes emissoras situadas nas cidades maiores...” (TINCANI, 2010, p.36).

Segundo informações de José Antônio, com o passar do tempo e a conquista de maturidade, esse quadro teria mudado bastante. As rádio de Cajazeiras teriam evoluído a ponto desta ser considerada “uma escola de radiojornalismo”, assim:

“Cajazeiras como formadora de mão de obra no setor radiofônico tem exportado dezenas de bons profissionais pra todo Brasil, não somente pra, por exemplo, a capital do Estado, mas nós temos aqui radialistas trabalhando em São Paulo, Ceará, Fortaleza, João pessoa, Recife, quer dizer Cajazeiras foi uma escola do rádio e assim ela tem se projetado, ela tem sempre exportado bons profissionais principalmente pra capital do Estado, que tem se formado aqui e quando chega na Capital dá um show...”

José Antônio não é o único a perceber este potencial do rádio na cidade, Nascimento (2003, p. 161) também nos diz, referindo-se a DRC, que “o certo é que ela serviu de escola radiofônica para muitos jovens, hoje destacados nomes dos meios de comunicação do nosso Estado, como Spencer Hartman, brilhante locutor da rádio Tabajara (...)”, outro radialista que também faz referência ao quadro de evolução do rádio em Cajazeiras é Antônio Wilson Lacerda²⁶,

“Hoje eu faço rádio a mais de duas décadas, sou um dos apresentadores do programa “Boca Quente” e sou um dos fundadores desse programa que é de muita audiência e que é muito copiado, assim, o nosso estilo de fazer rádio diferenciado até mesmo nas capitais, hoje colegas meus se destacam em Fortaleza, em João Pessoa, em outras placas fazendo esse nosso estilo de rádio”.

Assim, tendo em vista tais depoimentos e também levando em consideração o lugar social do qual falam os depoentes (poderia denotar uma tentativa engrandecimento

²⁶Advogado e locutor da Difusora Rádio Cajazeiras, dentre outras, tendo se iniciado no rádio aos treze anos de idade.

do rádio cajazeirense), o quadro radiofônico de Cajazeiras teria evoluído consideravelmente, agora, ao invés de funcionar copiando e/ou tomando por base a programação das grandes emissoras, estaria “formando” em seus estúdios profissionais que trabalhariam posteriormente nessas rádios renomadas.

E com o tempo foram surgindo outras rádios na cidade, a Difusora Rádio Cajazeiras teria brilhado sozinha por dois anos, quando em 1966 nasce uma nova emissora sob os auspícios da Igreja (de propriedade da Diocese), a Rádio Alto Piranhas, que conseguiu primeiro a concessão para funcionamento, mas só entrou no ar dois anos depois da Difusora. Em sintonia com o que está expresso no Contrato Social da rádio²⁷, José Antônio nos diz que “a Rádio Alto Piranhas, foi criada com a função de educar, inclusive a Diocese de Cajazeiras quando a instalou, em 1966, ela tinha um programa de alfabetização e de aulas destinado aos alunos da Zona Rural, era um rádio que só sintonizava a Rádio Alto Piranhas”, o entrevistado também nos disse que outra questão forte na rádio era a evangelização, tendo em vista também o fato da mesma pertencer a Diocese.

Essa característica do surgimento da Alto Piranhas nos remete aos anos iniciais do rádio no Brasil e aos ideais de Roquette Pinto, considerado o pai do rádio brasileiro, um “pai” que tinha o desejo de transformar essa mídia sonora em um instrumento difusor de cultura e educação, nesse sentido, assim como a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, tida por muitos como a primeira emissora de rádio brasileira, a RAP também surge com ideais educativos e culturais.

Por tanto, segundo Nascimento (2003, p. 164), “a Rádio Alto Piranhas já nasceu com uma característica diferente, pois era uma emissora puramente religiosa, que manteve o formato de sua programação até a metade dos anos 70 (...)”. Mariana Moreira nos dá um belo relato sobre o perfil das duas primeiras rádios de Cajazeiras, principalmente no que diz respeito à diferenciação do perfil destas rádios

“eu tenho assim algumas lembranças, mas já a partir dos anos 70, eu lembro. O meu pai sempre teve rádio no sítio aí tinha muito... era muito definido, primeiro por que surgiam as duas emissoras, a Alto Piranhas e a Difusora, agora cada uma com um perfil, por exemplo, a Difusora era uma rádio de uma pessoa particular, a Alto Piranhas era uma rádio da Diocese, uma concessão que foi feita para a Diocese de Cajazeiras (...) a Alto Piranhas tinha uma, talvez até pela própria

²⁷Ver em anexo.

questão dela pertencer a Diocese, ou seja, por ela ser vinculada a Igreja católica ela estava mais, digamos, mais isenta da própria questão política. Lembremos que as rádios de Cajazeiras surgem exatamente no período da ditadura militar, então tinha tudo isso e a Alto Piranhas fazia alguns programas, por exemplo, musicais, de veicular música de Chico Buarque, não sei o que... considerados como subversivos, tinham os programas de música popular brasileira que eles faziam, tinham os debates, algumas coisas, então eles tinham uma abertura maior, enquanto que a Difusora talvez pela maior audiência fosse mais visada, ela tinha uma programação mais definida, mas estruturada e mais “conservadora”, noticiários, mais noticiários já ali prontinhos, nada de entrevistas assim, muito polêmicas, essas questões todas. Enquanto a Alto Piranhas tinha um pouco essa configuração mais flexível”.

A partir do discurso de Mariana Moreira podemos perceber que a Difusora, em suas palavras, talvez por ser mais visada, era mais conservadora, tinha mais presente a questão política, enquanto a Alto Piranhas era mais ousada em sua programação. E também por ser uma acadêmica, ela percebe mais as duas rádios ligadas ao período histórico, assim fala da ditadura militar e de como as duas rádios se posicionavam frente a essa questão. Seu olhar é crítico em relação as duas emissoras, além da memória da infância enquanto vivia no sítio, percebemos que o que ela presenciou na infância juntamente com as suas vivências posteriores possibilitaram essa fala.

Segundo Vilar, referindo-se ao período das memórias de Mariana Moreira, teria sido mesmo nos anos 70 que a RAP teria atingido sua maturidade e teria realmente se definido numa linha editorial diferente da DRC, assim, por exemplo, se “a Difusora não executava música estrangeira em sua programação, por proibição expressa de Mozart de Assis, a RAP não fazia restrições a esse tipo de veiculação musical, desde que se respeitasse, dentro de um potencial de execução, a música brasileira” (1997, p. 59), nesse sentido, enfatizando as premissas acima, nas palavras de Nonato Guedes²⁸ “tem uma coisa interessante, na comparação entre a DRC e RAP, eu sempre preferi o clima de liberdade dessa última, por que parece que Mozart queria ser mais casto que o bispo (...)”.

Um dos programas que mais fez sucesso nessa fase de maturidade da Alto Piranhas, teria sido o “Discoteca Dinamite”, um programa jornalístico, de Zeiltom Trajano e Júlio Bandeira. Mariana Moreira ressalta que era um programa de audiência fechada, pois, “a noite, a partir das oito da noite, depois da “Voz do Brasil” até meia

²⁸Essa informação foi cedida em entrevista a Lúcio Vilar. (VILAR, 1997, p. 56).

noite era todo mundo com o radinho ligado, todo mundo ouvindo o “discoteca dinamite”. Segundo Nascimento (2003, p. 165-166) foi através deste programa que a Alto Piranhas “esteve ao lado do povo cajazeirense, apoiando os grandes movimentos populares da cidade”. Ainda sobre o programa e a abertura que o mesmo tinha para as questões sociais, Vilar (1997, p.62) nos fala, “o ‘Discoteca Dinamite’ foi o primeiro programa a colocar em pauta problemas da comunidade, com canal aberto à população, que poderia, assim, denunciar as mazelas da rua, do bairro e até mesmo críticas aos políticos locais (...)”. O sucesso do programa e sua aceitabilidade foram enormes, talvez pela abertura dada a população, e um exemplo desse sucesso foi uma réplica do programa apresentado por Íracles Pires, o “Mine- Discoteca Dinamite”.

Em oposição a esta abertura, Vilar (1997, p. 61) nos fala do posicionamento da Difusora no momento da primeira greve do magistério estadual na cidade, no ano de 1979, assim, “toda e qualquer notícia sobre esta greve foi suprimida dos noticiários da Difusora Rádio Cajazeiras, numa manobra política que só interessava ao governo do Estado que mostrava-se intransigente em não negociar com os professores em greve”. Sobre este posicionamento, de estar sempre a favor do governo, Bandeira de Melo²⁹ nos conta que “... com a Difusora eu nunca vi nada, era mais, digamos neutra, porque Mozart não se interessava por política, quer dizer, era sempre a favor, nunca contra...” No entanto isso não implica dizer que a Alto Piranhas não sofresse nenhum tipo de controle pela Diocese, por mais que em suas programações fossem mais ousadas e que os radialistas tivessem maior liberdade de expressão, como pode ser percebido nas falas a cima, existia sim um controle do que era dito e feito, prova disso foi o fato do “Discoteca Dinamite” ter sido retirado do ar por que “o programa extrapolava a linha de conduta estabelecida pelo bispo diocesano Dom Zacarias Rolim de Moura, de onde partia a última palavra sobre qualquer problema mais grave na ‘RAP’” (VILAR, 1997, p. 64).

Sobre os mandos e desmandos do rádio em períodos eleitorais Mariana Moreira nos fornece alguns exemplos, tais como,

“... eu trabalhava na Difusora Rádio Cajazeiras em 84 na campanha pra governo do Estado era Buriti e um candidato de Wilsom Braga, acho que era José Carlos, não sei quem, e ai era o seguinte tinha

²⁹Melo, foi um dos locutores do sistema de alto falantes na década de cinquenta. A informação citada foi cedida em depoimento a Lúcio Vilar. (Vilar, 1997, p. 61).

mesmo claro lá, olha aqui de Buriti não se fala nem de bem nem de mal, de fulano só se fala de mal, de sicrano não se fala de mal, só de bem, ou seja, não era explícito, não tinha um aviso na parede, mais chegava os recadinhos pra gente, olhe não se pode falar de fulano nem de bem nem de mal, de fulano pode falar só de mal, de fulano só de bem o cabra pode ser o maior corrupto da história mais ele é um santo pra essa emissora, então, essas questões elas se diluem e tentam ser camufladas nesse discurso de que a participação do ouvinte é uma medida da democratização da rádio, da sua popularidade, da sua abertura pra o público, será?”

Neste sentido a fala de Mariana Moreira, além de nos remeter ao lugar que o rádio ocupa no que se refere às questões políticas na região, nos convida a uma outra reflexão, qual seria realmente o lugar ocupado pelos ouvintes nas emissoras de rádio? Ou ainda, qual o nível de influência do rádio sobre a opinião pública? Sobre essas questões algumas das falas dos nossos entrevistados são reveladoras.

“Todos sabem que nós que fazemos rádio influenciemos e muito a sociedade civil organizada, os nossos ouvintes. Por isso que nós temos que ter a responsabilidade quando na transmissão dos fatos, ouvindo a denúncia o denunciado e buscando fazer um jornalismo com seriedade dentro dos critérios que a técnica nos repassou e o nosso conhecimento, a nossa vivência de profissional” (Wilson Lacerda).

“(…) Querendo ou não os profissionais de rádio pela repercussão, pela importância e relevância que o rádio assumiu, eles são também considerados como formadores de opinião, então o que eles dizem: há saiu, o “Boca Quente” falou. Ou seja, alguém está prestando atenção naquilo e você pode induzir pra que as pessoas pensem de um jeito ou de outro” (Mariana Moreira).

Entendemos, assim como nossos entrevistados, que o rádio pode sim ser usado como instrumento de manipulação ideológica, exemplo disso é o uso que dele foi feito no Estado Novo pra promoção da imagem de Getúlio Vargas³⁰, daí a importância dada ao cuidado sobre o que é dito nas emissoras. No entanto, deve-se pensar a respeito dos limites dessa manipulação, dessa influência, pois, segundo Morin (1997, p. 46) “a cultura de massa, no universo capitalista, não é *imposta*³¹ pelas instituições sociais, ela depende da indústria e do comércio, ela é *proposta*”. Neste sentido, o rádio - como veículo de comunicação de massa - e tudo que nele fosse produzido visaria o consumo e

³⁰“A imprensa e o rádio foram os principais veículos da propaganda estado-novista” (VIEIRA, 2011, p. 74).

³¹Grifos nossos.

para que esse consumo fosse efetivado ou não o público - os ouvintes - teria que reagir de alguma forma, aceitando ou não, por exemplo, a programação que lhes é oferecida, que lhes é proposta, afinal ouvir o que o rádio nos diz não é obrigatório. Neste sentido os ouvintes não seriam, assim, tão passivos.

Ainda referindo-se aos ouvintes, também numa alusão as formas de se participar ativamente da programação do rádio, Wilson Lacerda fala que “antigamente era uma coisa muito nostálgica, através das cartas que eram endereçadas aos programas musicais. Nos dias de hoje nota-se que há mais uma questão de utilidade pública...”, assim os espectadores teriam amadurecido e descoberto outras formas de fazer uso do rádio, descobrindo seu papel social, em suas palavras, tornando-o um bem de utilidade pública. Corroborando com Wilson Lacerda, José Antônio nos diz que “hoje é que o ouvinte participa mesmo, antes havia dificuldade de se colocar no ar um ouvinte, mas hoje com as novas tecnologias você facilmente coloca os ouvintes no ar. E hoje eles estão muito mais ativos cobrando das autoridades, pedindo música (...)”.

Com o avanço tecnológico, com o uso do telefone, por exemplo, ficou muito mais fácil a participação dos ouvintes nas emissoras de rádio, no entanto segundo Mariana Moreira ressalvas devem ser feitas quanto a esta abertura, quanto a esta participação, primeiro por que “dizer que é aberto para todos os ouvintes isso é questionável”, depois por que “abrir o microfone pra todo mundo dizer o que quer, não quer dizer que as pessoas estão realmente usando um meio de comunicação como um espaço de expressão de suas reivindicações...”. Sua primeira ressalva refere-se ao fato de nas rádios, por mais que exista uma dita democracia, o microfone não é aberto a todas as pessoas, assim, “... eu via isso nos bastidores, muitas vezes: ah, é fulano. Não, fulano não fala. Então existia toda uma censura (fulano não fala) por mil razões, de política, de questões partidárias...”, depois, permitir que os ouvintes falem, que eles exerceram sua liberdade de expressão, também teria seus lados negativos, pois

“Não podemos jamais confundir liberdade de expressão com a possibilidade de você dizer o que quiser, inclusive ferindo, agredindo as pessoas, os ouvintes, é, sendo preconceituoso, sendo agressivo, por exemplo, com questões religiosas, questões étnicas, ou seja, e de repente você não tem, por exemplo, como controlar se de repente você abre o microfone de uma rádio, libera o microfone e aí a pessoa fala o que quiser... eu acho que tudo bem os ouvintes devem participar, mais sob alguns critérios, a partir de algumas questões que precisariam ser colocadas, não censura, mais critérios éticos... você não pode de

repente em nome de uma dita liberdade de expressão ser agressivo, ser preconceituoso, colocar as coisas, por exemplo, que depreciem um negro, o pobre, a mulher (...)”.

Segundo Kochhann e Freire (2011, p. 276) esse comportamento dos ouvintes seria resultado da convergência digital, pois através do telefone e da internet, por exemplo, eles participam mais e de forma imediata, assim

“Enfim, o ouvinte que antes mandava as suas cartas a redação, e essas cartas levavam dias até chegar ao destino, hoje acompanha a programação utilizando o canal internet e já faz os seus comentários, correções e participações instantaneamente, alterando de forma significativa a produção dos conteúdos radiofônicos”.

Neste sentido, a participação dos ouvintes, possibilitada pela convergência digital, poderia ser vista sob duas vertentes, a primeira no sentido de permitir uma maior interatividade entre o rádio e os ouvintes, a segunda no sentido do cuidado que se deve ter com a utilização dessa liberdade de expressão de maneira que ela não fira os valores de outros, afinal o rádio não distingue público, tendo ouvintes com perfis bem diferentes.

Essa abertura para o público, para uma participação mais ativa do público ouvinte, na Alto Piranhas, por exemplo, teria sido dada com o programa “Discoteca Dynamite”, como já foi dito, de Zeilton Trajano, nos anos 70, período em que a rádio já teria atingido uma certa maturidade e segundo Nascimento (2003, p. 165) “mostrando uma linha de programação totalmente oposta a sua concorrente”. No que diz respeito a concorrência, Vilar (1997, p. 65) nos diz que até 1974 a superioridade da DRC sobre a RAP era real, e para manter ou melhorar a audiência as emissoras investiram muito no radiojornalismo, assim “a RAP partiu para o enfrentamento da concorrência, fazendo cobertura de rua - que era um privilégio da Difusora Rádio Cajazeiras - apostando em um jornalismo mais consequente, realizando grandes entrevistas (...)”. Não pouparam criatividade e ousadia, como pode ser visto no depoimento a seguir³², referindo-se a visita do governador da Paraíba, na época João Agripino

“A DRC estava no aeroporto fazendo flash de dez em dez minutos e nós, na maior angústia, por que não tínhamos como cobrir o fato. Ai Zeilton decidiu que íamos transmitir, fomos para a discoteca da RAP, instalamos os microfones e com umas folhas de zinco que a emissora havia comprado, simulamos a zuada do avião desembarcando e, com o

³²A fala a seguir é do professor universitário e radialista Chagas Amaro - tendo prestado seus serviços tanto no sistema de alto falantes quanto na RAP - em entrevista cedida a Lúcio Vilar.

rádio ligado na DRC, não deu outra: transmitimos como se de lá estivéssemos. O engraçado é que Zé Adegildes percebeu a história, por que estava no aeroporto e ameaçou denunciar pro Dentel, fulo de raiva da gente”.

Esses depoimentos marcam o lugar de importância que o rádio ocupava em Cajazeiras na década de 70, marcam também a luta travada entre elas para garantir seu espaço na comunidade. E mostra como as ilusões eram vendidas, pois o rádio não precisa de imagens com movimento para afirmar o que está dizendo, não é como a televisão, que encontra na imagem visual a referência para o que diz. Uma folha de zinco imitava o som de um avião e só quem tivesse no lugar da notícia percebeu a fraude em busca da audiência.

Se as primeiras rádios mantinham algumas diferenças, em outros aspectos eram bem parecidas, as duas emissoras tiveram que ser vendidas por seus proprietários, assim, segundo Vilar (1997, p. 58) “ambas debatiam-se com as mesmas dificuldades financeiras (...) em relação aos anunciantes e dos ‘milagres’ de que tinham que se valer, para manter a folha de pagamento (...)”. Mariana Moreira é quem nos conta sobre o momento:

“Até 84, início do ano de 84 eu trabalhei na Alto Piranhas e depois é... na época também a Alto Piranhas tinha sido vendida pelo Diocese, era uma emissora de rádio da Diocese de Cajazeiras e tinha sido vendida a algum pouco tempo a um grupo privado da cidade. E também em 84, 83 a Difusora Rádio Cajazeiras com seu primeiro proprietário Mozart Assis, tinha também vendido a emissora de rádio pra outro grupo e aí o pessoal implantou toda uma renovação na programação e agente foi trabalhar na Difusora Rádio Cajazeiras em 94 (...)”

Sobre a RAP, Nascimento (2003) nos diz que estando sufocada por diversos problemas, também de ordem financeira, a diocese teria sido obrigada a vender a emissora em 1982, ficando sobre administração do Senhor José Antônio de Albuquerque que trilharia novos caminhos e seria composta por um novo quadro de funcionários.

Relacionado à mesma questão, só que se referindo a DRC e a sua venda por Mozart, em 1985, Vilar (1997), nos diz que um dos motivos que desencorajam os radialistas a investirem na cidade seria o fato da dificuldade de convencer a população da importância dos anúncios publicitários, o que traria benefícios tanto para o

anunciante quanto para as empresas divulgadas. Sobre a venda da Difusora o próprio Mozart de Assis lhe disse

“Quando eu vendi a rádio em 1985 eu tomava dinheiro emprestado para pagar a folha de pagamento. O Estado mal pagava aquelas propagandas e olhe que propagandas da prefeitura e do Estado é quem mantém todas essas rádios do interior. É o setor público quem mantém”.

Então, segundo Wilson Lacerda “o grupo que assumiu a Difusora tinha uma nova proposta, um novo projeto mais ousado”, assim também se deu na Alto Piranhas. Essas emissoras teriam que se reestruturar também, anteriormente, em função da chegada da televisão - funcionando inicialmente apenas a TV Tupi, sendo captada a Globo somente a partir de 75/76 - no entanto segundo Mariana Moreira nos anos 70 os sinais de televisão eram muito precários, mas quando ela começou a ganhar espaço o rádio teve que se reorganizar, como por exemplo, fez com alguns programas jornalísticos que antes eram à noite e foram transferidos para a tarde, em função da audiência, a este respeito nos fala José Antônio:

“A noite, por exemplo, audiência do rádio cai muito em função da televisão, por que geralmente a maioria da população não trabalha a noite fica mais em casa, mas mesmo assim o rádio ainda tem audiência a noite, nós aqui trabalhamos só até as onze horas da noite, tem emissora que trabalha só até oito horas da noite, tira do ar pra economizar energia, mas tem emissoras que trabalham as vinte e quatro horas ininterrupto, significa que se ela trabalha vinte e quatro horas é porque ela tem audiência ninguém vai jogar dinheiro fora, né”.

Houve mudanças também, em função da FM (Frequência Modulada) em Cajazeiras, aliás, segundo Nascimento (2003), Cajazeiras foi o segundo município paraibano a funcionar com uma emissora FM, sendo ultrapassada apenas por Campina Grande e superando a capital do Estado. Foi no final da década de 70 - 1977 - que, novamente contando com a ousadia de Mozart de Assis, começou a funcionar em a Patamuté FM, já contando com uma certa vantagem sobre as emissoras existentes, como nos fala José Antônio, pois, “o grande problema do rádio AM ainda é a questão da sonoridade, né? diferente da FM que tem um som mais limpo, mais nítido e gostoso de se ouvir”. Sobre a programação Mariana Moreira nos conta que “era uma rádio mais pra um público selecionado, né? Até mesmo na música, eram músicas mais ditas elaboradas, refinadas... não tacavam músicas do dito ‘povão’”, assim,

“Esta segmentação, produzida principalmente pela diferenciação nos gostos musicais, criou dois espaços distintos: o das rádios AMs (com músicas populares, apelos e informações para um público com pouca cultura e trabalhador) e o das rádios FMs (com músicas internacionais, e mais recentemente nacionais, dirigidas para público urbano de jovens cultos).” (MAKOVICS, 2003, p.11).

Segundo Nascimento (2003, p. 177), esta programação mais elaborada da rádio FM em Cajazeiras era resultado de um contrato fechado com a Rede Transamérica de São Paulo, esta empresa produzia pacotes iguais de programas para emissoras FM que não dispunham de mão de obra qualificada, funcionava como “enlatados”, mesmo assim para os ouvintes “a Patamuté tornou-se a emissora de melhor programação musical da região, enquanto mostrava toda a cultura paulista invés da nossa”.

Mesmo depois dessa segmentação, da chegada televisão ou de outras mídias, o rádio não perdeu o lugar de importância que sempre ocupou na cidade, além de ter uma capacidade impressionante de se adequar as transformações e sobreviver, sobre esta capacidade de adaptação e sobre a mobilidade do rádio José Antônio nos diz que

“Milhares de pessoas que ligam o seu rádio na sua emissora de preferência, milhares de pessoa que ligam a internet pra ouvir sua emissora da sua preferência aqui de Cajazeiras e que mora lá longe (...) o rádio hoje com as novas tecnologias das redes sociais que permitem isso, hoje não há mais distância, não há distância que nos separe hoje, o rádio tem sido esse elemento catalisador, tem sido esse elemento propulsor da comunicação. E o rádio é diferente da televisão, por que o rádio você vai no carro você liga e ouve, você pega o seu fonezinho bota no ouvido vai fazer sua caminhada ouvindo rádio, liga lá na cozinha da tua casa a empregada fica sabendo das ultima novidades da novela, é diferente da televisão, a televisão você precisa sentar, ficar sem fazer nada só assistindo, o rádio não, você trabalha e ao mesmo tempo ouve, tem essa vantagem o rádio. E o rádio tem outro aspecto, a mobilidade - o transistor³³ - o camarada tá arrancando toco lá na roça, o transistor foi uma invenção extraordinária, o radinho de pilha você pendura na galha da aroeira, no pé de angico, você está limpando a roca e está ouvindo a notícia, está ouvindo a música, o seu time de futebol, como é que ele está, então o rádio é esse elemento de uma mobilidade simplesmente extraordinária e de comunicação rápida, você vai fazer uma transmissão por televisão é a maior complicação do mundo (...)”.

Além dessa mobilidade do rádio possibilitada pelo transistor, com o avanço tecnológico também houve melhoras na forma de fazer rádio, no que se refere a

³³ “O transistor, um componente eletrônico que permitiu levar o rádio a qualquer lugar, dispensando a energia elétrica, e fazendo surgir o famoso ‘radinho de pilha’”. (KOCHHANN e FREIRE, 2011, p. 271).

equipamento, por exemplo, como continuou nos dizendo José Antônio referindo-se a RAP: “antigamente aqui era uma parafernália pra você transmitir um programa de rádio, hoje com um computador e quatro microfones você faz tudo isso, antes você tinha todo uma parafernália de coisas...”. No entanto se houve facilidades técnicas com o desenvolvimento tecnológico, por outro lado passou a se exigir muito mais da formação dos profissionais ligados ao rádio, pois, “hoje não basta que o profissional saiba elaborar textos destinados à publicação impressa, por exemplo. Ele precisa estar apto a escrever para diferentes mídias, editar, fotografar, gravar entrevistas, entre outras atividades” (KOCHHANN e FREIRE, 2011, p. 267).

O fato é que a análise até agora empreendida focando principalmente alguns aspectos que foram rememorados por nossos entrevistados ou por autores da região que escreveram sobre o veículo, viajando entre o momento da instalação dos alto-falantes em 1930 até o surgimento das primeiras emissoras - a Difusora Rádio Cajazeiras e a Rádio Alto Piranhas - na década de 60, contemplando ainda as fases de transformação pelas quais as emissoras passaram da chegada da televisão, da frequência modulada, à sua venda por seus proprietários na década de 80³⁴, nos leva a pensar sobre as transformações no rádio e que o rádio trouxe para Cajazeiras, como também a importância do mesmo para a comunidade. Assim, tentaremos contemplar tais apontamentos a partir de algumas falas dos depoentes

“(…) Os bancos, instituições financeiras, desenvolveu também no comércio, empresas que aqui foram instaladas, tudo no impulso, na força dessa... da Rádio Difusora de Cajazeiras, na cobrança do público” (José Gunegunes).

“(…) Posso assegurar que nos dias atuais, desde a notícia, da cultura, do esporte, do lazer, em fim, N coisas, a rádio está presente em tudo isso” (Wilson Lacerda).

“(…) Também como elemento, que ainda continua hoje, de maior aproximação, digamos, com a comunidade, por que? Por que a televisão não tem canal aqui, então as notícias não saem, os fatos, o acidente, a briga, não sei mais o que... o que aconteceu na rua, as brigas políticas, os atos do prefeito, não sei o que... e isso tá saindo no cotidiano da rádio, então, as pessoas se sentem mais próximas da emissora de rádio, por que ela está muito mais no cotidiano dessas pessoas (...) ainda hoje eu acho, por exemplo, que as emissoras de rádio em Cajazeiras, elas ainda são um espaço de identificação da

³⁴ Quando as duas primeiras emissoras assumiram novas características, com novos proprietários, contratando um novo quadro de funcionários e implementando a programação, que se mantém basicamente a mesma até os dias atuais.

comunidade, da comunidade que liga, de São Paulo, e que manda um alô pra família (...)" (Mariana Moreira).

"Há o rádio teve uma contribuição muito grande para o desenvolvimento da cidade, em todos os sentidos, inicialmente foi a projeção de Cajazeiras pra todo o Nordeste, pelas emissoras de rádio Cajazeiras é uma cidade conhecida hoje, em toda Paraíba, em todo Nordeste, em função das suas emissoras de rádio, pelo jornalismo que ela desenvolve (...)principalmente no ensino superior, com relação ao município de Cajazeiras, as emissoras tem dado um contribuição muito nesse sentido que divulga e faz com que os alunos venham estudar em Cajazeiras, preferam Cajazeiras como mercado, como local de estudo e de trabalho" (José Antônio).

Das falas acima, considerando o lugar do qual falam os depoentes, podemos perceber que a presença do rádio transformou a dinâmica social de Cajazeiras, seja impulsionando o desenvolvimento e a instalação de empresas na cidade em função das propagandas veiculadas no rádio, ou funcionando como um veículo presente no cotidiano da população, até pelo fato de não possuir um canal de televisão local, agindo como um espaço de identificação social, ou por fazer Cajazeiras ser regionalmente conhecida em função da receptividade das emissoras locais nas cidades circunvizinhas.

Assim, a história do rádio em Cajazeiras pensada desde a implantação dos alto-falantes, sofreu consideráveis mudanças, tanto no que diz respeito ao rádio - surgiram novas emissoras e melhorou-se a estrutura - quanto aos profissionais - antes fazia-se rádio até sem nenhuma remuneração, por prazer, mas também numa forma de se firmar num lugar de poder e prestígio, hoje há mais uma profissionalização, o rádio é uma empresa que gera empregos na cidade - e também no que concerne aos ouvintes - aprenderam a utilizar o veículo como um espaço de utilidade pública, além dos momentos de lazer e diversão, por exemplo. Mesmo diante de tantas mudanças ele ainda é apresentado para nós como um espaço de identificação da população, sendo, o rádio o responsável por colocar a comunidade a par dos principais acontecimentos da cidade, responsável também por sua projeção para toda região, tendo em vista o alcance das emissoras, divulgando o comércio, as empresas e a cultura regional.

Mesmo diante das adversidades - segmentação, convergência digital - ele se mantém vivo e ativo, e como nos disse José Antônio "o rádio é aqui em Cajazeiras é um elemento muito forte, fortíssimo e nós esperamos que ele sobreviva ainda por muito tempo pra que ele possa continuar prestando grande serviço a população brasileira".

Sobrevivendo e se adaptando as transformações, é isso que esse veículo de comunicação massivo vem fazendo em todo o Brasil, mesmo reconhecendo que ainda se deva pensar, como sugeriu Mariana Moreira, o lugar que os ouvintes ocupam no rádio, ou mesmo reconhecendo, como pontuam a maioria dos entrevistados, o poder de manipulação que o mesmo exerce sobre a sociedade, ou no caso dos mais radicais, que haja questionamentos sobre sua futura existência em função da convergência digital, ou ainda sobre sua dependência ou subordinação em relação aos interesses políticos e econômicos, por exemplo, através do sistema de concessão. “Certamente nenhuma das respostas pode ser prevista, mas é do conhecimento geral que grandes emissoras terão que se adaptar aos novos tempos” (MAKOVICS, 2003, p.23), não apenas as grandes emissoras, mas também as de menor porte, como é o caso das de Cajazeiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que concerne às emissoras de rádio e a alguns aspectos que foram apontados pelos entrevistados, destacamos algumas especificidades do rádio em Cajazeiras.

Inicialmente, o fato de no Brasil e na Paraíba as primeiras emissoras surgirem revestidas dos ideários da educação, já que a publicidade ainda não havia sido regulamentada. Entretanto, em Cajazeiras as coisas se invertem e a cidade que tem sua história oficialmente ligada à educação, vê o surgimento da primeira emissora, a Difusora Rádio Cajazeiras, de 1964, em momento no qual a publicidade, a concorrência e as ações já estavam pautadas em fins lucrativos. Portanto, esse papel de privilegiar a difusão da cultura e da educação ficaria para a segunda emissora, a Rádio Alto Piranhas.

No que diz respeito ao sistema de alto-falantes, que foram a primeira forma de contato da comunidade com o rádio, estes foram instalados ainda na década de 1930 e segundo Vilar (1997, p. 45) foram amplamente aceitos pela população, pois, na década de 1950 já havia na cidade mais de 20 alto-falantes e estes eram de grande utilidade pública, pois, “desde o início, os SAFs trataram de refletir as necessidades e os problemas da cidade em sua programação”. Essa experiência artesanal, além de preparar a comunidade local para receber posteriormente uma emissora de rádio também conquistou sua importância no cotidiano local, tendo em vista o fato de que até os dias atuais a cidade conta com serviços dessa natureza, um exemplo é a NPR (Norte Publicidades Radiofônicas), de propriedade do senhor José Adegildes Bastos³⁵ criada no momento das primeiras experiências com os alto-falantes e presente até os dias atuais, numa alusão a aceitabilidade da qual estes serviços dispõem.

Outra característica da radiodifusão em Cajazeiras é a diferenciação entre as duas primeiras emissoras, dois gêneros distintos de rádio. A Difusora Rádio Cajazeiras, a pioneira, é de propriedade de uma pessoa particular, o senhor Mozart de Souza Assis e nasce com a importância de uma emissora que abrangeria toda região, pelo fato de só existir outra em Patos-PB, copiando o modelo das rádios mais renomadas, sendo, segundo fala dos entrevistados, mais conservadora e tendo mais presente as questões políticas. Em contrapartida e para disputar o pódio, nasce a Rádio Alto Piranhas, de propriedade da Diocese e com a função de educar e evangelizar, contendo, em sua

³⁵ José Adegildes foi um dos primeiros radialistas de Cajazeiras, no entanto, por motivo de forças maiores, não foi possível entrevistá-lo para esse trabalho.

programação, programas de alfabetização destinado aos ouvintes da zona rural e mesmo sob os auspícios da igreja, segundo os entrevistados, sendo mais liberal e ousada que a DRC, já que dava maior abertura à temas polêmicos que pudessem, por exemplo, vir a ferir interesses pessoais dos mais abastados, e que, normalmente, eram silenciados pela Difusora. No entanto, ressalvas devem ser feitas, pois, essa abertura dada pela Alto Piranhas era controlada de perto pelo bispo diocesano Dom Zacarias Rolim de Moura, exemplo disso foi o programa “Discoteca Dinamite” ter sido retirado do ar por extrapolar esses limites. Assim entendemos que essas primeiras emissoras de Cajazeiras, não eram neutras, tinham seus interesses e intencionalidades, cada qual com seus limites e a seu modo, direcionados por seus proprietários e não se nega seu caráter político-ideológico.

Outra singularidade é a importância da rádio em uma cidade em que não há TV local, pois, seria no rádio que a população viria a encontrar espaço para contemplar questões do seu cotidiano, as últimas novidades sobre a moda, as notícias sobre um familiar ou o abraço esperado dos que estão longe. Até notícias sobre a política regional, por exemplo. Isso mostra que não é porque surge a televisão que o rádio vai ser suplantado, assim também não foi pelo surgimento do rádio que os jornais impressos foram. Não se nega, no entanto, que o que é novo gera um certo fascínio na sociedade, mas em Cajazeiras rádio e televisão ocupam espaços singulares, cada qual com sua importância.

Diante do exposto, esperamos que nossas contribuições sirvam para instigar novos debates, tendo em vista os inúmeros olhares que ainda podem ser lançados sobre a questão da radiodifusão em Cajazeiras, esperando, que o leitor lance seu olhar crítico sobre essas premissas e enverede-se pelo legue de probabilidades que permeiam a temática em questão.

REFERÊNCIAS

ABERT. **Tudo o que você precisa saber sobre rádio e televisão** - licenças, outorgas, taxas de penetração, receitas e receptores. Luis Roberto Antonik (org) - Brasília/DF, ABERT, 2010.

AVANCINI, Maria Marta Picarelli. **Nas tramas da fama: as estrelas do rádio em sua época áurea, Brasil, anos 40 e 50.** -Campinas/SP: UNICAMP, 1996.

BARBOSA, Jivago Correia. **Política e redemocratização na Paraíba:** o governo de José Américo de Almeida (1951 - 1956). - Fortaleza, ANPUH, 2009.

BIANCHI, Graziela Soares. Memória radiofônica - a trajetória da escuta passada e presente de ouvintes idosos. In: **E o rádio?** : novos horizontes midiáticos. (recurso eletrônico). Luiz Artur Ferraretto, Luciano Klöckner (orgs). – Porto Alegre: Edipucrs, 2010. P. 11-27. Disponível em <HTTP://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/> Acessado em 15 de outubro de 2011.

CAMPELO, Wanir. História sonora de uma cidade: belo cenário para um novo horizonte radiofônico. In: **História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil.** KROCKNER, Luciano; PRATA, Nair (orgs). -Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. Disponível em: <http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>. Acessado em 15 de outubro de 2011.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. Urbanidade, Modernidade e Cotidiano na Parahyba do início do século XX. In. ABRANTES, Alômia; NETO, Martinho Guedes dos Santos. **Outras Histórias: Cultura e Poder na Paraíba [1889 – 1930].** -João Pessoa: Editora Universitária as UFPB, 2010.

CONCEIÇÃO, Francisco Gonçalves da; FERREIRA, Camila Chaves. **Propriedade cruzada:** a distribuição de concessões de rádio e televisão, formação de grupos de mídia e (re) estruturação de espaços públicos. - São Luís/MA: UFMA, 2011.

FREITAS, Goretti Maria Sampaio. A trajetória histórica da radiofonia campinense: da alto-falante ao FM. In: **História da mídia regional:** o rádio em Campina Grande. - Campina Grande/PB: EDUFCEG/EDUEP, 2006. P. 125/174.

GASPAR, Osmar Teixeira. **Mídias-** concessão e exclusão. -São Paulo: FDUSP, 2010.

GOLDFEDER, Miriam. **Manipulação e participação** - a Rádio Nacional em debate. - Campinas: UNICAMP, 1977.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. -São Paulo: Centauro, 2006.

JAMBEIRO, Othon; SANTOS, Suzy dos, Et al. **Estratégias de controle da mídia: o caso da radiodifusão no Estado Novo - 1937/1942**. EPTIC, 2003.

KOCHHANN, Roscéli; FREIRE, Marcelo (Et al). Convergência tecnológica, dispositivos multiplataforma e rádio: uma abordagem histórico-descritiva. In: **Mídia sonora em quatro dimensões: 1ª ouvintes e falantes, 2ª memória política, 3ª programas de rádio, 4ª tecnologia e futuro**. (recurso eletrônico) KROCKNER, Luciano; PRATA, Nair (orgs). -Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011, p. 267- 278. Disponível em: <http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>. Acessado em 15 de outubro de 2011.

LOPEZ, Debora Cristina. Marcos tecnológicos do radiojornalismo no Brasil: uma revisão histórica. In: **História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil**. KROCKNER, Luciano; PRATA, Nair (orgs). -Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. Disponível em: <http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>. Acessado em 15 de outubro de 2011.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: **Usos e abusos da história oral**. Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira (Orgs). - Rio de Janeiro: editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 15 - 25.

MAKOVICS, Nahara Cristine. **O rádio no Brasil: Da história às contribuições de Sônia Virgínia Moreira**. -São Bernardo do Campo: UMESP, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. - São Paulo: Parábola Editora, 2006.

MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba: Lutas e resistência**. -João Pessoa/PB: A União, 2013. (12º edição).

MORIN, Edgar. A integração cultural. In: **Cultura de Massas no Século XX: o espírito do tempo - Neurose**. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha - 9 ed - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. P. 13-77.

NASCIMENTO, Pereira. **História da radiodifusão na Paraíba**. -João Pessoa/PB: Editora Persona, 2003.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **O rádio na era da convergência das mídias**. - Cruz das Almas/ BA: UFRB, 2012.

NUNES, Mário Ritter. **O estilo na comunicação**. -Rio de Janeiro, Agir, 1973.

OLIVEIRA, Flavianny Guimarães de. Rádio e política em Campina Grande. In: **História da mídia regional: o rádio em Campina Grande**. - Campina Grande/PB: EDUFPG/EDUEP, 2006. P. 73/ 121.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. - São Paulo: Summus, 1948.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos. _Rio de Janeiro: Vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil**. -São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.

RIBEIRO, Adriana Gomes. “Ensinar para educar; educar para servir à Pátria”: a Rádio-Escola Municipal do Rio de Janeiro (PRD5), motivações, influências e técnicas de comunicação. In: **História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil**. KROCKNER, Luciano; PRATA, Nair (orgs). -Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. Disponível em: <http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>. Acessado em 15 de outubro de 2011.

RODRIGUES, Francisca Íkara Ferreira; SILVA, Erotilde Honório. A popularização do rádio no Ceará na década de 1940. In: **História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil**. KROCKNER, Luciano; PRATA, Nair (orgs). -Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. Disponível em: <http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>. Acessado em 15 de outubro de 2011.

RODRIGUES, Marly. **A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil.** -4º ed. - São Paulo, SP: Editora Ática, 2003.

ROLIM, Eliana de Souza. **Patrimônio arquitetônico de Cajazeiras- PB: memória, políticas públicas e educação patrimonial.** -João Pessoa/PB: UFPB, 2010.

SANTOS, Rosângela de Souza. **Rádio comunitária: um canal de expressão e participação do povo.** -João Pessoa: UFPB, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritos e ritos do Rio. In: **História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à era do rádio.** Coordenador geral da coleção Fernando A. Novais; organizador do volume Nicolau Sevcenko. -São Paulo: Companhia das letras, 1998. P. 513- 619.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: **História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à era do rádio.** Coordenador geral da coleção Fernando A. Novais; organizador do volume Nicolau Sevcenko. -São Paulo: Companhia das letras, 1998. P. 7- 49.

SILVA FILHO, Osmar Luiz da. **Na Cidade da Parahyba, o percurso e as tramas do moderno.** Tese (Doutorado em História). - Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1999.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito (1903).** - MANA, 2005. P. 577- 591.

SODRÉ, Nelson Werneck. Cultura nacional. In: **Síntese da história da cultura brasileira.** 19º ed. -Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 1999. P. 63-97.

SOUSA, Moacir Barbosa de. **As primeiras transmissões de rádio na Paraíba.** - Belo Horizonte/ MG: INTERCOM, 2003.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. O mundo que se ouve e o mundo que se vê; o rádio e os auditórios em Campina Grande. In: **História da mídia regional: o rádio em Campina Grande.** - Campina Grande/PB: EDUFCEG/EDUEP, 2006. P. 19/69.

TINCANI, Daniela Pereira. Rádio regional e a cultura midiática - PRA-7 (1924 - 1963). In: **E o rádio? : novos horizontes midiáticos.** (recurso eletrônico). Luiz Artur Ferraretto,

Luciano Klöckner (orgs). – Porto Alegre: Edipucrs, 2010. P. 28-42. Disponível em [HTTP://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/](http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/) Acessado em 15 de outubro de 2011.

VELLOSO, Monica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: **O Brasil republicano**. O tempo do nacional - estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo/ organização Jorge Ferreira e Lucilia de Almeida Neves Delgado. -4º ed. -Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011. P. 147- 239.

VIEIRA, Erika. A importância do rádio no Estado Novo. In: **Mídia sonora em quatro dimensões**: 1ª ouvintes e falantes, 2ª memória política, 3ª programas de rádio, 4ª tecnologia e futuro. (recurso eletrônico) KROCKNER, Luciano; PRATA, Nair (orgs). - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011, p. 71- 81. Disponível em: <http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>. Acessado em 15 de outubro de 2011.

VILAR, Lúcio. **Janelas da sedução cotidiana**: estudo sobre cultura e comunicação. - João Pessoa/PB: Editora universitária, UFPB, 1997.

VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: **Usos e abusos da história oral**. Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira (Orgs). - Rio de Janeiro: editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 248 - 265.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. As influências históricas da fase ouro do rádio comercial brasileiro nas emissoras do campo público: uma estação estatal comanda o espetáculo. In: **História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil**. KROCKNER, Luciano; PRATA, Nair (orgs). -Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. Disponível em: <http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>. Acessado em 15 de outubro de 2011.

ANEXOS

Anexo 1: Histórico da Difusora Rádio Cajazeiras.

HISTÓRICO DA DIFUSORA RÁDIO CAJAZEIRAS LTDA

A história da Difusora Rádio Cajazeiras Ltda., teve início através de experiências radiofônicas de caráter artesanal, mais precisamente com os serviços de Alto – Falantes (SAF) entre 1938/39, colocados nos postes de iluminação pública e distribuídos em alguns pontos da cidade.

O primeiro serviço de alto-falantes foi denominado de “Difusora Rádio Cajazeiras” por volta de 1938 de propriedade da Firma Carvalho e Dutra. A programação continha músicas e notícias, captadas das emissoras dos Estados vizinhos, a audiência era muito boa.

Assim denominada de Difusora Rádio Cajazeiras era instalado o 1º SAF, na cidade no dia 05 de Agosto de 1938.

Na década de 50 já havia mais de vinte alto-falantes espalhados pelas ruas da cidade.

Como estação de rádio, substituindo o então serviço de som, tomando a mesma denominação, iniciou-se em 19 de março de 1964, em fase experimental e, em 31 de maio do mesmo ano, com suas atividades normais, oficialmente.

Foi assim que a DRC surgiu, como a 1ª emissora de Cajazeiras denominada de Pioneira, a 2ª do Alto Sertão e a 4ª do Estado da Paraíba.

Razão Social: Difusora Rádio Cajazeiras Ltda., sociedade por cotas. Seus principais cotistas fundadores foram: Antônio Carvalho; Antônio Dutra, Mozart de S.Assis e Jessé de S. Assis entre outros, e atualmente José Cavalcanti da Silva, Kildare Queiroga Cavalcanti, Hélio Cavalcanti da Silva e José Cavalcanti da Silva Filho.

Anexo 2: Contrato social da Rádio Alto Piranhas.

CONTRATO SOCIAL PRIMITIVO

Por este instrumento particular, D. Zacarias Rolim de Moura, Brasileiro, Mons. Abdon Pereira, brasileiro, Côn. Vicente de Sousa Freitas brasileiro, residentes e domiciliados na cidade de Cajazeiras, Estado Paraíba, constituem a sociedade por cotas de responsabilidade limitada com a finalidade de explorar a concessão ou permissão que lhe for outorgada por ato dos poderes públicos, através da instalação de estações radiodifusoras nesta cidade de Cajazeiras, ou em outra localidade do Território Nacional, exploração essa sempre sujeita à legislação específica e de acordo com a mesma, visando sempre aos fins educacionais cívicos e patrióticos, tendo, paralelamente, como objetivo que lhe propiciará indispensável fonte de receita o comércio de propaganda e atividades correlatas e o que mais convier. A sociedade terá o seu foro e sede na cidade de Cajazeiras, Estado da Paraíba, podendo abrir filiais, escritórios, sucursais e agências em todo o Território Nacional, sempre que assim lhe convier e terá a sua sede na rua Padre Rolim nº 52. Todos os negócios serão regidos pelas condições, resumidas nas seguintes cláusulas:

CLÁUSULA I

A sociedade girará sob a denominação de Rádio Alto Firanhas Ltda. e terá como principal objetivo a instalação de estações radiodifusoras com finalidades educacionais, cívicas e patrióticas, bem como a exploração da propaganda comercial e atividades correlatas, mediante a obtenção do Governo Federal de concessões ou permissões, tudo de acordo com a legislação específica regedora da matéria.

CLÁUSULA II

A sociedade será constituída por prazo indeterminado, observando quando da sua dissolução, os preceitos da lei específica.

CLÁUSULA III

A sociedade por todos os seus sócios se obriga a cumprir, rigorosamente, todas as leis, regulamentos e instruções vigentes ou que vierem a vigorar referentes à radiodifusão.

CLÁUSULA IV

A sociedade por todos os seus cotistas se obriga a não efetuar qualquer alteração do presente contrato, sem que tenha, para isso, previamente, obtido autorização dos poderes públicos competentes.

CLÁUSULA V

As cotas representativas do capital social são inalienáveis e intransferíveis direta ou indiretamente a estrangeiros ou pessoas jurídicas, observando-se o art. 159 da Constituição Federal.

CLÁUSULA VI

As cotas são indivisíveis em relação à sociedade que, para cada um

CLAUSULA VII

O capital social será inicialmente de Cr\$ 500.000,00, representado por 500 cotas, de valor de Cr\$ 1.000,00 cada uma, assim distribuídas: D. Zacarias Rolim de Moura, brasileiro, solteiro, eclesiástico, 300 cotas; Mons. Abdon Pereira, brasileiro, solteiro, eclesiástico, 100 cotas; Cón. Vicente de Sousa Freitas, brasileiro, solteiro, eclesiástico, 100 cotas, respondendo cada um dos sócios pela totalidade do capital social.

CLAUSULA VIII

A sociedade será administrada por um dos seus sócios cotistas, ao qual serão conferidos, para esse fim, os poderes de Diretor Gerente, função em que defenderá os interesses da sociedade em juízo ou fora dele, cargo este, que neste ato, é atribuído ao cotista D. Zacarias Rolim de Moura.

CLAUSULA IX

Fica entendido que o Diretor Gerente, poderá fazer-se substituir por procurador que o representará em todos os atos de interesse da sociedade, gerindo e administrando, devendo, nesse caso, ser solicitado, para tal designação, prévia autorização do Governo Federal, apresentando-se, na oportunidade, a prova de nacionalidade do procurador que deverá ser sempre brasileiro nato e de idoneidade moral comprovada pelo competente atestado.

CLAUSULA X

Para os cargos de gerente, procurador, administradores, locutores e encarregados das instalações rádio-elétricas só serão admitidos brasileiros natos.

CLAUSULA XI

Todos os documentos que resultem em responsabilidade para a sociedade deverão ser sempre firmados pelo Diretor Gerente.

CLAUSULA XII

No fim de cada ano será levantado um balanço geral, para efeito de apuração de lucros ou prejuízos da sociedade. Dos lucros líquidos verificados, no exercício, serão deduzidos 10% (dez por cento) que se destinarão à constituição de reserva, providência esta que será facultativa, desde que o referido fundo atinja a metade do capital social.

CLAUSULA XIII

A distribuição dos lucros será susutada, sempre, quando se verificar a necessidade de atender a despesas inadiáveis que impliquem no funcionamento das estações.

João Pessoa, 21 de 19 de 1961
M. S. da Silva
Juliana Curvelo Mendes
O ABELIAS PUBLICO



**JUNTA COMERCIAL DO ESTADO
SELO DE ARQUIVAMENTO**

Pagou na 1.ª via do presente Contrato
o selo devido estadual, R\$ 699,00
os quais estão legalmente inutilizados pelo
Encarregado do Serviço.

João Pessoa, 21 de 19 de 19 61
Antônio Amílcar da Silva
Auxiliar do Escritório

Apresentado nesta Secretaria às 16 horas do dia 21 de
19 de 19 61 arquivado sob o número de
ordem 3719 por despacho de 21.12.1961
SECRETARIA DA JUNTA COMERCIAL DO ESTADO DA PARAIBA,
28 de 18 de 19 61
Antônio Amílcar da Silva
SECRETARIO

CLÁUSULA XIV

Os lucros líquidos restantes serão distribuídos entre os cotistas na proporção de suas cotas.

CLÁUSULA XV

Os casos não previstos no presente contrato serão resolvidos de acordo com os dispositivos da Lei nº 3.708, de 10 de janeiro de 1919, que regula o funcionamento das sociedades por cotas.

DISPOSIÇÕES FINAIS - O presente contrato, em cinco vias, de igual teor, está com a primeira selada por verba, de acordo com a Lei e as demais vias devidamente averbadas.

Paulo Lacsones Pelin de Jesus
Movido Brasil
Co. Viante Frutas

TESTEMUNHAS:

Luís Américo
Adriano Mendes Ribeiro

SÊLO POR VERBA

Pagou o selo de 400000 Duzentos mil
Cruzeiros conforme guia respectiva
nº 48 desta data.
Cot. em 4 de 1959
O Cot. Auxiliar

Anexo 3: Entrevista realizada com José Gunegunes de Aquino Silva em 09 de julho de 2013.

-O senhor poderia contar sua experiência na rádio. Desde o começo, sua participação na rádio, enfim, o início da experiência mesmo!

- É, um abraço para vocês que estão fazendo este trabalho, o nosso início no rádio foi a partir do ano de 1973, comecei aqui ainda como sonoplasta na Difusora e de lá pra cá é só galgando sucesso na radiofonia. De sonoplasta passei para operador de áudio, editais de som de áudio, em seguida passei pra locução, apresentador animador, então, é... hoje estou apresentando um programa aos sábados e também semanal aqui na Rádio Difusora de Cajazeiras. Uma experiência de muitos anos aqui nessa casa de comunicação.

- Desde que a Difusora foi implantada aqui na cidade o senhor percebeu que mudança a rádio trouxe para a cidade, se transformou alguma coisa na cidade a implantação da difusora aqui?

- Sim, não resta dúvida, mudou muita coisa. Principalmente evoluiu muito na comunicação, essa emissora tem dados relevantes à essa cidade. Começou com transmissor de 250 watts, depois passou para 1 000 watts, de 10 000 watts e agora 20 000 watts, e agora 25 000 watts, isso é uma prova que a cidade tem exigido muito da comunicação dessa emissora.

-Desde que a rádio foi implantada aqui como a rádio mudou, o que mudou na rádio? Houveram muitas diferenças? De transformação dentro da rádio mesmo, do seu surgimento até hoje?

-Programação, exatamente, vem mudando sempre de programação, sempre naquela intenção de melhorar a audiência pra o ouvinte. Programas, diretores, é... funcionários e também equipamentos, a rádio tem inovado muito em equipamentos e nas suas instalações, é tanto que ultimamente foi feita uma estrutura de modificação geral na estrutura da emissora.

- Quando a difusora foi implantada aqui na cidade de Cajazeiras ela tinha uma característica mais o que? Mais educativa, mais esportiva, qual a característica da programação da rádio mesmo?

- A difusora ela é mais, é, é... informativa e musical, e também informativo, jornalismo, primando mais pelo jornalismo.

- O que mudou do sistema de SAF, por que funcionava como sistema de auto falantes antes, não era? Agora para rádio fixa, teve alguma mudança no perfil da rádio?

- Sim, ela começou com serviço de auto falantes, tudo começou com serviço de auto falantes, com alto falantes instalados em vários pontos da cidade e aí os idealizadores, os donos do serviço de auto falantes tiveram a ideia de receber essa concessão de rádio e

começou aí a radiodifusão, a Rádio Difusora de Cajazeiras, que foi nome dado do serviço de auto falantes que era na época Difusora Rádio Cajazeiras.

- No início como se dava a participação dos ouvintes? Eles ligavam pra quê? E hoje, a participação dos ouvintes aumentou, eles ligam mais pra rádio? E quando ligam, ligam pra quê? Antes ligavam e ligavam pra quê? E hoje continuam participando muito da vida ativa da rádio e quando ligam, ligam pra quê?

- Antes a comunicação era através de cartas, depois passou para os telefones, o pessoal participavam mais, interativos, de pedir música, hoje não, hoje os ouvintes são mais exigentes cobrando, estão mais conscientes de suas responsabilidades na vida pública e exigindo muito na melhoria da cidade.

- o Senhor se lembra da participação da Difusora Rádio Cajazeiras em algum momento histórico aqui da cidade, em algum momento de importância, o senhor lembra se Difusora teve uma participação, cobriu alguns desses momentos?

-Muitos, muitos eventos, inclusive até a vinda de... de, do presidente da república aqui, foi o caso do Lula na época, a Difusora fez a solenidade de cobertura, a vinda do jogador Pelé a Difusora também esteve na época, o Garrincha e muitas pessoas importantes que passaram por aqui e foram eventos de muita importância e relevância para a cidade e a Difusora esteve lá presente, e outros, e outros eventos de muita importância.

- O senhor percebeu alguma mudança econômica em função da implantação, da instalação da rádio aqui em Cajazeiras, por quê, com a instalação da rádio teve uma programação voltada para a divulgação do comércio, aqui, local. Quando foi instalada a Difusora e essa programação foi colocada no ar fazendo, divulgando o comércio local, o senhor percebeu algum desenvolvimento econômico, alguma mudança econômica mesmo na cidade quando a Difusora foi implantada?

- Sim, é verdade, os bancos, instituições financeiras, desenvolveu também no comércio, empresas que aqui foram instaladas, tudo no impulso, na força dessa... da Rádio Difusora de Cajazeiras, na cobrança do público.

-Falando mais de sua experiência pessoal, como foi o convite pra vir participar da Difusora? De quem veio? O programa? Enfim, falando mais agora do senhor diretamente com a rádio.

- Não, o meu ingresso no rádio, foi desde o sonho, desde pequeno eu já sonhava com o rádio, eu tinha essa ideia, sonhava, é tanto que ia para serviço de auto falantes e comecei com o serviço de auto falantes NPR lá na Zona Sul da cidade, o pessoal trabalhava e virava muito serviço e hoje, depois vim aqui, falei com o diretor na época que era o senhor Mozar de Sousa Assis e... era o diretor geral dessa emissora e foi o que instalou e colocou no ar essa emissora com o senhor José Adegildes Bastos e outros, então eles me deram essa oportunidade de começar no rádio, comecei aqui e ainda estou há vários anos, há mais de 40 anos nessa emissora.

Anexo 4: Entrevista realizada com Antônio Wilson Lacerda em 09 de junho de 2013.

-Antônio Wilson Lacerda, conhecido por Wilson Furtado. É, eu venho de uma família de radialistas, todos os meus irmãos, homens, nós somos de uma família de 4 homens e 3 mulheres, nós quatro já na nossa cidade agente tocava essa questão do rádio, mesmo de forma amadora, né? Lá tinha um serviço de auto falantes que meus irmãos já participavam, nós somos de Bonito de Santa Fé, uma cidade muito próxima a Cajazeiras e depois aos meus seis anos de idade a família veio para Cajazeiras para que agente pudesse continuar estudos, e como meu irmão mais velho Ivan, já tinha experiência em rádio, Almair Furtado também brilhou no rádio paraibano e Almair Furtado que ainda hoje faz rádio e por incrível que pareça nós trabalhamos na mesma empresa, eu acho que isso influenciou a minha entrada no rádio muito jovem, eu comecei no rádio aos 13 anos de idade, comecei como e... hoje falam sonoplasta, mas é operador de áudio, em seguida fui pra redação, auxiliar de redação e depois fui galgando postos, ou seja, loco operação, reportagens, locução e apresentação e diretor de programação, tudo isso fui galgando com o tempo aqui na Difusora AM e Patamutê FM, mas verdadeiramente eu comecei na Rádio Auto Piranhas ainda no início da década de 80, um ano depois eu vim para a Difusora Rádio Cajazeiras já nessa questão da redação né? E hoje eu faço rádio a mais de duas décadas, sou um dos apresentadores do programa Boca Quente e sou um dos fundadores desse programa que é de muita audiência e que é muito copiado, assim, o nosso estilo de fazer rádio diferenciado até mesmo nas capitais, hoje colegas meus se destacam em Fortaleza, em João Pessoa, em outras placas fazendo esse nosso estilo de rádio.

- Quando a Difusora Cajazeiras foi implantada aqui a cidade ainda estava em panorama de desenvolvimento, ainda não era como é hoje, o senhor... como o senhor percebe a importância de uma emissora de rádio, essa sendo a primeira, para uma cidade que está se desenvolvendo, qual a importância disso para a cidade?

- Bom, o rádio faz parte da história né? Num contexto do crescimento da nossa cidade, dentro do âmbito sociocultural e econômico também, a rádio ela é formadora de opinião e nós que fazemos rádio somos responsável por transmitir no dia a dia os fatos e os acontecimentos e eu acredito que isso também possa contribuir e muito né? para o desenvolvimento da cidade.

- Eu acredito que existiram algumas mudanças na rádio desde o momento de sua fundação até hoje, como o senhor percebe essas mudanças, quais as mudanças? Desde o contexto histórico mesmo, da fundação da rádio até hoje.

- Muitas mudanças aconteceram, eu comecei em rádio muito cedo, aos meus 13 anos, observei uma coisa do analógico para o digital, o comportamento político, social e até mesmo o desenvolvimento econômico, como eu citei anteriormente, hoje a rádio vista de uma forma do lado profissional, de empresa, coisa que isso tem melhorado muito para a relação de profissionais com as empresas do meio de comunicação.

_ Falando de economia, pra cidade a implantação da Difusora mudou muita coisa no contexto econômico? Por que assim, com a implantação da rádio as empresas, os empresários acabaram tendo espaço para divulgar suas empresas, o senhor percebeu se com isso, na cidade, desenvolveu a economia, se acabou desenvolvimento o crescimento econômico de Cajazeiras?

- Pesquisas mostram isso e eu que lido no dia a dia com pesquisas do SEBRAE, de outros institutos, mostram que a economia também está paripasso dentro desse contexto da divulgação, as empresas que se instalam aqui buscam esses meios de comunicação para se tornarem conhecidas em seus negócios e esse feedback foi importante para alavancar não só o crescimento mas também tornar o rádio um instrumento viável de forma profissional.

- A Difusora começou como sistema de auto- falantes, certo? Depois ela se tornou uma estação de rádio fixa, como o senhor percebe essa mudança de auto- falantes para fixo na rádio?

- Não era bem minha época, mais eu costumo muitas das vezes pesquisar um pouco da história e pelo que eu ouvi de alguns companheiros, assim como o saudoso Ferreira Lima e outros que passaram pela redação pelo menos na minha época que eu fazia redação com alguns companheiros observava-se que do serviço de auto falantes à chegar a concessão de rádio, por que rádio é uma concessão que o governo faz com alguns setores principalmente ligado a radiodifusão, até mesmo hoje empresários estão nesse ramo, muita coisa... houve muita transformação, né? Acredito que tudo tem um início, um meio e até chegar aos primórdios de hoje, houve uma, digamos assim, que eu possa expressar em palavras... um avanço dentro desse contexto que não dá pra resumir em simples palavras, mais que foi muito importante é... para o meio de comunicação ter uma rádio que avançou desde a sua história do seu... quando nasceu né? do seu nascedouro, como serviço de auto falante, depois uma concessão de rádio e hoje uma das rádios mais potentes do Estado da Paraíba, que é a Difusora Rádio Cajazeiras.

- Talvez, não sei se o senhor presenciou esse momento, ou se tem informações de terceiros, em fim. Mas o senhor sabe me dizer no início qual era o perfil da rádio? se tinha um espaço grande pra propagandas? Se tinha um caráter mais educativo, se era mais informativo? Como surgiu? Quais eram as características da Difusora no momento da sua fundação. E hoje ela tem caráter mais educativo? mais informativo? em fim, essa questão de transformação mesmo.

- Eu posso lhe falar dos dias atuais, né? É... do passado só de ouvi dizer, mas a rádio sempre teve um caráter informativo, teve um caráter jornalístico, um caráter de formação de opinião, posso assegurar que nos dias atuais, desde a notícia, da cultura, do esporte, do lazer, em fim, N coisas, a rádio está presente em tudo isso. Até na religião também, nas religiões.

- E em termos de participação dos ouvintes hoje, eu creio que cresceu muito a participação dos ouvintes, por que antes eles participavam mais por cartas, em fim. Hoje

os ouvintes acabam ligando muito pra rádio, principalmente pro programa do qual o senhor faz parte. Os ouvintes hoje ligam pra rádio mais pra quê? Como se dá a participação efetiva dos ouvintes, hoje, na rádio?

- Olha antigamente era uma coisa muito nostálgica, através das cartas que eram endereçadas aos programas musicais. Nos dias de hoje nota-se que há mais uma questão de utilidade pública dentro desse contexto de achados e perdidos e as reivindicações que é feita no cotidiano, é, esgoto estourado, uma lâmpada queimada em alguma rua, a reivindicação da solicitação de melhoria de calçamento, saneamento, rede de esgotos e assim sucessivamente.

- Tudo bem que o senhor não está há muito tempo aqui na Difusora, desde o início, mais o senhor lembra da participação da Difusora em algum momento histórico aqui da cidade que a Difusora cobriu algum momento que seja de importância, de importância mesmo pra cidade em que a difusora estava presente?

- Eu acho que a Difusora faz parte nesses quase 50 anos de existência, que nós vamos alcançar agora para o ano, de boa parte da história de Cajazeiras. E ela esteve presente em todos os momentos importantes, pelo menos eu acompanhei, a Difusora transmitiu a posse da Assembleia Nacional Constituinte em 1986, nós estivemos tanto na posse como na promulgação e nós tivemos um feito inédito, eu fui o primeiro repórter constituinte eleito pela Associação de Imprensa do Distrito federal pelo nosso modo ousado, ou seja, nós não conhecíamos Brasília e chegamos lá eu e outros companheiros de rádio é... Tínhamos um sistema de transmissão, a Difusora sempre procurou inovar dentro do contexto da comunicação em equipamentos, e os nossos monitores eram muito parecidos com os monitores que usavam dentro do Congresso nacional e nós passamos durante quase toda transmissão falando direto lá, Junto com os nossos parlamentares que representavam a Paraíba, os nossos deputados, eu me lembro, Cássio Cunha Lima em seu primeiro mandato á Deputado federal aos seus 20 e poucos anos, o Deputado Federal de Cajazeiras Edno Tavares que representava a nossa região e outros que nós entrevistávamos e em dado momento já próximo de encerrar o início na Assembleia Nacional Constituinte nós fomos chamados pela mesa diretora que não podíamos estar naquele recinto, apenas os parlamentares, e nós fomos confundidos com o pessoal de dentro do Congresso e pedimos nossas desculpas mas o trabalho já estava feito, o que rendeu pra gente esse premio da Associação do Distrito Federal, de Brasília, por que nós furamos os grandes veículos de comunicação da época que era a Bandeirantes, a Rádio Tupi, e o Correio Brasiliense e outras emissoras de grande porte do país, quando nós aqui do estado da Paraíba, do interior do Estado tivemos digamos, esse privilégio de estar ao lado dos nossos constituintes enquanto as emissoras estavam num local reservado, né? Onde tinham as cabines de, de imprensa e só depois é que nós fomos chamados para fazer o trabalho do local adequado, fomos entrevistados pela mídia televisiva pelesse feito. Eu acho que isso marcou um pouco da história da radiodifusão paraibana quando nos tornamos repórteres constituintes.

- É, o senhor repetiu umas três vezes o termo a rádio é formadora de opinião. O que o senhor entende por sendo formador de opinião? Fale um pouco sobre isso de o rádio ser formador de opinião.

- Bom é, todos sabem que nós que fazemos rádio influenciamos e muito a sociedade civil organizada, os nossos ouvintes. Por isso que nós temos que ter a responsabilidade quando na transmissão dos fatos, ouvindo a denúncia o denunciado e buscando fazer um jornalismo com seriedade dentro dos critérios que a técnica nos repassou e o nosso conhecimento, a nossa vivência de profissional. Então agente tem que ter esse cuidado de, como formador de opinião que somos sempre espelhar a verdade dos fatos, buscar seriedade e informar com precisão por que uma notícia trucada pode levar uma sociedade a uma inversão dos fatos e esse não é o nosso objetivo, o objetivo é de bem informar para que a sociedade, que também é formadora de opinião, tenha uma opinião correta sobre os acontecimentos.

- Falando mais agora da sua experiência pessoal mesmo, como veio o convite pra participar da Difusora, em fim, como o senhor chegou aqui na Difusora, mesmo da criação do “Boca Quente” e qual a função social, mesmo, do “Boca Quente” pra cidade de Cajazeiras?

- Em síntese é... eu fui convidado pra vir pra Difusora por um irmão, Amauri Furtado, que já tinha ingressado na Difusora AM advindo da rádio Auto Piranhas e como eu iniciei na rádio auto piranhas e ele que também foi um dos grandes motivadores ao lado do meu irmão, saudoso irmão radialista Almair Furtado é... nós, como eu disse que somos uma família de rádio, ele fez o convite eu era sonoplasta, trabalhava no setor de áudio e ele me convidou para vir para a redação da Difusora Rádio Cajazeiras como forma de ascender, de também estar num posto mais elevado e já começar uma carreira dentro do rádio jornalismo. A criação do programa “Boca Quente” veio do advento quando a Difusora Rádio Cajazeiras que pertencia ao grupo que iniciou os trabalhos de é... desde a sua essência, desde o seu nascedouro até a década de 80 quando na década de 80 outro grupo assumiu a radiodifusão é... os destinos da Difusora Rádio Cajazeiras e ai foi até uma nova nomenclatura, “A Nova Difusora”. Eu já vinha trabalhando com o senhor Mozart de Assis, que era um dos sócios proprietário das Difusora AM e criador da Patamuté FM, que foi ele quem trouxe a Patamuté FM para a cidade de Cajazeiras, e o grupo que assumiu a Difusora tinha uma nova proposta, um novo projeto mais ousado por sinal e eu fui me encaixando dentro desse novo projeto inicialmente como repórter, depois como locutor apresentador e fiz parte da criação do programa “Boca Quente” dentro dessa nova geração do Rádio e estamos aqui presentes, quase duas décadas no batente, buscando sempre trazer a boa informação e fazer o rádio de forma séria, correta, objetiva e nós temos um diferencial dos demais, aquele projeto quadrado nós demos um diferencial. O programa “Boca Quente” é um programa muito popular, é um programa desde a sua criação que busca a informação em toda a sua essência, ouvindo a denúncia, o denunciado, dando espaço para a comunidade, é o nosso diferencial, da participação popular, até mesmo a nossa opinião do dia a dia dentro dos fatos que nós sempre relacionamos dentro do nosso cotidiano.

Anexo 5: Entrevista realizada com Mariana Moreira Neto em 25 de Julho de 2013.

- Na verdade eu comecei a trabalhar, na verdade, minha graduação é em comunicação social, né? então eu comecei a trabalhar em rádios em Cajazeiras, eu terminei o curso em 82 e no meio do ano, em novembro, em já comecei a trabalhar na Rádio Alto Piranhas. Até 84, início do ano de 84 eu trabalhei na alto Piranhas e depois é... na época também a Alto Piranhas tinha sido vendida pelo Diocese, era uma emissora de rádio da Diocese de Cajazeiras e tinha sido vendida a algum pouco tempo a um grupo privado da cidade. E também em 84, 83 a Difusora Rádio Cajazeiras com seu primeiro proprietário Mozart Assis, tinha também vendido a emissora de rádio pra outro grupo e ai o pessoal implantou toda uma renovação na programação e agente foi trabalhar na Difusora Rádio Cajazeiras em 94, foi uma turma, eu, Josival Pereira, Fábria Carolino... fomos, nos agregamos aos profissionais que já trabalhavam na rádio como Anchieta, Marcos Rodrigues, Ferreira Lima e começamos então a trabalhar, com uma nova programação, que tinha o programa Boca Quente, toda essa programação.

- A senhora como socióloga. Como a senhora percebe a importância do rádio, no caso a Difusora, a primeira Rádio pra Cajazeiras, uma cidade ainda nova, que estava se desenvolvendo.

-É, a rádio ela tem uma importância e desde a fundação que ela tem, a sua criação, que ela tem... até por que por muito tempo, antes da chegada dos sinais de televisão aqui em Cajazeiras o que só vai acontecer no final dos anos 60, meados dos anos 70 aliás, né? é, era o rádio o veículo de comunicação mais importante, então tudo girava em torno da rádio, né? da notícia... do aviso de quem tinha nascido na maternidade, uma mulher vinha para dar a luz na maternidade então o aviso era colocado para os familiares que ela tinha dado à luz, que estava bem, não sei o que... então disse às notícias nacionais, internacionais. Claro, não tinha a facilidade da comunicação de hoje e era tudo muito na base do rádio- escuta, dessa improvisação. Então, rádio, ela tem essa importância, por exemplo, eu mesma trabalhei muito de 82 a 93, quase 11 anos em emissora de rádio e depois ingressei na universidade em abril de 93, mas mesmo assim ainda hoje as pessoas ainda me identificam, as vezes como eu, pela minha voz... as vezes eu chego em um lugar falo alguma coisa e as pessoas: há, você é Mariana Moreira que trabalhava em rádio, e por que, que não trabalha mais? Ou seja, então, o rádio ela tem aqui em Cajazeiras e como eu acho que não é uma prerrogativa de Cajazeiras, mas o rádio ele

tem essa, essa potencialidade de, pela facilidade de deslocamento você com um radinho de pilha levava pra qualquer lugar, né. O trabalhador lá na roça pegava o radinho de pilha e pendurava lá no galho da árvore e enquanto trabalhava ficava ouvindo o rádio né? então essa mobilidade que o rádio primeiramente tem, hoje claro, você pode fazer isso com a televisão, né? aparelhos pequenos, minúsculos, mas a 20 anos traz essa mobilidade que o rádio permitia, que a tecnologia do rádio permitia, fez com que ele tivesse toda essa relevância em Cajazeiras e também como elemento, que ainda continua hoje, de maior aproximação, digamos, com a comunidade, por que? Por que a televisão não tem canal aqui, então as notícias não saem, os fatos, o acidente, a briga, não sei mais o que... o que aconteceu na rua, as brigas políticas, os atos do prefeito, não sei o que... e isso tá saindo no cotidiano da rádio, então, as pessoas se sentem mais próximas da emissora de rádio, né? por que ela está muito mais no cotidiano dessas pessoas.

- Como a senhora percebe a mudança mesmo, no rádio de quando ele surgiu até hoje?

- Claro que o rádio ele foi sendo remoldando, se requalificando a partir das mudanças, por exemplo, a chegada da televisão, né? a massificação, por exemplo, da televisão aqui em Cajazeiras reprogramou e repaginou as emissoras de rádio, quer dizer, elas tiveram que reelaborar toda uma forma de como elas passam a inserir é... eu lembro até minha adolescência aqui em Cajazeiras, anos 70 os sinais de televisão eram precários e aí então o rádio tinha uma importância, por exemplo, esses programas que hoje estão à tarde, os programas políticos, de debates, entrevistas, eram à noite e as pessoas botavam cadeiras nas calçadas e o radinho lá, tinha um programa famosíssimo na Alto Piranhas do Zeiltom Trajano, do médico que também era radialista Júlio Bandeira, a “discoteca dinamite” que era de um audiência fechada, quer dizer, a noite, a partir das oito da noite, depois da “Voz do Brasil” até meia noite era todo mundo com o radinho ligado, todo mundo ouvindo o “discoteca dinamite”. Então o rádio ele foi... claro, aí depois chega a televisão e o rádio se reorganiza, né? o rádio ele se reprograma pra isso mais, né? e vai também, mudando e se adequando a esses novos ouvintes, um ouvinte que agora, por exemplo, não quer ouvir só o violeiro, o repentista, né. Por exemplo, a Difusora Rádio Cajazeiras até a sua comercialização pelo seu proprietário, seu primeiro proprietário, seu Mozar, ela não exibia, não tocava, não veiculava músicas internacionais, eram só músicas nacionais, só músicas brasileiras, quer dizer... e além da televisão a rádio, por exemplo, ela teve a questão da própria é... num primeiro momento departamentalização

ente AM e FM, por exemplo, as FMs chegaram no início dos anos 80 em Cajazeiras com a Patamuté FM como, por exemplo, era uma rádio mais pra um público selecionado, né? até mesmo na música, eram músicas mais ditas elaboradas, refinadas, não sei o que, não tacavam músicas do dito “povão”, alguma coisa por ai, né? então até essa situação ela se organizou, se configurou, e o rádio ele, teve todo esse processo, mais ainda hoje eu acho, por exemplo, que as emissoras de rádio em Cajazeiras, elas ainda são um espaço de identificação da comunidade, da comunidade que liga, de São Paulo, e que manda um alô pra família, ou seja, ainda tem essa... o rádio ainda exerce essa função de ser ainda um espaço, com todas as ressalvas que são feitas pra questão da veiculação partidária das emissoras de rádio, essas questões que são bem evidentes mais ela ainda tem essa função bastante interessante.

- Quando o rádio surgiu aqui em Cajazeiras qual o perfil dele ele era mais musical? Mais informativo? Mais voltado pra educação?

- Ele... eu lembro que eu tinha quatro, cinco anos quando as primeiras emissoras de rádio entraram no ar aqui em Cajazeiras, eu tenho assim algumas lembranças, mas já a partir dos anos 70, eu lembro, o meu pai sempre teve rádio no sítio aí tinha muito... era muito definido, primeiro por que surgiam as duas emissoras, a Alto Piranhas e a Difusora, agora cada uma com um perfil, por exemplo, a Difusora era uma rádio de uma pessoa particular, a Alto Piranhas era uma rádio da Diocese, uma concessão que foi feita para a Diocese de Cajazeiras. Então, a Alto Piranhas mesmo pertencendo a Diocese de Cajazeiras ela tinha uma maior flexibilidade de programação, com programas políticos, por exemplo, o “discoteca dinamite” do Zeiltom Trajano que surgiu na Alto Piranhas, de manha também na Alto Piranhas, Dona Íracles Pires fazia um programa também, uma réplica reduzida do “Discoteca Dinamite”, inclusive o nome era “Mine Discoteca Dinamite” e, ou seja, nesse começo a rádio ela tinha um pouco... em quanto que a Difusora Rádio Cajazeiras ela tinha também uma programação digamos informativa, de noticiários, tinha o grande jornal falado, era do meio dia que também tinha uma audiência fechada e tinham outros noticiários horários e tinha muito essa brecha, essa abertura, por exemplo, pra os programas mais de entrevista, de debate, como a Alto Piranhas tinha e mais, a Alto Piranhas tinha uma, tal vez até pela própria questão dela pertencer a Diocese, ou seja, por ela ser vinculada a Igreja católica ela estava mais, digamos, mais isenta da própria questão política. Lembremos que as rádios de Cajazeiras surgem exatamente no período da ditadura militar, então tinha tudo isso e a

Alto Piranhas fazia alguns programas, por exemplo, musicais, de veicular música de Chico Buarque, não sei o que... considerados como subversivos, tinham os programas de música popular brasileira que eles faziam, tinham os debates, algumas coisas, então eles tinham uma abertura maior, enquanto que a Difusora talvez pela maior audiência fosse mais visada, ela tinha uma programação mais definida, mas estruturada e mais “conservadora”, noticiários, mais noticiários já ali prontinhos, nada de entrevistas assim, muito polêmicas, essas questões todas. Enquanto a Alto Piranhas tinha um pouco essa configuração mais flexível.

- falando do seu tempo de rádio, como era a participação dos ouvintes antes, e hoje? A senhora é mais espectadora, mais como a senhora percebe hoje a participação dos ouvintes? Antes eles ligavam pra que? Hoje ligam pra que?

- Olhe eu, eu sempre fiz algumas ressalvas quanto a participação dos ouvintes por conta da forma como você joga a informação no ar. Por que uma questão que eu acho que é fundamental e que infelizmente até mesmo quando eu trabalhei em rádio, eu tentava puxar um pouco essa discussão mais não tinha muita ressonância, a questão mesmo da ética profissional, não podemos já mais confundir liberdade de expressão com a possibilidade de você dizer o que quiser, inclusive ferindo, agredindo as pessoas, os ouvintes, é, sendo preconceituoso, sendo agressivo, por exemplo com questões religiosas, questões étnicas, ou seja, e de repente você não tem, por exemplo, como controlar se de repente você abre o microfone de uma rádio, libera o microfone e aí a pessoa fala o que quiser. Eu sempre fui muito preocupada com essa situação, sempre questionava muito, eu acho que tudo bem os ouvintes devem participar, mais sob alguns critérios, a partir de algumas questões que precisariam ser colocadas, não censura, mais critérios éticos, até mesmo, por exemplo, eu como radialista uma coisa que sempre me preocupava era quando eu sentava traz do microfone as milhares de pessoas que estavam me ouvindo e que estavam ouvindo o que eu estava falando, e aí tinham pessoas brancas, negras, gordas, magras, altas, baixas, novas, velhas, homens, mulheres, do campo e da cidade e aí, por exemplo, você não pode nesse contexto, você não pode de repente em nome de uma dita liberdade de expressão ser agressivo, ser preconceituoso, colocar as coisas, por exemplo, que depreciem um negro, o pobre, a mulher, ou seja, de repente agente escuta muita isso em emissoras de rádio e não só com os ouvintes, mas com alguns companheiros nossos também, por exemplo, esses programas policiais eles são espaços, em muitos momentos, de estímulo e de excitação

ao preconceito, agressão, ao desrespeito as pessoas, o cara foi preso mais ele pode ter sido preso injustamente, o repórter bota logo o microfone na boca do cara: por que você matou? Ou seja, você já está presumindo que o cara é assassino, então são todas essas questões que eu acho que eu me envolvi, agente tentou fazer alguns debates com Sindicato dos Radialistas, com a Associação Paraibana de Imprensa pra pensarmos um pouco essa questão da ética, de discutir até os limites e a vivência da liberdade de expressão, de opinião, que não é você dizer o que você quer, isso não é liberdade de expressão, a liberdade de expressão é você ter o direito a contradição, ao contraditório e que a sua opinião seja respeitada, claro, desde que ela não seja ofensiva, que ela não esteja agredindo à pessoas, que ela não esteja alimentado preconceitos, ódios. E aí a participação dos ouvintes, né? por que nem sempre o telefone ele é uma medida satisfatória da participação ou da abertura da emissora de rádio para a população e muitas vezes, como eu trabalhei em emissora de rádio e eu via isso nos bastidores, muitas vezes: há é fulano, não fulano não fala. Então existia toda uma censura (fulano não fala) por mil razões, de política, de questões partidárias, não sei mais o que, então essa questão. Dizer que é aberto para todos os ouvintes isso é meio questionável, primeiro porque agente sabe que isso não é verdade, segundo por que abrir o microfone pra todo mundo dizer o eu quer, não quer dizer que as pessoas estão realmente usando um meio de comunicação como um espaço de expressão de suas reivindicações, das suas demandas, de nada disso, então as vezes é muito mais esse lado da censura, da rádio sendo muito mais expressão de interesses políticos, comerciais, do que manifestação da vontade do povo de falar e de se expressar.

- Então esse controle que era dito na rádio era muito mais fácil de se fazer quando os ouvintes participavam através de cartas?

- Claro, através de cartas e até mesmo, quer dizer, dos ouvintes, quando se abre um debate, grava: olhe participe, as ligações... vão gravar... ou vai ouvir as pessoas nas ruas com gravadores, com tudo, aí você chega, escuta, edita até mesmo pra suprimir palavras, palavras ofensivas, por que é aquela história que eu disse, eu não me incomodo que você fale o palavra que você quiser mais, por exemplo, uma pessoa ao meu lado pode se sentir indignada com expressões ou forma que você fala, a forma que você expressa sua opinião então é isso que você tem que pensar. O cara pega o microfone, quantas mil pessoas me escutam nesse momento? E mais, quantas mil pessoas têm o que eu digo como referência? Olha, saiu na rádio foi a jornalista Mariana

Moreira que falou, então, querendo ou não os profissionais de rádio pela repercussão, pela importância e relevância que o rádio assumiu, eles são também considerados como formadores de opinião, então o que eles dizem: há saiu, o “Boca Quente” falou. Ou seja, alguém está prestando atenção naquilo e você pode induzir pra que as pessoas pensem de um jeito ou de outro. Por que a grande questão é: as rádios deveriam abrir sim espaço pra o contraditório, pra que se escute todas as opiniões, tem uma situação, não sei, mas aqui em Cajazeiras infelizmente e essa situação se complicou infelizmente com a venda da rádio Alto Piranhas pelo Diocese ai com o grupo privado que termina, os interesses políticos, são muito mais explícitos, então tem períodos, por exemplo, eu trabalhava na Difusora Rádio Cajazeiras em 84 na campanha pra governo do Estado era Buriti e um candidato de Wilsom Braga, acho que era José Carlos, não sei quem, e ai era o seguinte tinha mesmo claro lá, olha aqui de Buriti não se fala nem de bem nem de mal, de fulano só se fala de mal, de cicrano não se fala de mal, só de bem, ou seja, não era explícito, não tinha um aviso na parede, mais chegava os recadinhos pra gente, olhe não se pode falar de fulano nem de bem nem de mal, de fulano pode falar só de mal, de fulano só de bem o cabra pode ser o maior corrupto da história mais ele é um santo pra essa emissora então, essas questões elas se diluem e tentam ser camufladas nesse discurso de que a participação do ouvinte é uma medida da democratização da rádio, da sua popularidade, da sua abertura pra o público, será? Então são questões que eu acho que as rádios vivenciam, que elas enfrentam e que infelizmente não discutem e não pensam sobre isso.

- O rádio é e foi um meio de comunicação muito importante aqui pra Cajazeiras. A senhora tem lembrança de algum momento que foi de importância aqui pra Cajazeiras que o rádio cobriu, que esteve presente?

- Olha, teve um episódio que, um eu era ainda estudante, não participava ainda, não trabalhava em rádio, mais teve a questão da bomba, uma bomba que foi colocada no cinema em 1974, eu acho, no Cine Apolo 11, que mesmo com a questão da ditadura as rádios na hora, inclusive, quando a bomba explodiu no Apolo 11, a rádio era no mesmo prédio do cinema, então na hora se divulgou a notícia e ai a região toda ficou sabendo. Depois no período de seca que nós enfrentamos de 79 à 83 e teve um período uma semana aqui de muitos saques, muitas invasões de prédios, depósito de merenda escolar, o que hoje seria a CONAB e na época era SUBRASEM, Companhia Brasileira de Armazenamento , que guardava grãos e por exemplo, a cidade à noite teve toda essa

ocupação das populações da zona rural e no outro dia muitas das ruas de Cajazeiras estavam isoladas com barricadas da polícia pra evitar, não sei o que... e as rádios tiveram uma participação interessante nessas coberturas e claro a nível de alguns eventos que foram, por exemplo, mesmo a nível nacional mas que foram repercutidos em Cajazeiras pelas emissoras de rádio, a questão das manifestações pelas “diretas já”, debates sobre a questão da constituição de 88, Processo Constituinte, as rádios tiveram um bom espaço de discussão dessas questões.

- Quando o rádio foi implantado aqui em Cajazeiras já tinha sido promulgada a lei que permitia a divulgação de comerciais na rádio, com isso a senhora percebeu alguma mudança no comércio? O desenvolvimento econômico em Cajazeiras, a rádio acabou com essa abertura possibilitando o progresso econômico da cidade?

- Infelizmente eu não cheguei a alcançar isso, quando eu comecei a trabalhar em rádio, final de 82, a rádio já era um espaço de veiculação de comerciais a algum tempo, né? mais com certeza. Com certeza teve um incremento dessa divulgação, na medida em que a cidade, Cajazeiras foi a nível de interior da região, uma das primeiras a ter emissoras de rádio então, pelo menos eu lembro ainda muito da minha infância, adolescência, muitos dos comerciais veiculados na emissoras de rádio não eram só inclusive de Cajazeiras, mas eram de vários municípios da região: Sousa, Pombal, que não tinham emissoras de rádio próximas, só ia ter em Patos, veiculava mensagens comerciais nas emissoras de rádio de Cajazeiras, cidades do Ceará: Iguatu, Icó, Lavras da Mangabeira, Ipaumirim, veiculavam mensagens comerciais nas emissoras de rádio de Cajazeiras, então tinha toda essa importância não só para a própria cidade mais para a própria região, então era um espaço bastante interessante de divulgação de propaganda de comércio na região.

Anexo 6: Entrevista realizada com José Antônio de Albuquerque em 12 de agosto de 2013.

- professor nos conte como surgiu o seu interesse pelo rádio, sua experiência com o rádio.

- Eu sempre gostei de rádio, mesmo quando estudante aqui, participava de alguns programas, admirava o rádio, gostava de ouvir rádio e foi por ai que começou a minha paixão pelo rádio, por que rádio é uma paixão, né? foi dessa maneira, participando dos programas, entrevistas, dos debates que eu comecei a gostar do rádio.

-Falando do início da história do rádio aqui em Cajazeiras, como a população recebeu o rádio aqui em Cajazeiras, como foi a receptividade? Por que era uma coisa nova, uma cidade do interior, então o senhor sabe nos dizer como foi que a população recebeu o rádio aqui, ainda sistema de alto falantes, né?

- Inicialmente, Cajazeiras foi sempre uma cidade que foi muito envolvida com o setor de comunicação, nós temos aqui a mais de 80 anos serviços de alto falantes funcionando na cidade, então não foi novidade. Nós apenas deixamos de ouvir a rádio do poste pra passarmos a ouvir a rádio do Rádio, no receptor. Me recordo que em 1954, no Distrito de Boqueirão, quando chegou lá o primeiro rádio, eu morava lá, foi uma novidade muito grande e o pessoal se reunia a noite pra ouvir a rádio Tupi do Rio do Rio de Janeiro, a Rádio nacional e o pessoal sempre gostou de rádio, foi sempre fascinado, quando chegou aqui pra nós não era mais novidade, nós agora íamos ter não as notícias do Brasil, mas as notícias da região, da cidade, né. E isso aí pro povo, teve uma recepção muito grande a prova é que hoje o rádio é um elemento muito forte na cidade de Cajazeiras, inclusive se tornando quase que uma escola de radiojornalismo e além do mais tem um aspecto nessa questão do rádio aqui, é que hoje Cajazeiras possui seis emissoras de rádio, coisa sugêneres numa cidade do porte de Cajazeiras ter seis emissoras de rádio, quer dizer, o pessoal se envolve mesmo. O rádio foi tão forte que Cajazeiras antes da chegada do rádio tinha muitos jornais, houve uma década aqui que nós tínhamos sete jornais impressos e com a chegada do rádio esses jornais praticamente morreram.

- O que o rádio mudou na cidade?

- Há o rádio teve uma contribuição muito grande para o desenvolvimento da cidade, em todos os sentidos, inicialmente foi a projeção de Cajazeiras pra todo o Nordeste, pelas emissoras de rádio Cajazeiras é uma cidade conhecida hoje, em toda Paraíba, em todo Nordeste, em função das suas emissoras de rádio, pelo jornalismo que ela desenvolve, o pessoal muitas vezes prefere ouvir emissoras de rádio de Cajazeiras porque tem um jornalismo forte, então acho que o mais importante com relação a isso é a projeção em que o rádio contribuiu pra o nome da cidade de Cajazeiras.

- Como o rádio mudou? Da estrutura mesmo do rádio do sua fundação até hoje, como o rádio mudou?

- Olha o grande problema do rádio AM ainda é a questão da sonoridade, né? diferente da FM que tem um som mais limpo, mais nítido e gostoso de se ouvir. Mas agora mesmo estava tendo no Ministério das Comunicações uma definição do governo de melhorar o som da Rádio AM. E outro aspecto nessa questão do rádio é que ele mudou, porque, na qualidade do som em função dos novos equipamentos, das novas descobertas, das novas tecnologias. Antigamente aqui era uma parafernália pra você transmitir um programa de rádio, hoje com um computador e quatro microfones você faz tudo isso, antes você tinha todo uma parafernália de coisas, era um sistema muito rudimentar e hoje não, hoje com as novas tecnologias, com as novas mídias sociais o rádio ficou mais fácil de ser feito.

- No início, qual era o perfil do rádio aqui em Cajazeiras? Qual a programação? Era mais educativo? Mais informativo?

- Olha, por exemplo, a nossa emissora a Rádio Alto Piranhas, foi criada com a função de educar. Inclusive a Diocese de Cajazeiras quando a instalou, em 1966, ela tinha um programa de alfabetização e de aulas destinado aos alunos da Zona Rural, era um rádio que só sintonizava a Rádio Alto Piranhas, não sintonizava outra emissora só a Alto Piranhas. Naquele horário o monitor do sítio tal ficava ouvindo a rádio Alto Piranhas, formava sua turma e o rádio, e a aula que era transmitida aqui pela Alto Piranhas chegava a toda Zona Rural, foi um avanço naquela época, a Diocese dava o rádio, na década de 60/70, isso funcionou muito aqui em Cajazeiras. Inclusive tem pessoas que ainda possuem esse rádio (Rádio Cativo), Cativo só na Alto Piranhas. Então foi o que aconteceu? O que aconteceu é que a Alto Piranhas deu uma contribuição muito grande no setor educacional, outro aspecto também da emissora foi com relação a

evangelização, teve uma participação muito forte nessa questão da evangelização. E o segundo aspecto é que a emissora depois se projetou no jornalismo, se projetou na transmissão de partidas de futebol, incentivando o futebol, o Sport aqui na cidade e finalmente a música, dando prioridade a música regional, principalmente o forró.

- Quanto a participação dos ouvintes, em termos de mudança, houve muita mudança?

- Hoje é que o ouvinte participa mesmo, antes havia dificuldade de se colocar no ar um ouvinte, mas hoje com as novas tecnologias você facilmente coloca os ouvintes no ar. E hoje eles estão muito mais ativos cobrando das autoridades, pedindo música, mandando aviso, mandando um beijo, mandando abraço, mandando os parabéns de aniversário, o cidadão telefona de São Paulo, com a internet ele está ouvindo a rádio lá em São Paulo, está ouvindo na Itália, está ouvindo na França, no Japão, manda um alô de lá pra cá, pra que aquela pessoa que esteja lá no sítio ouvindo o seu radinho possa receber o alô daquele cidadão que está lá em São Paulo, com saudade da família que chaga até no ambiente das comunidades, principalmente das comunidades rurais do nosso município e de toda região.

- O senhor lembra participação do rádio em algum momento histórico aqui de Cajazeiras?

- Muitos, Cajazeiras... teve fatos aqui na cidade que marcaram profundamente o rádio. Houve um momento aqui que foi decisivo, inclusive quando ela pertencia a Diocese, houve um momento de uma crise muito forte entre o pessoal que fazia jornalismo e a direção da emissora, por que a emissora defendia um ponto de vista e os jornalistas que trabalhavam na emissora defendiam outro, foi quando pra aprovar o projeto Cura aqui em Cajazeiras, inclusive isso está citado no livro de Chico Rolim “Miolo do Sertão”, essa luta pela conquista do asfalto, do esgoto, projeto Cura. Então os locutores saíram dos estúdios, pelo telefone eles entraram no ar sendo contra a aprovação do projeto Cura pela Câmara Municipal de Cajazeiras, eles queriam um negócio muito grave aqui na cidade, inclusive a emissora foi tirada do ar pela direção para que esse movimento não fosse mais pra frente.

- O senhor percebe em Cajazeiras alguma mudança econômica em função do rádio? Por que o rádio deu esse espaço pros empresários divulgarem seu comércio.

- Sim, porque a publicidade é a alma do negócio, né. Se você divulga as lojas comerciais de Cajazeiras para todo Nordeste e mostra a potência econômica que ela tem, é claro que aqui vão chegar pessoas de toda região pra vir comprar aqui. Cajazeiras sendo um polo econômico, né? As escolas, muitas pessoas vem pra cá em função da divulgação que se dá ao potencial, principalmente no ensino superior, com relação ao município de Cajazeiras, as emissoras tem dado um contribuição muito nesse sentido que divulga e faz com que os alunos venham estudar em Cajazeiras, prefiram Cajazeiras como mercado, como local de estudo e de trabalho.

- O senhor disse que atualmente Cajazeiras tem muitas rádios, que é uma cidade pequena, mas possui muitas rádios. Como o senhor define o atual cenário radiofônico de Cajazeiras hoje?

- É cada vez mais promissor. Eu acho que as emissoras de Cajazeiras, essas seis emissoras, dão um bom número, a nossa tem cerca de vinte e três funcionários, acredito que o rádio em Cajazeiras emprega mais de cem pessoas, isso é uma pequena indústria. Não somente sob esse aspecto, mas Cajazeiras como formadora de mão de obra no setor radiofônico tem exportado dezenas de bons profissionais pra todo Brasil, não somente pra, por exemplo, a capital do Estado, mas nós temos aqui radialistas trabalhando em São Paulo, Ceará, Fortaleza, João pessoa, Recife, quer dizer Cajazeiras foi uma escola do rádio e assim ela tem se projetado, ela tem sempre exportado bons profissionais principalmente pra capital do Estado, que tem se formado aqui e quando chega na Capital dá um show, por que rádio é paixão, é amor, quem gosta de rádio sabe disso, o microfone é um vício, quem se apaixona pelo microfone gostando de fazer rádio mesmo, ele dá uma contribuição muito forte em todos os sentidos, na música, na comunicação, no Jornalismo, no esporte que é uma forma de fazer jornalismo, principalmente no entretenimento, né. Milhares de pessoas que ligam o seu rádio na sua emissora de preferência, milhares de pessoa que ligam a internet pra ouvir sua emissora da sua preferência aqui de Cajazeiras e que mora lá longe, um exemplo, quando é jogo do Atlético aqui em Cajazeiras, os apaixonados que não podem vir assistir o jogo, que está na Itália, está no Japão, está na França, na Inglaterra, em Portugal ele vai lá na internet e fica ouvindo e mandando alô: eu estou aqui na Itália, estou em São Paulo, em Ribeirão Preto, estou aqui em Fortaleza, estou não sei aonde, quer dizer, o rádio hoje com as novas tecnologias das redes sociais que permitem isso, hoje não há mais distância, não há distância que nos separe hoje, o rádio tem sido esse elemento

catalisador, tem sido esse elemento propulsor da comunicação. E o rádio é diferente da televisão, por que o rádio você vai no carro você liga e ouve, você pega o seu fonezinho bota no ouvido vai fazer sua caminhada ouvindo rádio, liga lá na cozinha da tua casa a empregada fica sabendo das ultimas novidades da novela, é diferente da televisão, a televisão você precisa sentar, ficar sem fazer nada só assistindo, o rádio não, você trabalha e ao mesmo tempo ouve, tem essa vantagem o rádio. E o rádio tem outro aspecto, a mobilidade - o transistor - o camarada tá arrancando toco lá na roça, o transistor foi uma invenção extraordinária, o radinho de pilha você pendura na galha da aroeira, no pé de angico, você está limpando a roca e está ouvindo a notícia, está ouvindo a música, o seu time de futebol, como é que ele está, então o rádio é esse elemento de uma mobilidade simplesmente extraordinária e de comunicação rápida, você vai fazer uma transmissão por televisão é a maior complicação do mundo, no rádio... aqui já houve época em que se transmitiu uma partida de futebol, pelas dificuldades que se tinha na época e o campo era muito distante do centro da cidade, o pessoal transmitiu o rádio usando a cerca de arame farpado de uma propriedade, veja como era a facilidade naquele tempo, hoje não, hoje com o celular você fala de qualquer biboca de cerra, entra no ar aqui na emissora e manda sua notícia, pede o seu alô, envia sua música, dá os parabéns pra namorada, manda um beijo pra ela, manda um beijo pro pai, manda um beijo pra mãe, manda o seu alô pede a música e fica curtindo o rádio. O rádio é indiscutivelmente um dos maiores veículos de comunicação que existe no mundo.

- E com a televisão aqui em Cajazeiras, mudou alguma coisa pro rádio?

- Sempre quando entra qualquer veículo, a noite, por exemplo, audiência do rádio cai muito em função da televisão, por que geralmente a maioria da população não trabalha a noite fica mais em casa, mas mesmo assim o rádio ainda tem audiência a noite, nós aqui trabalhamos só até as onze horas da noite, tem emissora que trabalha só até oito horas da noite, tira do ar pra economizar energia, mas tem emissoras que trabalham as vinte e quatro horas ininterrupto, significa que se ela trabalha vinte e quatro horas é porque ela tem audiência ninguém vai jogar dinheiro fora, né. Ma nós acreditamos que o rádio é um elemento de comunicação instantâneo diferente da televisão, mas a televisão ela roubou o número de audiência à noite, durante o dia não, o rádio é muito forte, principalmente no horário da manhã entre seis e oito horas, sis e dez horas e no período da tarde de meio dia até as três da tarde e o rádio é aqui em Cajazeiras é um elemento

muito forte, fortíssimo e nós esperamos que ele sobreviva ainda por muito tempo pra que ele possa continuar prestando grande serviço a população brasileira.

- A emissora de rádio aqui em Cajazeiras não foi novidade, mas sistema de alto falantes foi. Como a população reagiu?

- Olhe, o sistema de alto falante naquela época surgiram por questões políticas, o camarada queria mandar seu recado mandava pela emissora do poste, o pessoal parava pra ouvir, né. Mas mesmo assim a população aceitou é tanto que das que existiram no passado a mais importante delas depois se tornou emissora, a Difusora Rádio Cajazeiras, e outros serviços de alto falantes perseveraram como é o caso da Norte Publicidade Radiofônica e agora nós temos mais dois serviços de postes aqui em Cajazeiras e muitas cidades aqui do interior que não tem emissora de rádio estão utilizando esse serviço pra mandar o recado pra população.